



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira

**Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: O que a pandemia nos ensinou?**

Duque de Caxias

2022

Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira

**Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: O que a pandemia nos ensinou?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemary dos Santos

Duque de Caxias

2022

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEH/C

O48 Oliveira, Ana Carla Araujo Feijole de  
Tese Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: o que a pandemia nos ensinou? / Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira - 2022.  
113f

Orientadora: Rosemary dos Santos.

Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Filosofia – Estudo e ensino - Teses. 2. Sociologia – Estudo e ensino - Teses.  
I. Santos, Rosemary dos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. II. Título

CDU 1:316

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB 7 /5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira

**Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: O que a pandemia nos ensinou?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Aprovado em: 26 de abril de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemary dos Santos

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cleonice Puggian

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Rafael Marques Gonçalves

Universidade Federal do Acre

Duque de Caxias

2020.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos anjos, que Deus colocou no mundo para fazer da minha existência uma caminhada leve, alegre e feliz:

À minha amada filha Giulia, grande companheira para todas as horas, me ajudando nas diversas situações que envolveram a tecitura deste;

Ao meu marido, Isac, que é um parceiro da vida e grande apoiador de tudo que faço;

À minha mãe, Eunice, que me ensinou e me ensina muito, a cada dia. Sem esses ensinamentos não seria quem eu sou;

Ao meu pai, Cláudio Cesar, que sempre acreditou no meu potencial, me incentivando, sempre, nos desafios que encaro.

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Cale o cansaço, refaça o laço

Ofereça um abraço quente

A música é só uma semente

Um sorriso ainda é a única língua que todos entende

*Emicida*

## AGRADECIMENTOS

Eu quero externar a minha gratidão a Deus pelo dom da vida, em tempos de incertezas e tormentas. O existir, manter-me viva me traz um sentimento de muita gratidão. Agradeço a todas e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho:

Aos meu núcleo familiar: Giulia Feijole de Oliveira, Isac de Oliveira, Eunice Araujo Feijole e Cláudio Cesar Feijole, que me deu segurança emocional para desempenhar esta tarefa árdua e prazerosa, entendo que sem ele, eu não teria chegado até aqui.

À minha orientadora Professora Dra. Rosemary dos Santos, por compartilhar seus conhecimentos e afetos e ao grupo de pesquisa EduCiber que mais do que ser um apoio teórico metodológico é um rico espaço de troca e solidariedade. Destaco a Professora Dra. Mirian Amaral que contribui com indagações e provocações que nos fazem pensar, e a M.a Letícia Aires e o mestrando Cesar Mamédio, pela ajuda em todas e a qualquer hora.

Às minhas escolas, Colégio Estadual Monteiro Lobato e Colégio Estadual Barão de Mauá, à equipe diretiva e às minhas e meus colegas de profissão que lutamos juntas por uma educação emancipatória e transgressora.

Às professoras e aos professores, às alunas e aos alunos 3º anos do Ensino Médio do ano de 2020. Caminhamos juntas, enfrentando o vírus, nos apoiando emocionalmente e fazendo uma resistência com/pela/para a Educação.

À professora M<sup>a</sup> Rosane Barros e ao professor M.e André Luiz Bernardo Storino por mergulharem comigo no fazer docente e nesta pesquisa, estávamos juntas, formando e nos formando.

Ao grupo de pesquisa SoCib, que também pesquisa as relações entre Cultura e Educação mediadas pelas tecnologias, à coordenadora professora Dra. Luciana Velloso e em especial às mestrandas Karoline Neves e Ana Clara S. Thiago; iniciamos juntas nossa caminhada, com muitas trocas de conhecimento e afeto.

À coordenação, secretaria e ao corpo docente da FEBF que, diante de tantos desafios impostos pela pandemia, desdobraram-se para que a turma de mestrandos 2020, tivesse a melhor formação possível.

À banca, professora Dra. Cleonice Puggian e ao professor Dr Rafael Gonçalves pela avaliação atenciosa, esmerada e agregadora que dispuseram à esta dissertação.

E me apropriro dos versos do Emicida, para agradecer a todas e todos, pois ter o meu caminho atravessado por vocês, citados, afirmo e reafirmo que “tudo, tudo, tudo que nós tem

é nós! Cale o cansaço, refaça o laço...” Vocês foram tudo para que eu conseguisse realizar essa formação, com uma riqueza de conhecimentos que agregaram tanto na minha vida que a titulação acadêmica conferida a partir desta não expressa o tamanho dessa riqueza. Emicida diz “a rua é nós”, eu digo “a academia é nós”!



## RESUMO

OLIVEIRA, A. C. de A. F. **Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: O que a pandemia nos ensinou?** 2022. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

Esta dissertação tem o objetivo de compreender como os fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede inspiraram nos processos de ‘*aprendizagemensino*’ nas disciplinas de Filosofia e Sociologia na pandemia. O campo da pesquisa foi o Colégio Estadual Monteiro Lobato, situado no 4º distrito, Xerém, do Município de Duque de Caxias-RJ, com duas turmas do último ano do ensino médio. Por causa do Covid-19, as atividades presenciais foram suspensas no dia 13 de março e as aulas foram online até o fim de 2020. Esta é uma ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2019), com os aportes teóricos metodológicos, cuja perspectiva epistemológica baliza-se na multirreferencialidade (BARBOSA; MACEDO, 2012), nas pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2001) e bricolamos essas abordagens para compor um olhar plural a realidade complexa dos discentes e docentes periféricos e como estes constroem o entendimento contextualizado sobre as temáticas abordadas nas disciplinas de Sociologia e Filosofia. A partir da análise de material empírico, conversas no *WhatsApp* com os praticantes culturais da pesquisa, as gravações de quatro rodas de conversa online que aconteceram pelo *Google Meet* entre abril e agosto de 2020, o arquivo com o chat das rodas, a produção das rodas de conversas com os praticantes culturais, o professor de Filosofia, alunas e alunos das turmas. Esta buscou compreender sobre a prática docente, o papel da escola online em tempos de pandemia, a importância de defender a permanência das disciplinas citadas na educação básica e os atos de currículo (MACEDO, 2012) no ‘*aprenderensinar*’ nas redes educativas (ALVES, 2011) que emergiram a partir dos fenômenos ciberculturais. Entendendo a partir das narrativas analisadas que neste período o fazer docente se configurou com um #novonormal, os discentes se preocupavam com a educação online por quererem saber “Vou passar de ano?” e as implicações desta resposta. Como as desigualdades de acesso à educação online influenciaram na implementação da mesma e como os acontecimentos, neste período compreendido, revelaram a emergência da educação antirracista.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Ensino de Sociologia. Redes Educativas. Conversas. Pandemia.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, AC de AF **Philosophy and Sociology on the wheels of online conversations: What has the pandemic taught us?** 2022. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

This dissertation aims to understand how sociotechnical and cultural phenomena mediated by networked digital technologies inspired the 'learning-teaching' processes in the disciplines of Philosophy and Sociology in the pandemic. The field of research was the Colégio Estadual Monteiro Lobato, located in the 4th district, Xerém, in the Municipality of Duque de Caxias-RJ, with two classes of the last year of high school. Due to Covid-19, face-to-face activities were suspended on March 13 and classes were online until the end of 2020. This is a cyber-research-training (SANTOS, 2019), with theoretical and methodological contributions, whose epistemological perspective is based on multi-referentiality (BARBOSA;MACEDO, 2012), in research with everyday life (ALVES, 2001) and we make these approaches to compose a plural look at the complex reality of peripheral students and teachers and how they build a contextualized understanding of the themes addressed in the disciplines of Sociology and Philosophy. From the analysis of empirical material, conversations on WhatsApp with the cultural practitioners of the research, the recordings of four wheels of online conversation that took place through Google Meet between April and August 2020, the archive with the chat of the wheels, the production of the wheels of conversations with cultural practitioners, the Philosophy teacher, students and classmates. This sought to understand about teaching practice, the role of the online school in times of pandemic, the importance of defending the permanence of the subjects mentioned in basic education and the acts of curriculum (MACEDO, 2012) in 'learning to teach' in the educational networks (ALVES, 2011) that emerged from the cybercultural phenomena. Understanding from the analyzed narratives that in this period teaching was configured as a #new normal, students were concerned about online education because they want to know “Will I pass the year?” and the implications of this answer. How inequalities in access to online education influenced its implementation and how events in this period revealed the emergence of anti-racist education. Students were concerned about online education because they want to know “Am I going to pass the year?” and the implications of this answer. How inequalities in access to online education influenced its implementation and how events in this period revealed the emergence of anti-racist education.

Keywords: Teaching Philosophy. Teaching Sociology. Educational Networks. Conversations. Pandemic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Intervalo das aulas no IFCS UFRJ.....	12
Figura 2 - Visita à Ilha Fiscal. ....	13
Figura 3 - Roda de conversa no CE Monteiro Lobato.....	15
Figura 4 - Encontro do Grupo de Pesquisa EduCiber. ....	17
Figura 5 - Print do vídeo do ex-ministro da educação.....	27
Figura 6 - Humor sobre disciplinas de História, Filosofia e Sociologia.....	28
Figura 7 - Atual ministro da Educação.....	29
Figura 8 - Print de conversa com um praticante da pesquisa. ....	34
Figura 9 - Homenagens ao Jorge Floyd (EUA).....	38
Figura 10 - Print do vídeo do Emicida no programa Papo de Segunda (GNT).....	39
Figura 11 - Nuvem metodológica.....	41
Figura 12 - Colégio Estadual Monteiro Lobato.....	48
Figura 13 - Aline Dalvi Martins. ....	50
Figura 14 - Gabriel Silva Almeida. ....	50
Figura 15 - Hylary Soares.....	51
Figura 16 - Vitória Arcanjo Venâncio.....	51
Figura 17 - Professor André Luis Bernardo Storino.....	52
Figura 18 - Roda de conversas do coletivo feminino Girls Power.....	53
Figura 19 - Print da conversa entre mim e o professor André.....	54
Figura 20 - Reunião pedagógica em 07 de abril de 2020.....	57
Figura 21 - 1ª Roda de conversa online com as turmas de 3º anos do CEM.....	58
Figura 22 - Meme da professora de Sociologia e Meme sobre a fila da merenda.....	59
Figura 23 - Divulgação da segunda roda de conversa. ....	61
Figura 24 - Print da gravação da segunda roda de conversa.....	62
Figura 25 - Divulgação da terceira roda de conversa. ....	64
Figura 26 - Print da gravação da terceira roda de conversa.....	65
Figura 27 - Imagem para divulgação da quarta roda de conversa.....	67
Figura 28 - Print da gravação da última roda de conversa. ....	67
Figura 29 - Print de uma conversa ‘docentediscente’.....	78
Figura 30 - Print da tela das minhas turmas de 2021.....	80
Figura 31 - Print da tela de uma atividade de Sociologia.....	80

Figura 32 - Print de conversa com a professora Cláudia.....	86
Figura 33 - Print da gravação da aula de Filosofia e Sociologia sobre educação remota .....	89
Figura 34 - Print da participação dos alunos nas aulas.....	90
Figura 35 - Print da aula de Sociologia sobre o racismo.....	95
Figura 36 - Foto do último encontro presencial .....	97

## SUMÁRIO

	<b>VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO .....</b>	<b>12</b>
<b>1</b>	<b>CIBERCULTURA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NA REDE EM TEMPOS DE PANDEMIA .....</b>	<b>24</b>
1.2	<b>A emergência do extraordinário: desafios da docência .....</b>	<b>34</b>
<b>2</b>	<b>TECENDO ‘CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES’ A PARTIR DA BRICOLAGEM DE EPISTEMOLOGIAS .....</b>	<b>41</b>
2.1	<b>O campo, um canto de encanto .....</b>	<b>48</b>
2.2	<b>Praticantes culturais .....</b>	<b>50</b>
<b>3</b>	<b>DO PRESENCIAL AO ONLINE, AS RODAS DE CONVERSAS COMO UM DOS DISPOSITIVOS DESTA PESQUISA .....</b>	<b>55</b>
3.1	<b>Família Monteiro nos fortalecendo em momentos de crise, como uma aproximação entre docentes e discentes .....</b>	<b>57</b>
3.2	<b>Áreas e profissões: caminhos possíveis, conversa sobre o trabalho na pandemia e pós-pandemia.....</b>	<b>60</b>
3.3	<b>Pós-pandemia: Como será o novo normal? Sobre o ensino remoto e as angústias na pandemia.....</b>	<b>63</b>
3.4	<b>“Racismo na roda: mi, mi, mi ou lugar de fala?” Falas e reflexões sobre manifestações presencial e online contra o racismo.....</b>	<b>66</b>
<b>4</b>	<b>TECENDO REDES COMPREENDENDO AS NARRATIVAS DA ESCOLA ...</b>	<b>70</b>
4.1	<b>Nossos dilemas diante do extraordinário #novonormal .....</b>	<b>75</b>
4.2	<b>“Vou repetir o ano?” .....</b>	<b>82</b>
4.3	<b>As desigualdades ao acesso à educação online na pandemia .....</b>	<b>89</b>
	<b>CONCLUSÕES A PARTIR DAS TECITURAS TRAMADAS .....</b>	<b>98</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
	<b>ANEXO A - Carta de Anuência .....</b>	<b>112</b>
	<b>ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Maiores de Idade .....</b>	<b>113</b>

## VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO...

“Vou mostrando como sou  
 E vou sendo como posso  
 Jogando meu corpo no mundo  
 Andando por todos os cantos  
 E pela lei natural dos encontros  
 Eu deixo e recebo um tanto  
 E passo aos olhos nus  
 Ou vestidos de lunetas  
 Passado, presente  
 Participo sendo o mistério do planeta”.

*Mistério do Planeta, Novos Baianos, 1972.*

Esse trecho da música, *Mistério do Planeta*, dos Novos Baianos, grande sucesso nos anos 70, ilustra bem a minha trajetória acadêmica e de professora-pesquisadora. Parafraçando a canção, as minhas andanças pelo mundo me fizeram perceber diferenças, me possibilitaram escolhas, compondo, assim, o mistério do planeta. Andanças que me geraram questionamentos e indagações, os quais eu talvez não me desse conta de quão importantes eram até ingressar na graduação.

No Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando cursava a graduação em Ciências Sociais, comecei a entender a sociedade e as suas desigualdades. Entre conversas e risadas, no intervalo das aulas, contextualizávamos os teóricos estudados com as nossas vivências, enquanto sujeitos na sociedade. Eu e minhas amigas Cynthia, Renata e Luciana, conversávamos, nos corredores nos intervalos das aulas (Figura 1).

Figura 1: Intervalo das aulas no IFCS UFRJ.



Fonte: Acervo da autora, 1996.

Complementei o bacharelado com a licenciatura, esta última cursada na Faculdade de Educação da mesma instituição. Nela, entendi a necessidade da prática em sala de aula para

consolidar e contextualizar tudo que eu havia estudado. No ano de 2006, comecei a lecionar no Ensino Médio, as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia na rede privada. No ano seguinte, iniciei na rede pública no Colégio Estadual Monteiro Lobato.

Os desafios da prática educacional me impulsionaram a ampliar os meus conhecimentos, então ingressei na pós-graduação lato sensu na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Escolhi o curso Arte, Cultura e Sociedade do Brasil Colonial à República, que tinha por eixo central o estudo da História na Sociedade Brasileira, mas também contemplava cultura brasileira, memória e imagem, história da arte e metodologia da pesquisa. Sendo que essa última me despertou o interesse em iniciar na produção científica.

As aulas eram aos sábados, alternando aulas teóricas na universidade com aulas passeio, com base no conceito de Celestin Freinet<sup>1</sup>. Um dos locais visitados que se referiam aos nossos estudos foi, por exemplo, a Ilha Fiscal, onde ocorreu o último baile do Império. Na visita à Ilha fiscal, além dos conteúdos abordados, contemplar a beleza do Rio de Janeiro junto à turma de 2009 da Pós-Graduação de Arte, Cultura e Sociedade do Brasil Colonial à República, com a professora Márcia Elisa Rendeiro (Figura 2) foi um momento ímpar.

Figura 2: Visita à Ilha Fiscal.



Fonte: Acervo da autora, 2009.

Exercer o magistério era um desejo antigo, fomentado por eu ter estudado com bons professores e facilidade em me comunicar. Lecionar é sempre uma nova experiência a cada disciplina, a cada turma, a cada aula. É preciso acompanhar os estudos e as produções

---

<sup>1</sup> Aula-passeio é um momento de vivenciar, descobrir e sentir, despertando novos interesses e curiosidades nos discentes, os proporcionando sentir com todo o nosso ser, com toda a nossa sensibilidade natural (FRENET 1973).

científicas tanto da área da Educação quanto das Ciências Sociais, mas não é só isso. É preciso entender o sujeito que está na sala de aula, entender como ele vive, o que do afeta e o que gosta.

Nessa caminhada de quinze anos na educação, fui me aproximando dos educandos, querendo entendê-los e interagindo com eles, cada vez mais, no ciberespaço, que é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. (LÉVY, 1999, p. 92) Fui vivenciando a Cibercultura e seus fenômenos, conhecendo sobre redes sociais, salas de bate-papo, jogos e aplicativos (ou *Apps*). As atividades que realizo são: aulas passeio, seminários, elaboração de vídeos, debates e rodas de conversas sobre os conteúdos programáticos tanto da Sociologia quanto da Filosofia, pois estes também dialogam com os acontecimentos cotidianos e a cibercultura.

Práticas que eram tencionadas dentro e fora da sala de aula, pois o Governo do Estado do Rio de Janeiro promulgou leis<sup>2</sup> que proibiam o uso do aparelho celular dentro da escola. No Colégio Estadual Monteiro Lobato (CEML) ocorreu um episódio, que repercutiu na comunidade: foi publicizado um vídeo de autoria de alguns alunos, com conteúdo erótico. A proibição, portanto, não evitou o uso inadequado do dispositivo, então era preciso repensar o uso do celular na escola. Era praticamente impossível ter o controle sobre esse uso, já que, cada vez mais, a internet, as redes sociais e os *Apps* foram se tornando indispensáveis no nosso cotidiano.

Sendo assim, alguns professores, grupo no qual me incluo, passaram a usar os celulares como um dispositivo que potencializava a apreensão do conhecimento. Os discentes, que dominam essas tecnologias e por elas têm muito interesse, passaram a utilizar esses dispositivos para apresentação de trabalhos, de seminários utilizando recursos de imagem digital, vídeos e os produzindo também. Os alunos produziram curtas-metragens sobre diversos temas. No aniversário de 50 anos do colégio<sup>3</sup>, elaboraram vídeos sobre a escola e divulgaram nas redes sociais, através de uma *hashtag* (*#Monteirofaz50*), para divulgação do trabalho. Isso causou burburinho nas redes sociais, gerando uma rivalidade com os alunos de outras escolas, situação logo contornada e os alunos que eram rivais começaram, também, a ajudar a levantar a *hashtag*. Atividades, como debates e rodas de conversa, figura 3, também eram fomentadas por dispositivos como celulares e *tablets*.

---

<sup>2</sup> Lei nº 5222, de 11 de abril de 2008, que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> No ano de 2015 o Colégio Estadual Monteiro Lobato completou 50 anos.



Figura 3: Roda de conversa no CE Monteiro Lobato.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Não sendo possível permanecer nas duas redes, hoje atuo apenas na Rede Estadual de Ensino. Quando optei pela rede pública, fui motivada pelo entendimento do papel social e político que a educação tem, e quis me dedicar ao estudo e ao preparo das aulas. Escolha que fiz a partir de uma compreensão freireana, entendendo a educação como um ato político, cito:

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação (FREIRE, 2001, p. 25).

Observei que mesmo os discentes sendo de região periférica, 4º distrito do município de Duque de Caxias, onde, em média, o poder aquisitivo é baixo, os celulares e as interações nas redes sociais estavam cada vez mais frequentes no ambiente escolar. A escola em que ministro aulas de Filosofia e Sociologia há quatorze anos foi meu campo de pesquisa. O Colégio Estadual Monteiro Lobato é uma escola próxima à minha residência, proporcionando que minha convivência com as alunas e com os alunos não ocorra somente na escola, mas também na comunidade. Predominantemente por adolescentes entre 14 e 18 anos, esses discentes vivenciam a cibercultura, entendendo esse conceito a partir de Edméa Santos (2019): a cultura contemporânea mediada por novas tecnologias em redes, que possibilita diversos mecanismos de processamento, de armazenamento e de circulação de informações e

de conhecimentos. Promovendo mudanças nos modos e nos meios de produção e de desenvolvimento dessa cultura, “entre elas transformações dos clássicos processos de comunicação e sociabilidade, bem como de educação e aprendizagem.” (SANTOS, 2019, p. 59)

É importante destacar que a cibercultura é cultura! É a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades, no processo de comunicação. As práticas dessa cultura acontecem no ciberespaço-- “relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a internet, rede mundial de computadores, caracterizam e dão forma à cultura contemporânea como cibercultura” (SANTOS, 2019, p. 30). Como existem fenômenos na cultura, também os observamos fenômenos na cibercultura, fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede inspiram processos de *‘aprendizagemensino’*, pois esses têm um poder comunicacional de amplo alcance, nos despertando o interesse em compreender como esses potenciais comunicacionais podem contribuir para a formação *‘docentediscente’* em situações de aprendizagem formais e não formais. Importante para entender as narrativas construídas, tanto pelos docentes quanto pelos discentes, nas rodas de conversas, independentemente em que ambiente essas ocorrem, presencial ou online. No período do desenvolvimento desta pesquisa, de abril a agosto de 2020, o ensino aconteceu de forma remota, com aulas de Filosofia e Sociologia online e rodas de conversas.

No ano de 2018, a escola Monteiro Lobato passou a fazer parte do Programa de Inovação Educação Conectada<sup>4</sup>, programa que fomenta ações como a preparação do ambiente escolar esteja preparado para o recebimento da conexão de internet e a oportunidade de os professores conhecerem novos conteúdos educacionais e os alunos estreitarem o contato com as novas tecnologias educacionais, tal programa, percebe-se que corroborou com uma prática que já acontecia na instituição.

Havia um interesse em estudar a interação dos alunos no ciberespaço, do *‘aprenderensinar’*<sup>5</sup> Filosofia e Sociologia nele, com ele e por ele. O que me levou a ingressar como mestranda no programa de pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF - UERJ), campus Duque de Caxias. Esse tem por objetivo a formação de pesquisadores, visando a

<sup>4</sup> Disponível em: <http://educacaoconectada.mec.gov.br/#o-programa>. Acesso em: 24 abr.2021.

<sup>5</sup> Ao longo do texto, utilizaremos alguns termos unidos, em itálico e entre aspas, por acreditarmos serem indissociáveis. Escrevi *‘aprendizagemensino’*, por exemplo, convicta de que se não se pode ensinar sem aprender e um depende do outro, são ações que não podem ser pensadas separadamente. Alguns termos estarão no plural, por existirem múltiplas possibilidades expressas no termo.

qualificar futuros mestres mobilizados para investigar e compreender as causas e expressões dos problemas vivenciados nas periferias urbanas, relacionando-os com as questões da educação, da cultura, da comunicação e democratizando a produção científica.

Figura 4: Encontro do Grupo de Pesquisa EduCiber.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O EduCiber (Figura 4) é um grupo comprometido com a produção científica, que mesmo na pandemia da Covid-19<sup>6</sup>, embora sua prática tenha precisado ser modificada. Neste grupo de pesquisa, discutimos, em reuniões semanais, questões relacionadas à Educação e à cibercultura, coordenados pela professora Rosemary dos Santos, doutora em Educação.

Na segunda semana de fevereiro de 2020, iniciou-se o ano letivo; em março do mesmo ano, ingressei no mestrado e, no décimo terceiro dia do corrente mês, as aulas foram suspensas, o que significou que, com tão pouco tempo de inserção no curso, os encontros presenciais para leitura e discussão sobre a base teórico-metodológica das nossas pesquisas passaram a acontecer online, ainda que no mesmo dia e horário de quando eram presenciais. O grupo, formado por pesquisadoras e pesquisadores empenhados em compreender a

<sup>6</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 24 mai. 2020.

Educação e contribuir com ela, acolheu-me com minhas indagações sobre as redes educativas e como estas impactaram e influenciaram minha prática docente.

## **Primeiros passos: (Des) Construindo as maneiras de ‘aprenderensinar’ Filosofia e Sociologia**

“Meu amor  
O que você faria se só te restasse um dia?  
Se o mundo fosse acabar  
Me diz o que você faria  
Corria prum shopping center  
Ou para uma academia  
Pra se esquecer que não dá tempo  
Pro tempo que já se perdia”.

Paulinho Moska, *O último dia*, 1997.

“Não é a primeira vez que profetizam nosso fim,  
já assistimos a várias profecias.  
Enterramos todos os profetas”.

*Ailton Krenak, entrevista ao site Amazônia real, 2020.*

O poeta e cantor da música “*O último dia*”, Paulinho Moska e o líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro Ailton Krenak nos ajudam na (des) construção de uma narrativa que nos faça entender a importância do estudo da Filosofia e Sociologia em um momento em que a humanidade vê sua existência ameaçada por um vírus devastador. Será que estamos vivenciando o fim da humanidade? Segundo Moska, estamos pensando no que fazer nos últimos dias? Mas que humanidade é essa que está acabando? Pensando orientados por Krenak, como esse conceito de humanidade foi construído? Essa humanidade vai acabar? O que fazer para adiar isso? Em 2020, essas questões estavam nas nossas conversas.

A iminência da morte nos faz pensar em várias questões: por que a vida é tão frágil e breve? O que é humanidade? Questões com as quais a Filosofia se ocupa desde sua origem há mais de 2500 anos, se pensarmos na Filosofia Ocidental de origem grega que é a ensinada nas escolas. E refletindo a cerca das relações em que essa vivência em sociedade resulta, esse fim do mundo é para todos? As diferentes classes sociais têm vivido a pandemia da mesma maneira? São questões com que a Sociologia tem se ocupado.

Essas indagações são um ponto de partida para iniciarmos a construção desta narrativa, ressaltando que o estudo da Filosofia se faz a partir dos questionamentos e, portanto, é preciso desconstruir para construir. A partir dos pensadores citados, Moska e Krenak, entendemos que tanto a Filosofia que é o suporte para refletirmos sobre em que mundo está para acabar ou que mundo queremos defender, quanto a Sociologia nos fazem pensar em como será esse último dia da humanidade, sem as regras e convenções da sociedade que nos reprimem e que orientaram as ideias que eles próprios desenvolveram. Mostrando que ambas estão presentes nas reflexões e construções de que, enquanto sujeitos, precisamos para termos consciência de classe e autonomia nas nossas escolhas.

Antes de pensarmos em questões tão complexas, é preciso destacar que o conhecimento dessas ciências se faz necessário neste momento pandêmico iniciado no ano de 2020. A principal indicação ao combate e à prevenção da Covid-19, por cientistas, sanitaristas e médicos era o distanciamento social. Orientações para salvar vidas, baseada em conhecimento científico, conhecimento este que, na última década, tem sido amplamente questionado.

Percebemos que a ciência tem sido bastante questionada nas redes. Mas esses questionamentos não surgiram apenas com a chegada da vacina. Desde o início da pandemia assuntos como medicação, com o uso (ou não) de hidroxicloroquina ou ainda ivermectina, prevenção, com a necessidade do uso de máscaras faciais e álcool gel, e/ou tratamento para a Covid-19, com receitas caseiras e crenças populares, emergiram nesse campo. (OLIVEIRA, SANTOS, FARIAS, 2021, P. 7)

Esses questionamentos citados, atingem também os professores e as universidades, questionamentos veiculados nas redes. As práticas culturais nas redes tecem um emaranhado de '*conhecimentossignificações*', formando múltiplas redes educativas. Essas redes educativas não acontecem só nas instituições como universidades, acontecem em diversos '*espaçostempos*', nas vivências cotidianas, nas múltiplas relações que se estabelecem na sociedade. A partir dessas relações, faz-se necessário entender os fenômenos sociotécnicos culturais que emergem no ciberespaço.

No contexto pandêmico, o ciberespaço se tornou um ambiente propício para a intensificação das interações sociais e práticas culturais. Mesmo mantendo um distanciamento físico, para evitar aglomerações e a propagação do vírus, houve uma aproximação social entre os praticantes através desse ambiente, sendo necessário identificar o que é rede educativa ou não. O que é verdade ou *Fake News*.

Segundo a reportagem do IG Saúde (2020)<sup>7</sup> uma das *fake news* mais compartilhadas do ano de 2020 seria sobre as vacinas contra a Covid-19 que poderiam alterar o DNA humano, ou inserir um microchip inserido no corpo, ou ainda que termômetros infravermelhos poderiam causar doenças cerebrais, entre outras. Santaella (2018) se refere às *fake news* e suas consequências destacando, com o aporte de em outros autores, que a falsidade nas informações não é um fato novo, apenas está com uma nova apresentação.

De fato, se a expressão significar a criação de informação falsa movida pelo propósito de enganar, o conceito está longe de ser novo. Basta pensar na longa história dos tabloides, das fofocas acerca da vida das celebridades, das táticas de estilo das revistas para fisgar seu público. Sabe-se também como as estratégias de sedução e persuasão da publicidade sempre funcionaram. Em quaisquer dos casos, são mensagens de forte apelo visual, cujas chamadas são tão inacreditáveis que se tornam irresistíveis. Nas redes, esses mesmos princípios continuam presentes (SANTAELLA, 2018, p 22).

A vontade de chegar primeiro e repassar logo a informação faz com que muitos compartilhem sem ler e sem se quer verificar a fonte e/ou veracidade da informação. A desinformação, a desconfiança e a manipulação são pilares que sustentam as *fake news*. Com ataques à ciência e a todo conhecimento que essa produz, o ensino de Filosofia e Sociologia no Brasil, na segunda década do século XXI, sofreu muitos ataques.

O ano de 2020 apontou a urgência de uma vacina no combate à Covid-19, todos passaram a acompanhar o processo desse desenvolvimento como se fossem especialistas no assunto. As *fake news* circulavam nos grupos de *WhatsApp* com mais credibilidade do que qualquer estudo de pesquisadores em curso. Essa construção pública evidenciou a importância dos estudos e das pesquisas nas/das Ciências Sociais e Humanas.

A vacina, tão almejada, só se tornou uma realidade através da ciência, do desenvolvimento do conhecimento científico e sua aplicabilidade. A Filosofia e a Sociologia são necessárias à produção científica, nas mais diversas áreas de conhecimento. A Ciência se faz com questionamentos, a Filosofia fomenta essa prática na busca por respostas e a Sociologia avalia os impactos que essas buscas promovem na/para a sociedade. As pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas se fazem necessárias, a doença é global e só será combatida e erradicada se houver uma interação entre a aplicabilidade dos estudos de todas as áreas de produção de conhecimento.

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-23/2020-confirma-as-7-fake-news-mais-perigosas-sobre-a-pandemia-de-covid-19.html> > Acesso em: 21 abr. 2021.

A pandemia da Covid-19 evidenciou e reafirmou como a Ciência é importante, sendo preciso fomentar sua constância, pois, com o controle dessa situação, outros desafios virão. Romper paradigmas é o que perseguem cientistas e pesquisadores ao longo da história, e no contexto pandêmico vivido no ano de 2020, paradigmas relacionados ao tempo da pesquisa e produção da vacina foram rompidos. A educação básica é fomento para a Ciência, pois todo o conteúdo estudado é baseado na produção científica das diversas áreas de conhecimento e dará base para os educandos prosseguirem com novas descobertas científicas. O fazer Ciência é constante e formar cientistas também, justificando a necessidade de investimento em pesquisa, lembrando que esses pesquisadores precisam de uma Educação Básica de qualidade.

Seguindo nesse fazer ciência, esta pesquisa se inicia com o objetivo de:

- Compreender como os fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede inspiraram nos processos de ‘*aprendizagemensino*’ das disciplinas de Filosofia e Sociologia.

E para alcançar o objetivo citado, emergiram questionamentos que me guiaram na construção desta pesquisa, que são:

- i. Quais os conhecimentos foram abordados nas disciplinas de Filosofia e Sociologia no contexto da pandemia numa Escola de Ensino Médio do Rio de Janeiro?
- ii. Como pesquisar e vivenciar a ciberpesquisa-formação multirreferencial nos cotidianos dos professores da Educação Básica?
- iii. Como as rodas de conversas online possibilitaram os ‘*fazerespensares*’ do currículo de Filosofia e Sociologia?
- iv. Como a comunicação ‘*discentesdocentes*’ permeou o ensino de Filosofia e Sociologia online na pandemia, mediada pelas redes de conhecimento na relação cotidiano-ciberespaço?

Na busca por compreender essas questões, esta pesquisa utilizou como metodologia a análise de material empírico, conversas no *WhatsApp* com os praticantes culturais da pesquisa, as gravações de quatro rodas de conversa online que aconteceram pelo *Google Meet* entre abril e agosto de 2020, o arquivo com o chat das rodas, a produção das alunas e alunos a partir das rodas e conversas com os praticantes culturais, o professor de Filosofia, alunas e alunos das turmas.

E essa pesquisa foi construída da seguinte forma: no Capítulo 1, **CIBERCULTURA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NA REDE EM TEMPOS PANDÊMICOS**, construindo um entendimento do que é a cibercultura, a partir dos conceitos de cultura e das minhas

vivências de educadora e de praticante cultural imersa nesta e nos seus fenômenos. Esta pesquisa teceu sua narrativa a partir dos fenômenos ciberculturais, entendendo seu papel comunicacional na educação extraordinária no período de abril a agosto de 2020. Com os subcapítulos **1.1 As negociações da ‘aprendizagemensino’ de Filosofia e Sociologia** entendendo, ao longo da história, a importância destas para o sujeito e em **1.2 A emergência do extraordinário: desafios da docência na reflexão** compreendem-se as diferenças entre tempo métrico e tempo de significação, como os *‘espaçostempos’* se fizeram na tecitura de redes educativas, na transição do presencial ao online.

Intitulado, **TECENDO ‘CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES’ A PARTIR DA BRICOLAGEM DE EPISTEMOLOGIAS** no capítulo 2, entendo que a construção do conhecimento, em questão essa ciberpesquisa-formação, necessita de um fazer epistemológico amparado pelas abordagens multirreferencial bricolada com os estudos com os cotidianos, compondo um olhar plural na compreensão das redes educativas no contexto pandêmico. Estruturado em dois subcapítulos: **2.1 O Campo, um canto de encanto**, que descreve a escola e **2.2 os Praticantes culturais** desta pesquisa.

**DO PRESENCIAL AO ONLINE, A RODA DE CONVERSA COMO DISPOSITIVO DESTA PESQUISA**, Capítulo 3, o qual nos traz o que foram as rodas de conversas online, **3.1 Família Monteiro nos fortalecendo em momentos de crise, como uma aproximação entre docentes e discentes**, **3.2 Áreas e profissões: caminhos possíveis, conversa sobre o trabalho na pandemia e pós-pandemia**. **3.3 Pós-pandemia: Como será o novo normal? Sobre o ensino remoto e as angústias na pandemia**. E **3.4 Racismo na roda: mi, mi, mi ou lugar de fala? Falas e reflexões sobre manifestações presencial e online contra o racismo**.

O Capítulo 4, **TECENDO REDES COMPREENDENDO AS NARRATIVAS DA ESCOLA**, traz a interpretação das narrativas que emergiram nas conversas *‘discentesdocentes’*, *‘docentesdocentes’* e *‘discentesdiscentes’* que permearam o ensino de Filosofia e Sociologia, no período desta pesquisa, a partir das experiências mediadas pelas redes de conhecimento na relação cotidiano-ciberespaço, respectivamente: **4.1 Nossos dilemas diante do extraordinário #novonormal**, **4.2 “Vou repetir o ano?”**, **4.3 As desigualdades ao acesso à educação online na pandemia** e **4.4 “Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”**.

Finalizando com o capítulo 5, **CONCLUSÕES A PARTIR DAS TECITURAS TRAMADAS**, apresento como os fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas



tecnologias digitais em rede incidiram nos processos de *'aprendizagem em si'* das disciplinas de Filosofia e Sociologia na pandemia.

## 1 CIBERCULTURA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NA REDE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro

*Belchior, Alucinação, 1976*

Esses versos gravados por Belchior<sup>8</sup> nos anos 70 foram trazidos à tona em postagens nas redes sociais a partir de 2016, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e desde então são versos muito citados nos ambiente digitais. O rapper Emicida regravava esses versos no álbum *AmarElo* (2019) e no seu documentário “*AmarElo – É tudo pra ontem*” (2020), ressignificando-os no seu documentário, utilizando o amor como elo; ele usou da mesma estratégia com o samba, para contar sobre as lutas e conquistas do povo preto no Brasil, abordando questões de gênero e desigualdades sociais no combate ao racismo.

Esse documentário além de trazer a importância da valorização da história dos afrodescendentes no Brasil, também expõe como a pandemia atravessou a construção do mesmo. Emicida resgata o poder do samba, exemplificando que este foi tocado na Europa como estímulo para retomar a vida após a pandemia de gripe espanhola, no início do século XX. O rapper ainda destaca que esse ritmo também compõe a nossa cultura e, assim, renuncia ao seu gênero musical original para abraçar uma causa maior, agregando o samba à sua luta contra o racismo e à valorizar da cultura negra.

No contexto pandêmico, é através das redes sociais que Emicida continua sua luta. E assim, como o rapper se ressignificou dentro do contexto contemporâneo, a minha pesquisa também se reconfigurou. Construiu-se baseada nesses entrelaçamentos que ocorreram nas redes sociais, já que vivenciamos essa aproximação social no ciberespaço. Segundo o Painel TIC-Covid-19 (2020), uma pesquisa realizada pelas Organizações das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus, “milhões de brasileiros passaram a depender das tecnologias

---

<sup>8</sup> Antônio Carlos Gomes Belchior (1946-2017) iniciou sua vida artística nos festivais de música entre 1965-1970, compositor genial que destacava a importância da valorização da cultura latino-americana.

digitais para realizar atividades de trabalho, ensino e aprendizagem, comércio, cultura e até mesmo para acessar programas de auxílio emergencial”.<sup>9</sup>

Isso nos mostra como a vivência na cibercultura se potencializou nesse contexto, pois, emergiram transformações em todas as esferas da vida dos praticantes culturais na formação, no trabalho, nas esferas políticas (Legislativo, Executivo e Judiciário), nos relacionamentos e nos rituais (cultos, casamentos, velórios etc.). Toda a nossa cultura foi vivenciada no ciberespaço. Para uma melhor compreensão de cibercultura, nos orientamo-nos por estudos sobre cultura, um conceito que vem sendo estudado e construído.

A partir de Certeau (1995), em “A cultura no Plural”, publicado em 1974 entendemos que não existe uma cultura única, fechada, elitizada, mas culturas, as quais precisam ser entendidas sem um único referencial: e ele questiona sobre o papel da academia/universidades neste entendimento de cultura de até então. Destacando a importância da construção do conhecimento de forma conjunta, docentes e discentes, todos, têm o que aprender e o que ensinar.

Corroborando com Certeau (1995), Laraia (2007) construiu um conceito antropológico abordando como foram sendo construídas as explicações sobre cultura. Apontou que nem o determinismo geográfico, nem o biológico foram capazes de solucionar os problemas com as diferenças entre os homens, relacionando cultura a aprendizado e vivências—ainda que façam parte de um mesmo grupo cultural, existe uma diversidade de como os sujeitos vivenciam a cultura e isso possibilita uma leitura de mundo própria. Porém, quando a compreensão de uma cultura é feita por parâmetros de outra cultura surgem conflitos. A(s) cultura(s) tanto influencia(m) outras culturas como é influenciada(s): é um processo de constante transformação.

A cultura é diversa, podemos entendê-la no plural, pois existem diversas manifestações desta, mas existem transformações que afetam as culturas, como a Cibercultura. Compreendida como cultura contemporânea, na cibercultura, as práticas acontecem mediadas por tecnologias, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos que se dão na interface cidade-ciberespaço como nos aponta Edméa Santos (2019). A comunicação tem um papel importante na viabilização da dinâmica cultural, segundo Santaella:

---

<sup>9</sup> Disponível em:  
[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel\\_tic\\_covid19\\_1edicao\\_livro%20eletr%C3%B4nico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eletr%C3%B4nico.pdf). Acesso em 14 mai. 2021.

As novas tecnologias que possibilitaram ampliar a comunicação favoreceram este ciclo cultural que é a cibercultura viabilizado por [...] quaisquer meios de comunicações ou mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio. (SANTAELLA, 2002, p.45 e 46)

Assim como nos mostra a autora, um novo ciclo cultural emergiu nesse contexto contemporâneo, fazendo com que as interações nas redes sociais pelos praticantes culturais, durante a pandemia, se tornem um exemplo desse dinamismo cultural. Corroborando com Lemos (2004), esse dinamismo se constitui por trocas, sendo influenciando e recebendo influências, o que facilita a comunicação. Essas trocas comunicacionais acontecem em toda sociedade e em todas as faixas etárias, trocas essas que emergem fenômenos.

Os fenômenos da cibercultura são as ações cotidianas criadas pelos praticantes culturais com os usos das tecnologias digitais em rede e são forjados pela materialidade da sua inteligência coletiva, da sua fluidez, reconfiguração, compartilhamento e interatividade, princípios que estruturam a cultura contemporânea. (SANTOS e CASTRO, 2021, p.29)

Nesta pesquisa, entendemos fenômenos sociotécnicos culturais mediados pelas tecnologias em rede como fenômenos da cibercultura. Maffesoli (1987) propõe uma fenomenologia do social, que tem por objetivo focar no que acontece, como é e não como deveria ser. Lemos (2002) se utiliza de conceitos maffesolianos, dos quais destacamos o “formismo”<sup>10</sup>, que podem ser aplicáveis na relação entre as novas tecnologias e a sociedade. Compreendendo a socialidade como um conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social e que constituem o fundamento da vida em sociedade.

É a socialidade que multiplica as experiências coletivas e a sinergia com a cibercultura, pensando nas ligações efêmeras e simbólicas, tribalizam o ciberespaço, e fazem emergir aos fenômenos nas redes.

Toda essa transformação vivenciada na cibercultura impacta na educação, Freire diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”. (2002, p. 25) Concordo com Freire: a educação mediada pelas tecnologias requer novas posturas e práticas dos professores, com todos podendo ter acesso às informações e aos conhecimentos tecnológicos necessários, para tornarem-se cidadãos autônomos e emancipados, no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico. Sendo

---

<sup>10</sup> Para Maffesoli (1987), em cada grupo social existe uma forma vai representar melhor a cultura do mesmo. Cada grupo estabelece a relação sujeito, fenômeno e forma.

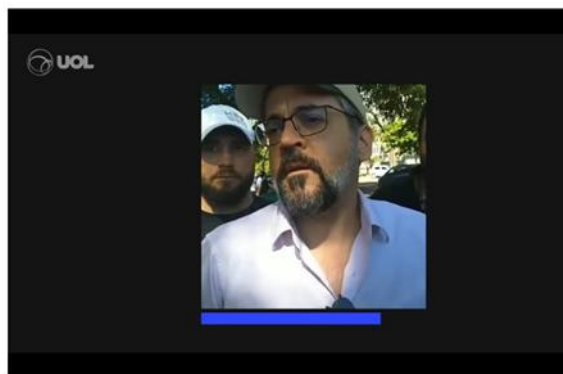
mediada pelas tecnologias, o ato de educar não perde sua essência, nem o desafio de uma educação transformadora e que rompa com as desigualdades no processo educativo. Não se torna apenas um instrumento da classe dominante para se perpetuar no poder. Nesse aspecto, Habermas indica que:

Não são, entretanto, novas tecnologias que demarcam o caminho do progresso de uma formação social nas etapas progressivas de reflexão; por seu intermédio se suprime o caráter dogmático de formas de dominação e de ideologias superadas, a pressão do quadro institucional é sublimada e o agir próprio à comunicação libera-se como (um) agir que promove a comunicação propriamente dita. Com isso, antecipa-se o objetivo de tal dinâmica, a saber: a organização da sociedade exclusivamente sobre a base de uma discussão livre de qualquer forma de dominação repressiva. (HABERMAS, 1987, p.70)

A educação e a pesquisa, em Educação e em outras áreas das ciências, devem ser fomentadas pelo Estado, através de cada governo, o qual, nas suas ações demonstra o quanto a valoriza. O relato abaixo do então ex-ministro da Educação (Figura 5), em declaração feita no exercício do cargo, representa o pouco caso pela área que deveria zelar.

“Todas as universidades que a gente tem, não brota da terra o dinheiro, vem do imposto. Quando a gente for comprar pão, gasolina para a moto, telefone celular, vem imposto. E esse imposto é usado para pagar salário de professor, de técnico, bolsa, alimentação, tudo isso. Eu, como brasileiro, eu quero ter mais médico, mais enfermeiro, mais engenheiro, mais dentistas. Eu não quero mais sociólogo, antropólogo, não quero mais filósofo com o meu dinheiro”, disse o ministro da Educação. (REZENDE, 2020)

Figura 5: Print do vídeo do ex-ministro da educação.



Fonte: Site UOL, 2020.

Essa declaração do ex-ministro da Educação revela o quanto ele despreza as Ciências Humanas, uma fala que descredibiliza saberes importantes para a existência e fortalecimento da democracia. Os fenômenos da cibercultura, como charges e *memes*, emergem como respostas a situações representadas pela fala do ex-ministro. A tirinha de Alexandre Beck, criador do personagem Armandinho, traz com humor (Figura 6), a importância e a necessidade das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia na formação do cidadão. Disciplinas que são base para o desenvolvimento do senso crítico e autonomia do educando, possibilitando práticas democráticas.

Figura 6: Humor sobre disciplinas de História, Filosofia e Sociologia.



Fonte: ARMANDINHO, 2016.

Não só as professoras e os professores de Filosofia e Sociologia foram descredibilizados e depreciados, por autoridades que deveriam valorizar e incentivar a educação, mas, também, a prática docente. Em entrevista, o ministro da Educação faz a seguinte declaração<sup>11</sup>, a qual explicita sua lamentável consonância com seu antecessor.

<sup>11</sup> Declaração disponível na íntegra em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/ministro-da-educacao-diz-nao-ter-responsabilidade-sobre-volta-as-aulas-e-desigualdade-educacional.shtml>. Acesso em 21/03/2022.

Figura 7: Atual ministro da Educação.



Fonte: CASSIANO, 2020.

Ser professor é se comprometer com a luta, a fim de combater as desigualdades sociais para as quais a educação é o caminho. A Filosofia e a Sociologia, em seus respectivos conteúdos programáticos, ao longo da história, permanecem na formação do sujeito entre reinvenções e negociações.

### 1.1 As negociações da *'aprendizagemensino'* de Filosofia e Sociologia

O ensino de Filosofia e Sociologia têm sua história no Brasil marcada por intervenções e suspensões, mesmo estando há quase quarenta anos sendo ministrada de forma ininterrupta como obrigatórias no Ensino Médio. O ensino de Filosofia é realizado pelos atos de problematizar, conceituar, argumentar conforme assevera Rodrigo:

Novas concepções didático-pedagógicas mostraram que conteúdo não é tudo, como se pensava anteriormente; aliás, na atual escola de nível médio, certos temas só podem ser satisfatoriamente estudados desde que o sejam de maneira didaticamente adequada. Como foi dito anteriormente, juntamente com os conteúdos e associadas a eles, torna-se imprescindível o desenvolvimento daquelas competências cognitivas que a reflexão filosófica requer, mas que a maior parte dos alunos de nível médio não possui: capacidade de leitura e interpretação, compreensão de conceitos,

articulação lógica do raciocínio, capacidade de argumentação etc. (RODRIGO, 2015, p 56).

O autor destaca a importância das reflexões que a Filosofia propõe incentivando o aluno a desconstruir o que se tem como dado, pensando em estruturar aquela problemática e argumentando para embasar sua tese. Não é simplesmente decorar alguns teóricos e correntes filosóficas, mas entender como podemos filosofar no nosso contexto. É uma construção e nem todos os discentes estão em plena capacidade de filosofar, mas como é uma construção, uns conseguem mais rápido e outros mais devagar, contudo todos conseguem.

Sobre o ensino da Sociologia, é importante considerar a formação do docente na história da Sociologia na Educação Básica no Brasil. Nem sempre essa disciplina era ministrada por um profissional formado em Ciências Sociais e não teve sempre com os objetivos de hoje. O conhecimento teórico é de suma importância para o entendimento das correntes sociológicas, no entanto, é preciso contextualizar a teoria com a vivência do educando, pois este é um sujeito que compõe essa sociedade. Sujeito desta sociedade, e nos posicionamos, dizia Paulo Freire: “toda leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, visto que linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. (1989, p. 9) Que essas manifestações sobre posicionamentos aconteçam sem desrespeitar as diferentes opiniões, fazendo com que os discentes se expressem e entendam o que é opinião e o que é desrespeito aos Direitos Humanos, por exemplo. Esse conhecimento que tanto a Sociologia quanto a Filosofia fazem o educando refletir nas suas ações para além do muro da escola, nas redes sociais principalmente.

A Filosofia e a Sociologia estão ligadas ao desenvolvimento do senso crítico e da formação do cidadão, o ensino da Sociologia na educação básica no Brasil acontece vinculando-a a uma formação profissionalizante. A jovem República brasileira se inspirava na filosofia positivista, o “Plano Nacional para a Educação” idealizado por Benjamin Constant, em 1891, que previa o ensino dessa disciplina como obrigatório para todas as escolas do ensino básico. Trazendo disciplinas como “Noções de Vida Social” no primário e no secundário “Elementos de Sociologia”. (Romano 2009) O que não se concretizou logo, devido à morte de Constant aparecendo na grade curricular do curso Normal somente nos anos de 1920.

O então ministro da educação, 1931, Francisco Campos, ampliou o ensino da disciplina para outros cursos. Promovendo a reforma Francisco Campos, aumentando para sete anos a duração do secundário, sendo cinco destinados ao período formativo, “um ciclo comum e fundamental destinado à formação geral do adolescente” (Souza, 2008, p.149). A



Sociologia, nos anos 1930, integrava um movimento reformador, que propunha modernizar a educação clássica. A Sociologia integrava as disciplinas que preparavam os educandos para a ciência. Nesse movimento de modernização, a pretensão era capacitar “homens comuns” para analisar e propor soluções aos problemas da sociedade da época

Em 1942, a Reforma Capanema, como ficou conhecida, retirou a Sociologia das grades curriculares de diferentes cursos. Com o objetivo de dissociar da ideia de que “homens comuns” a luz da Sociologia poderiam encontrar soluções para os problemas da época. Todavia, mesmo com essa reforma, a Sociologia da Educação permaneceu no curso Normal. Nas décadas de 50 e 60, Souza (2008) destaca que muitos educadores, como Carneiro Leão, Delgado de Carvalho e Octavio Ianni publicaram artigos em defesa da Sociologia, fortalecendo o movimento pelas reformas educacionais, que resultou na aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.4.024/61) orientando a (re)estruturação do sistema escolar do país

Em 1964, o Golpe Militar, retirou a Sociologia das escolas do país, permanecendo apenas na grade do curso Normal. Souza (2008), assevera que as reformas implantadas sob o regime militar, consolidadas mediante a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, incluíram desde a extensão da escolaridade primária, que passou a ter uma duração de oito anos, o 1º Grau, constituído pela fusão do ensino primário com o ensino ginásial, até a substituição do conteúdo humanista por um científico e técnico, com formação para o trabalho. Introduzindo as disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) nos currículos da educação básica, substituiu-se o ensino de Filosofia e Sociologia por conteúdos doutrinários e ideológicos.

A redemocratização do país, a partir dos anos 80, marca a abertura para uma possível inclusão da Sociologia, ao lado da Psicologia e da Filosofia, na grade curricular do então 2º grau. Souza(2008) exemplifica com o estado de São Paulo, o qual abriu a possibilidade de inclusão da Sociologia como disciplina optativa. Então, o compromisso com a formação para a cidadania, Lei Federal n. 7044/82 (Brasil, 1982), se mostrou possível. A relação entre a Sociologia e cidadania é antiga. Ao reabrir a possibilidade do ensino de Filosofia e Sociologia, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996 (Lei 9394/96) colocou como objetivo o “domínio dos conhecimentos necessários ao exercício da cidadania” (artigo 36, § 1o)

O papel exercido pelas entidades comprometidas com essa luta: no período que vai de 1997 a 2008, sobretudo a partir do ano 2000, com a chegada o Projeto de Lei ao Senado, exigiu-se que o ensino de Sociologia retornasse como disciplina obrigatória para o Ensino Médio, o que acontece em 2008, Lei nº 11.684/08.

As disciplinas de Filosofia e Sociologia são importantes para a formação do sujeito, possibilitando ao mesmo a desenvolver o pensamento crítico e autônomo e na perspectiva de Paulo Freire (1993), entendendo a educação como importante papel emancipatório, entendendo-a a partir da construção do conhecimento, que é um processo no qual o educando precisa refletir sobre o mundo, processo este de ação-reflexão, para que, na prática deste conhecimento ele transforme o mundo, práxis educativas. Um processo permanente de produção do conhecimento e transformação da realidade, reinventando o mundo. Sendo a educação um ato político, pois se transmite uma visão de mundo que se deseja manter ou transformar não existe educação isenta: ou é inclusiva ou excludente. Não pode ser uma educação que domestique o educando e, sim, uma educação libertadora, que o faça pensar e saber escolher para que este não seja um “analfabeto político”, mas que o possibilite ter consciência da luta contra as desigualdades sociais e a libertação dos oprimidos.

Esse sujeito com sua visão de mundo vai interagir no ciberespaço, socializando nas redes. Castells (2003) considera que a internet, o ciberespaço, em específico, constituem-se como um “poderoso” instrumento de socialização entre tramas que já existiam no ambiente presencial ou não. O autor defende que a interação online tem sido utilizada para estreitar as relações existentes e para fomentar relações pontuais. Estamos diante de uma nova forma de hominização que trará profundas consequências para toda a sociedade, visto que essa nova tecnologia modificará as bases de construção do sujeito humano e de sua relação com o mundo que o cerca. Propagava Levy (1999), e essa afirmação se atualiza na proposição de Edméa Santos:

Em nosso tempo, os professores e demais profissionais da educação precisam dialogar com os objetos técnicos, artefatos culturais e outros praticantes culturais em contextos multirreferenciais de trabalho e aprendizagem. Nesse sentido, temos e devemos contar, sobretudo, com nossos estudantes e nossos pares nas escolas, universidades e diferentes redes educativas, a exemplo dos movimentos sociais, das mídias, ou seja, a cidade e o ciberespaço em interface. Para tanto, poderemos lançar mão de múltiplas linguagens e dispositivos móveis. (SANTOS, 2019, p. 51)

Ainda nos apontamentos levantados por Edméa Santos (2019), é preciso que o professor lance mão de diferentes redes educativas, vivenciando, produzindo e se apropriando desta formação continuada que deve acontecer também em rede.

Os usos das novas tecnologias já eram importantes na Educação antes da pandemia, a partir desta é imprescindível, pois, em qualquer, contexto pensar no processo educacional sem

promover a comunicação é impossível. A Educação, enquanto um processo formacional, sempre foi cercada de desafios, que se fazem presentes na cibercultura (SILVA, 2006). A comunicação mediada por novas tecnologias implica em troca e interação o que se reflete na educação, rompendo com a “pedagogia da transmissão”.

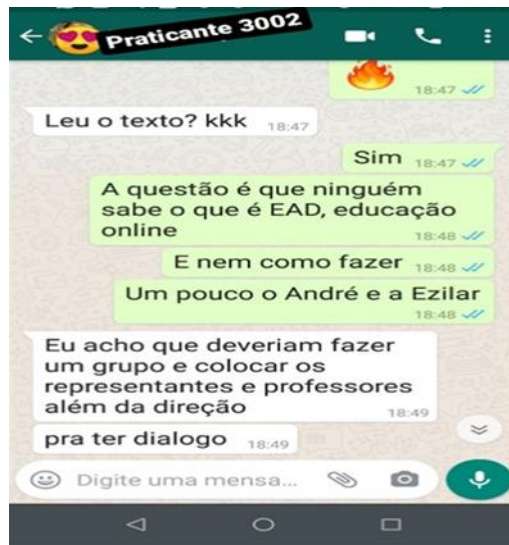
Pensar que há poucos anos havia um consenso entre os docentes, de que aparelhos tecnológicos como celulares e *tablets* conectados à internet ou não, eram difíceis de serem usados para fins pedagógicos, desprezando o potencial de comunicação e conhecimento a que os discentes têm acesso, como, também a autoria que esse espaço propicia: colocando em questionamento essa visão, temos a citação:

Aliado a isso, vemos com muita frequência a proibição de praticamente todos os tipos de sites (especialmente as redes sociais) e de recursos que possibilitam a comunicação instantânea entre os jovens, o que, também, se configura numa verdadeira traição à própria lógica da rede: oferece-se aparentemente todas as condições para a navegação plena, e, na prática, bloqueia-se tudo. (PRETTO, 2013 p. 56)

A comunicação instantânea está nas nossas práticas culturais, principalmente entre os jovens. Dessa forma, não estar na escola? Segundo o autor, não adianta usar esses dispositivos em ambiente escolar com limitações, ao contrário se deve oferecer condições para que essa troca comunicacional aconteça por completo.

Na educação remota, o uso desses dispositivos é importante, sua falta destes promove exclusões, que aconteciam na educação presencial e aconteciam/acontecem na educação online, na qual nem todos têm acesso à internet ou a uma conexão instável, aos dispositivos tecnológicos e a um ambiente (físico) que possibilite os estudos.

Figura 8: Print de conversa com um praticante da pesquisa.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A imagem 8 é um print de uma conversa pelo *WhatsApp*, um dispositivo acionado para estabelecer um meio de interação, com a aluna Vitória Venâncio praticante cultural dessa pesquisa, no mês de abril de 2020, quando estávamos iniciando a educação remota, imposta pelo isolamento social causado pela pandemia.

## 1.2 A emergência do extraordinário: desafios da docência

Na pandemia, o tempo foi tão curto para nós, docentes, responsabilizarmo-nos por tantas transformações. A educação que acontecia presencial passou a acontecer à distância, se utilizando de fenômenos da cibercultura. Parafraseando o cantor e compositor Cazusa, o tempo não parou, correu. As mudanças certamente chegariam, mas a pandemia acelerou o processo e essas chegaram a todas e todos os profissionais da educação, independentemente do envolvimento que estes tinham com as novas tecnologias e os fenômenos da cibercultura. Nas pesquisas com os cotidianos precisamos pensar nossas práticas na perspectiva de nossas vivências, por isso esse trabalho aconteceu com movimentos que nos fizeram mergulhar no nosso cotidiano, nas relações que ali se estabeleceram e como estas se estabeleceram, construindo e compreendendo *'conhecimentossignificações'* pelos *'praticantes'* na complexidade desses *'espaçostempos'* (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019).

O tempo pode compreender significações diferentes, se pensarmos em Hörning abordando o tempo da técnica e o cotidiano do tempo (ALVES, 2004), a qual traz uma

reflexão sobre as relações que se faz do uso do tempo e de como este se constrói. O autor nos faz pensar sobre “tempo métrico” e o “tempo da significação”, pois não se deve pensar simplesmente numa contagem cronológica do tempo, mas no que se construiu naquele tempo, no quão transformador e significativo foi. Não pensando o tempo numa lógica capitalista “tempo é dinheiro”, mas o quão valioso foi o tempo daquele acontecimento e o legado que deixou. Na nossa realidade escolar o tempo cronológico para a implementação foi curto, mas os benefícios foram tantos que ainda não se conseguimos medi-los.

Na implementação do ensino remoto online era preciso não cometer os erros do passado, reafirmando a “pedagogia da transmissão” (SANTOS e SILVA, 2009), era preciso que o discente participasse do processo educacional e como num museu de grandes novidades, podemos nos orientar por Freire (2002), criando possibilidades de aprendizagem para que o sujeito seja autônomo, e a conversa foi o caminho encontrado.

Primeiramente é preciso entender as diferenças entre educação à distância (EAD), educação online e ensino remoto extraordinário online. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), dentre as modalidades descritas na lei, permite a EAD que acontece em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) com ferramentas como: vídeos podendo ser aulas síncronas ou assíncronas, conferências, palestras, webinars; ebooks e materiais disponibilizados no AVA: onde também acontecem fóruns de debate, discussão quizzes e comunicação entre os docentes e discentes, que pode ser no próprio AVA ou nos aplicativos de mensagens (como *Telegram* ou *WhatsApp*). A EAD é idealizada para acontecer assim e os que por esta estudam nesta modalidade já sabiam como seria desde quando ingressaram.

A educação online Educação Online é definida por Santos 2019, p 61 e 62, como:

[...]uma modalidade de educação que pode ser vivenciada e exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais; a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou híbridos, quando os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas.

Afirma Santos que não está vinculada à educação a distância, como uma evolução da mesma: pode ser entendida como um fenômeno da cibercultura pois acontece em hipermobilidade, de maneira ubíqua. É preciso que haja não só a troca entre os envolvidos no processo formativo, mas, segundo Amaral (2014, p. 132) que hajam “experiências formativas e agenciamentos de comunicação promovem autorias docente e discente”. Este conceito de autoria é fundamental para as experiências de formação de professores. Nessa modalidade, a

troca é a base para que o educando se autorize, pois, nas trocas os integrantes da turma também mediam a docência online.

Em virtude da pandemia da Covid-19, em caráter extraordinário, o MEC aprovou a educação remota, uma medida temporária, para promover o distanciamento físico, orientado por autoridades sanitárias e epidemiologistas. A sala de aula aconteceu no ambiente online nos moldes do ensino presencial; o professor ensinava e interagiu com os alunos pela internet, adaptando a metodologia usada no ambiente presencial no remoto. Nessa, ao referir-me à educação desse período exato, me utilizo da nomenclatura “educação extraordinária remota online”.

Os praticantes desta pesquisa foram alunas e alunos de terminalidade do ensino médio. Cerca de 20% deles não tinham acesso à internet e estudaram em casa com apostilas disponibilizadas pela secretaria de Educação e outras, confeccionadas por professores e coordenadores da escola, entretanto essas apostilas só foram disponibilizadas aos discentes em outubro de 2020, meses após o início do isolamento.

A equipe diretiva da escola realizou uma pesquisa com os discentes, na qual onde constataram que, dos 80% que tinham acesso à internet, sua conexão não era estável e muitos utilizavam dados móveis, embora não conseguissem colocar créditos regularmente. Alguns só acessavam a aula e as atividades propostas na plataforma pelo celular, o qual nem sempre era do próprio, só podendo utilizá-lo à noite ou nos finais de semana e/ou feriados.

Alguns discentes precisaram ir para o mercado de trabalho, em virtude de o provedor da casa ter ficado desempregado. Mas tínhamos casos, também, de alunas e alunos que se sentiam desestimulados em participar das aulas pelo *Google Meet*<sup>12</sup> e realizar as atividades na plataforma *Google Classroom*<sup>13</sup>. As aulas síncronas eram gravadas e disponibilizadas na plataforma *Google Classroom*, para que as alunas e alunos pudessem ver e realizar as atividades propostas. Buscando maior participação, surgiu, de uma conversa entre docentes em busca de interagir com os discentes, a ideia de fazermos as rodas de conversas que fazíamos na educação presencial, na ambiência online.

---

<sup>12</sup> *Google Meet* é uma plataforma de videoconferências do Google, pertencente ao *Workspace*, que oferece planos gratuitos e pagos para criação de reuniões com até 250 pessoas, com duração de até 24 horas, criptografia e uma série de recursos disponíveis. Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/08/como-funciona-o-google-meet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-o-app.ghtml> > Acesso em: 02 abr. 2022.

<sup>13</sup> *Google Classroom* é uma plataforma central de ensino e aprendizagem, ferramenta segura e fácil de usar ajuda os educadores a gerenciar, medir e enriquecer a experiência de aprendizagem. É um recurso do Google Apps para a área de educação e foi lançado ao público em agosto de 2014. Disponível em: < [https://edu.google.com/intl/ALL\\_br/products/classroom/?modal\\_active=none&gclid=CjwKCAjwi6WSBhA-EiwA6Niok6sS1PfooSsbDD12Nnb7-5HQSQ8oqK-TmBAIFh6hAmpXTv2OYpAkWBoCwgQQAvtD\\_BwE&gclsrc=aw.ds](https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=CjwKCAjwi6WSBhA-EiwA6Niok6sS1PfooSsbDD12Nnb7-5HQSQ8oqK-TmBAIFh6hAmpXTv2OYpAkWBoCwgQQAvtD_BwE&gclsrc=aw.ds) > Acesso em: 02 abr. 2022.

Nas aulas perguntamos às alunas e aos alunos, se as rodas de conversas seriam uma boa maneira de incentivar os desanimados e eles disseram que sim e que perguntariam no grupo de *WhatsApp* da turma se a maioria aceitaria. Com o retorno positivo, os discentes solicitaram que fizéssemos um formulário com sugestões de temas para as rodas, para que eles pudessem escolher. Então o fizemos e a partir dos retornos, elaboramos a primeira roda de conversa online. Nos utilizamos dos fenômenos sociotécnicos culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede, para ressignificar a educação na pandemia criando espaços de acolhimento.

A pandemia nos fez, ressignificar a educação, pois a ambiência formativa (SANTOS, 2015) pode acontecer em ambientes físicos e/ou digitais atribuindo protagonismo aos alunos no processo de formação. Mesmo em um contexto extraordinário a educação acontecia como sempre, pois nas disciplinas acima citadas o que acontecia na sociedade repercutia na sala de aula com conversas e discussões anteriormente citadas. Assim, um dos temas que emergiram nas aulas foi o movimento “*Black lives matter*”; após três rodas de conversa, dispositivo acionado durante a pesquisa. Fizemos 4 rodas de conversa, e foi decidido, em aula, que nossa quarta e última roda de conversa do ano seria sobre o combate ao racismo no ano de 2020.

O racismo precisa ser combatido e a Educação é um caminho possível para alcançar esse objetivo. Desde os anos 90 que o Estado incentiva esse combate pelas diretrizes e bases da educação nacional, inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “*História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*”, na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. A partir de 2011, também ficou estabelecido o dia 20 de novembro como a data em que as escolas deveriam desenvolver um trabalho de valorização da consciência negra. Tal como, o ensino de História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional devem estar presentes no conteúdo programático, com o intuito de resgatar a cultura do povo negro, em todas as áreas da sociedade, ao longo da História do Brasil.

As manifestações surgiram nos EUA quando, no dia 25 de maio de 2020, um chamado policial na cidade de Mineapólis no estado de Minnesota, seria o estopim de grandes manifestações contra o racismo, não só nesse país. “*Eu não consigo respirar!*”, frase dita por George Floyd poucos minutos antes de ser asfixiado pelo policial, a gravação deste ato foi vista por milhões de pessoas em todo o mundo, nas redes sociais motivou nas ruas a luta que se propagou com as palavras “*Black lives matter*”<sup>14</sup>, em português significam vidas negras

---

<sup>14</sup> “O que tá acontecendo no mundo: movimento Black Lives Matter”. Disponível em: <https://blog.imagineie.com.br/black-lives-matter/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

importam, movimento contra o racismo que surgiu em 2014, sendo ressignificado em 2020 a partir deste fato. Na figura 9 vemos as homenagens no local do acontecido.

Figura 9: Homenagens ao Jorge Floyd (EUA).



Fonte: Site G1 Foto: AFP/Getty Images/Via BBC,2020.

Na aula de Sociologia que antecedeu a roda de conversa citada, foram exibidos um vídeo jornalístico<sup>15</sup> explicando o acontecido, a repercussão do ocorrido nos EUA e no mundo, e um vídeo do Emicida<sup>16</sup> (figura 10), no qual ele fala sobre os protestos contra o racismo, protestos no Brasil contra a democracia e dos que a defendiam. Destacando a ação policial nos dois países e a morte de crianças nas comunidades no Rio de Janeiro que estavam dentro ou próximo às suas casas e a importância desses movimentos mesmo frente ao descumprimento das leis de isolamento físico. Quem é preto, no contexto pandêmico, frequentemente não precisava se preocupar só com a Covid-19, mas, também com ações racistas, que poderiam os leva-lo à morte.

---

<sup>15</sup> JORNALISMO TV CULTURA. **EUA entram no sétimo dia de manifestações após morte de George Floyd.** 1 de jun. de 2020. Vídeo (2:20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7jkaIYVWkQw>. Acesso em: 6 jul. 2020.

<sup>16</sup> CANAL GNT. **Agressões à imprensa e o significado da democracia/Papo Rápido/Papo de Segunda.** 3 de jun. de 2020. Vídeo (15:57 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TTeBkm7DHuA>. Acesso em: 25 fev. 2021.



Figura 10: Print do vídeo do Emicida no programa Papo de Segunda (GNT).



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Nas aulas de Filosofia e Sociologia online, as alunas e os alunos trouxeram inquietações e inseguranças sobre tudo que estávamos vivendo, desde questões que envolviam a escola e a pandemia até sobre filtros usados nas fotos de perfil no Facebook. As disciplinas em foco nesta pesquisa têm seus currículos obrigatórios, estabelecidos pela SEEDUC-RJ, que eram base para as aulas, mas tudo que aconteceu nas redes sociais, repercutiu na mídia e foi do interesse dos discentes, conseqüentemente, repercutindo e sendo discutido nas aulas. Segundo Schevisbiski (2012), o diálogo entre os teóricos e o contexto dos educandos é a base do ensino de Filosofia.

A ressignificação da Educação, reafirmou sua importância na construção do conhecimento e no poder de transformação do sujeito, o tornando autônomo e conseqüentemente transformando a sociedade na perspectiva freireana. O fazer docente aconteceu no ciberespaço, sem abandonar as diretrizes já estabelecidas.

Nós, docentes, nos apropriamos do refrão da música do Belchior citada na epígrafe deste capítulo, a educação foi encarada por nós como um ato de resistência, com resiliência e persistência, as quais são competências inatas aos educadores. Era preciso agir e a comunicação foi o caminho escolhido para tecer redes de conhecimentos, para que a *'teoriaprática'* deixasse de ser como um binômio, permitindo desenvolver várias possibilidades (CARVALHO, 2008), na prática formacional construída com outros docentes e a participação dos discentes, iniciou-se a construção de uma rede de conhecimento.

Como um caminho de entendimento e interação com os discentes, surgiram as rodas de conversas, uma prática formativa, que pressupunha a disposição das pessoas em roda, colocando todas e todos em condição de igualdade. Quando iniciei com a prática formativa das rodas de conversas, eu queria que os discentes pudessem falar mais nas aulas sobre os assuntos abordados, de maneira contextualizada e com a visão deles. As rodas de conversas

online, foram táticas usada pelo professor de Filosofia e por mim, professora de Sociologia, como um modo de aproximação, em tempos de pandemia, a fim de incentivar os discentes a persistirem na participação das aulas online. E, na construção desta dissertação me utilizei de epistemologias para compreender o ensino de Filosofia e Sociologia online, enquanto eu formava eu me formava, atuando como professora e compreendendo minhas práticas para a produção de conhecimento acadêmico. No próximo capítulo, entenderemos a base teórico-metodológica desta pesquisa.



Posturas epistemológicas não são artigos de prateleira que podem ser escolhidos e intercambiados, ao gosto do usuário, sem maiores consequências, mas são metodologias cujo uso deve ser analisado e avaliado segundo sua capacidade de dar ou não conta da realidade e de sua potencialidade de produzir resultados úteis ao desenvolvimento. (GOERGEM, 1998, p. 8)

Para Goergem (1998), a epistemologia não é apenas critério científico e sim um instrumento para construção do conhecimento a partir de situações concretas, se referindo à educação. Assim necessitamos de epistemologias que, segundo Meneses (2008), sigam as seguintes diretrizes: aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul e aprender a partir do Sul e com o Sul. Essas diretrizes se fazem a partir da construção do conhecimento que não seja eurocêntrico e sim partindo de outras referências.

Para Edméa Santos (2009), esse entendimento emergiu a partir do pensamento pós-abissal que se contrapõe ao pensamento abissal. O pensamento moderno e universal produz o conhecimento científico que orienta a estrutura de direitos individuais e estrutura jurídico-política, propondo um modelo universal para a humanidade. Pensamento fundamentado em paradigmas históricos, entre eles uma visão de mundo eurocêntrica, sem reconhecer os absurdos baseados nesta visão, como a colonização de povos, a diáspora africana marginalizando, quem subverte essa ordem.

Como produto do pensamento abissal, o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa, nem poderia encontrar-se, uma vez que o seu desígnio original foi a conversão deste lado da linha em sujeito do conhecimento e do outro lado da linha em objeto de conhecimento. (SANTOS, 2009, p. 27 e 28)

Na contraposição, o pensamento pós-abissal emerge para englobar a diversidade do mundo, que é inesgotável e continua desprovida de uma epistemologia(s) que tenha(m) por orientação a(s) diversidade(s) epistemológica(s) do mundo. (SANTOS, 2009). Mostrando ser preciso pensar na emancipação do sujeito, pensando na pluralidade cultural e na necessidade de uma diversidade epistemológica, para um fazer científico que não seja homogêneo, propondo uma interação e interdependências entre saberes científicos e não científicos. Se opondo ao fazer ciência como se a humanidade fosse homogênea segundo assevera Krenak:

Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. (2019, p.12 e 13)

As epistemologias do Sul procuram incluir o máximo das experiências de conhecimentos do mundo, incluindo, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento do Norte. Abrem-se pontes insuspeitadas de intercomunicação, algumas das quais são objeto de questionamento neste número temático. Como afirma Menezes “a complexidade dos debates em torno do conhecimento – para além da ciência e da técnica – fica aqui esboçada, como proposta de alargamento a uma reflexão mais ampla sobre este mundo tão complexo e diverso”. (MENEZES, 2008, p.7)

Tendo por base os argumentos citados, esta pesquisa se orienta na epistemologia cotidianista, nomenclatura que pode parecer nova, entretanto, considerando os estudos dos/nos/com os cotidianos que têm sido realizados há décadas, a forma como se constitui os conhecimentos é uma epistemologia existente.

Em primeiro lugar, entendemos que, ao contrário do que se dá com o modo de criar conhecimentos nas ciências surgidas na Modernidade, essas maneiras incluem de modo inseparável, os *‘fazerespensares’*, tanto como a *‘prácticateoriaprática’*, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir... (ALVES, 2003, p. 2)

Alves, pesquisadora com os cotidianos escolares, aponta-nos o que caracteriza a epistemologia cotidianista, esse processo de composição do conhecimento se dá a partir do pensamento do outro, o pesquisador está imerso no cotidiano do que está sendo compreendido, segundo Certeau (1998). A autora mergulha no cotidiano da escola, no qual professores e alunos produzem conhecimento e fazem diferentes usos destes, sendo esses praticantes. É preciso entender cotidiano no plural, cotidianos, pois estes são complexos e plurais, não havendo uma explicação única sobre. O modo de fazer, os usos que os praticantes fazem dos artefatos culturais precisam ser compreendidos no meio em que acontecem e segundo o autor esses têm suas táticas e práticas próprias. Alves assevera que:

Certeau indica, assim, que no lugar das estratégias construídas pelos que tentam organizar o mundo segundo seus interesses, vendo do alto, viver no cotidiano tem, como única possibilidade, estabelecer táticas, vitais na ocupação do próprio alheio - *espaçotempo* apropriado. Essas táticas, como são menos luminosas que as tão iluminadas produções das estratégias e como não fazem tanto barulho quanto elas, são pouco vistas e quase nada ouvidas, pelas lentes e pelos aparelhos de ouvir, ver e sentir com que as próprias estratégias nos habituaram. (ALVES, 2001, p. 8)

Esse conhecimento é compreendido pela sua tessitura, como as notas graves e agudas que nas mais diversas combinações compõem as melodias: esta pesquisa é construída a partir de alguns movimentos, os quais conforme Alves (2003), que são: o sentimento do mundo, se

refere a como o pesquisador percebe o mundo, na interação entre as percepções e significações que atribuem a essas; virar de ponta a cabeça que significa se utilizar das diversas ciências para traçar um caminho e costurar a lógica da tessitura proposta; beber em todas as fontes, mostrando a importância de utilizar várias fontes para dar conta da diversidade, das complexidades e da heterogeneidade que as pesquisas com os cotidianos abordam; Narrar a vida e literaturizar a ciência, que a escrita traga os questionamentos e discussões necessárias à temática tratada, de maneira que os praticantes da pesquisa entendam e se reconheçam na narrativa. Escrevendo de forma clara, criativa e atraente aos leitores, se valendo de elementos culturais do cotidiano estudado, ao narrar, o escritor/pesquisador participa daquilo que narra. Ecce feminina, mergulhar na pesquisa se orientar não só pelo que ouve e vê, mas também pelo que cheira e sente, e pela mistura de todos esses sentidos; E esta pesquisa se ocupa como a circulação dos ‘*conhecimentossignificações*’ se dará, pensando na relevância dos estudos, como fazer com que estes circulem nos meios de comunicação e nas redes, quem estará lendo e se esta linguagem é acessível são questões contidos neste movimento.

Nas pesquisas com os cotidianos, narramos nossos encontros com os ‘*praticantespensantes*’, praticantes culturais, da educação em ‘*espaçostempos*’ escolares ou não escolares e as ‘*conversas*’ que tivemos em tantas situações diferentes, articulando os tantos sons e imagens que nelas apareceram, criando nossos diferentes ‘*personagens conceituais*’ e buscando compreender como circulam os ‘*conhecimentossignificações*’ que criamos, fomos criando, de maneira aberta os movimentos que compunham nosso trabalho: de quatro movimentos, passamos a cinco e, finalmente, criamos mais um.

Como as redes educativas que criamos, traçamos possibilidades de caminhos que vão mudando e nos questionam, permanentemente. Não fincamos raízes – viver os cotidianos nos mostra isto: os movimentos aparecem nos encontros, nos entrelaçamentos, na busca permanentemente curiosa dos outros, em diferentes ‘*conversas*’ em torno de múltiplas temáticas e interesses, de seus ‘*fazerespensares*’, de suas criações. (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 22)

Os ‘*conhecimentossignificações*’ que segundo as autoras da citação acima, são produzidos pelos praticantes nas suas narrativas da leitura de mundo que estes têm e/ou estão construindo para entender o cotidiano, construindo, também, sua rede de conhecimentos bricolando com a abordagem multirreferencial, permitindo várias abordagens nas diferentes áreas de produção científica e lançando mão de olhares diversos sobre um mesmo assunto.

Entendemos que essa é heterogênea e sem tal compreensão como entender a circulação destes ‘conhecimentossignificações’? Barbosa e Macedo (2012) asseveram que:

A multirreferencialidade de Jacques Ardoino não é uma teoria particular da epistemologia plural, mas, sim, uma epistemologia do heterogêneo, isto é, da rearticulação de campos que, normalmente, são totalmente separados, e que toda a sua obra reúne sem jamais, entretanto, uni-los. Nesse sentido, a multirreferencialidade reenvia-nos, também, à uma dimensão trágica, a do luto definitivo da totalidade e da unidade. (BARBOSA; MACEDO, 2012, p. 26)

A abordagem multirreferencial de Ardoino (1998) na pesquisa em Educação apontada acima, se opõe à visão linear, unitária e reducionista da Ciência moderna, despertando um olhar plural no pesquisador que está se constituindo no seu ambiente de trabalho, pois este é educador e pesquisador ao mesmo tempo. É entender que a produção de conhecimento é um processo entre o que compõe o sujeito, no conjunto das representações que o constitui, e como o pesquisador percebe e interpreta essa relação, compreendendo o praticante cultural em seu processo educativo como base.

O praticante cultural, como elemento principal e primordial de todo processo formativo, não se comporta passivamente enquanto elemento de uma investigação; ele reage diante dessa situação, interferindo continuamente no processo que se desenvolve. Em síntese, acredito que em uma Ciberpesquisa-formação, o objeto é da mesma natureza do praticante cultural que não consegue “comandar”, “controlar” seu objeto de estudo (em função da negatividade que lhe é própria), pois se encontra implicado com ele. (SANTOS, 2015, p. 24)

Quem se dispõe a atuar na área da Educação entende que a titulação acadêmica é importante, mas o profissional está num constante processo de formação. A educação é um processo no qual, discentes e docentes necessitam de acompanhar as transformações históricas, políticas, culturais e sociais que acontecem na sociedade.

A multirreferencialidade exige e comporta uma bricolagem de dispositivos quando o pesquisador elabora uma hipótese a respeito do objeto. Trata-se, essencialmente “de ir aqui e lá, eventualmente para obter, pelo desvio, indiretamente, aquilo que não se pode alcançar de forma direta” (ARDOINO, 1998, p. 203). Tal procedimento não dispensa o rigor, mas adota um rigor outro (MACEDO, 2000), diferente do cartesiano, para se trabalhar com uma abordagem que cria espaço para o entrecruzamento de múltiplas perspectivas.

Um “paradigma da epistemologia da prática” é discutido por Edméa Santos (2019) à luz da multirreferencialidade destacando os desafios da educação na cibercultura abordando especificidades da educação online para o professor-pesquisador. Destacando que a ciência

não é feita com uma referência (absoluta) mas entendendo a riqueza das práticas. Destacando que diferentes parcelas da sociedade vêm criando possibilidades de educação e de formação inicial e continuada. Os sujeitos do conhecimento precisam ter sua alteridade reconhecida para que de fato se construa o conhecimento na multirreferencialidade.

Complementando essa abordagem, Edméa Santos (2019) diz que nos espaços de aprendizagem é preciso de linguagem clara e atrativa, a fim de que os participantes se sintam incluídos e os limites de tempo e espaço geográfico deem conta dessa inclusão. “Para tanto, as novas tecnologias digitais e a cibercultura com sua diversidade de fenômenos poderão estruturar novas práticas de pesquisa-formação multirreferencial.” (SANTOS, 2019 p. 82) Essas novas práticas nos permitem utilizar o termo Ciberpesquisa-formação e me faz uma professora-pesquisadora.

Nesta diversidade de fenômenos o processo de *‘aprendizagemensino’* valoriza as histórias de vida e/ou acadêmica de todos os atores envolvidos na pesquisa, compreendendo que os currículos são produzidos a partir dos *‘conhecimentossignificações’* produzidos. Macedo (2012) aponta que o currículo não pode ser concebido como fechado, o conhecimento não pode ser construído a partir de valores hegemônicos como formativos. É preciso considerar as pessoas e suas demandas no processo formacional, fazendo-se necessário considerar a cultura, história, os contextos, os interesses e a relação de produção, formulando esse currículo a partir do debate coletivo.

[...] A formação como um fenômeno se fazendo, acontecendo, ou plasmado de algum momento da nossa vida, não se explica pelas lógicas dos modelos teóricos, não se deduz, compreende-se, explica-se no seu acontecer com o Ser existindo em formação, refletindo/narrando sobre a sua formação e o ‘estar formado’. (MACEDO, 2010, p. 31 e 32)

Partimos das práticas que realizávamos no ambiente escolar presencial, quando ações como, as rodas de conversas eram feitas para viabilizar o ensino da Filosofia e Sociologia com alunas e alunos do Ensino Médio. Compreendendo a nova necessidade de uso de artefatos culturais, como celulares e tablets para a realização das rodas de conversa em um novo formato.

A pesquisa aconteceu ao mesmo tempo em que esta pesquisadora exerceu a docência, visando à formação dos praticantes culturais desta pesquisa. Pensar em exercício da educação, sem pensar em formação continuada, é incoerente, uma vez que é um processo que exige implicação do docente. Não podemos dissociar atos de currículo (MACEDO, 2012) do nosso cotidiano escolar e a pandemia da Covid-19 com a *‘aprendizagemensino’* a partir do que é



proposto pelo currículo mínimo e/ou PCNs. Com tanta coisa acontecendo que potencializava o agir humano, como por exemplo a rapidez com que as vacinas contra a Covid-19 foram feitas, rompendo paradigmas que a própria ciência impôs, os praticantes culturais em processo formativo precisavam contextualizar os conhecimentos que compõem os currículos escolares com à sua vivência. Justificando os estudos em atos de currículo para que os conteúdos e a educação sigam para além dos muros da escola. Pensando na formação que se realizasse na atuação dos seus autores, Macedo pondera que “se a formação não for experiencial, não é formação” (MACEDO, 2012, p. 18), portanto é preciso compreendê-la por meio de seus processos, dinâmicas e relações.

Josso (2004) destaca que essas experiências formativas são fundamentais para o processo investigativo, então temos que atentar às vivências de aprendizagem. E a pesquisa-formação, afirma Josso (2004), baseia-se na constante preocupação do pesquisador de que os autores, das narrativas que compõem a compreensão da pesquisa pois são cocriadores desta, atinjam uma produção de conhecimento que os constituam como sujeitos, reconhecendo os praticantes como aqueles que inventam, reinventam e produzem seus “*fazeressaberes*” através de narrativas na perspectiva de uma aprendizagem significativa, as quais podem ser narrativas textuais, imagéticas, sonoras, podendo ser por uma roda de conversa.

Sendo assim, a pesquisa-formação se justifica “pela necessidade de legitimar tais saberes e competências que diversos espaços de trabalho estão certificando os sujeitos pelo reconhecimento do saber fazer” (SANTOS, 2019, p 82). E por estarmos na ambiência online entendemos esta como Ciberpesquisa-formação. Muda-se a ambiência, mas permanece a práxis de que, segundo Barbier (2002), todos são sujeitos e todos pesquisadores em potencial. Pessoas não são objetos na pesquisa-formação, mas sim o ensino de Filosofia e Sociologia e os questionamentos e reflexões que emergem a partir deste.

Tomando como ponto de partida esse campo, dessas e desses praticantes culturais que construímos esta dissertação, no método de ciberpesquisa-formação, no qual eu formo e me formo, ensino e aprendo; em um fazer ciência nas vivências do/no cotidiano escolar lançando mão de diversos olhares, áreas de conhecimentos e do olhar do outro sobre essas vivências, triangulando com teóricos e interpretando as narrativas e conversas desses praticantes essa dissertação é construída.

No intuito da compreensão dessa rede, é preciso entender a escola, já mencionada CEML, que foi o campo, e os praticantes culturais desta pesquisa. A direção da escola, as

professoras, os professores, as alunas e os alunos autorizaram suas respectivas contribuições e uso de imagem na pesquisa, conforme os anexos.<sup>17</sup>

## 2.1 O campo, um canto de encanto

Figura 12: Colégio Estadual Monteiro Lobato.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

O Colégio Estadual Monteiro Lobato é uma instituição de ensino que há mais de 50 anos se dedica, não só a transmitir conhecimento, mas formar cidadãs e cidadãos críticos. No local, os discentes podem cursar do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3ºano do Ensino Médio. A instituição está situada numa região central, sendo de fácil acesso para estudantes de bairros periféricos; é próxima ao comércio, que possui uma variedade de lojas e onde há grande fluxo de pessoas da maioria dos bairros da região, que estão sempre no entorno da escola. Discentes e docentes interagem nesses espaços no ir à escola e o vir dela. Os moradores praticam este espaço entendendo que, a região central de Xerém (compreendendo a estrada principal Rua Pastor Manuel Avelino, praça da Mantiquira, ponto final de Xerém e entorno), como não sendo periferia, mas bairros próximos como Cantão, Café Torrado e Garrão, por exemplo, são periferias, já que tem esse reconhecimento, da parte deles.

A compreensão do termo periferia engloba os sentidos político, econômico e social, segundo Pallome (2005), que cita o professor Manoel Lemes da Silva, professor de planejamento urbano e regional, da Faculdade São Marcos, de São Paulo: "Não dá para pensar

<sup>17</sup> Em anexo temos a carta de anuência assinada pelo diretor geral da escola atestando estar ciente e não se opor a realização da pesquisa e o termo livre e esclarecido no qual os praticantes culturais, todas e todos maiores de 18 anos, citados autorizaram o uso de suas produções (conversas) para a pesquisa.

em periferia sem pensar em centro. É um par dialético que faz parte dos fundamentos da teoria do desenvolvimento econômico", (PALLOME, 2005, p. 2) diz o professor. Pallome destaca, que muitas vezes acontece um uso incorreto das palavras subúrbio e periferia.

Subúrbio relaciona-se à pouca densidade ocupacional em algumas áreas afastadas dos centros e/ou relacionadas ao processo de industrialização, fornecendo moradia aos trabalhadores, oferecendo infraestrutura para tal, e não a uma condição socioeconômica. Sendo o termo periferia para população em condição clandestina de moradia e precarização de serviços e presença do Estado. Segundo Pallome (apud SILVA, 2005), o centro está associado ao poder político e econômico e a periferia é o espaço no qual as desigualdades sociais se tornam mais evidentes.

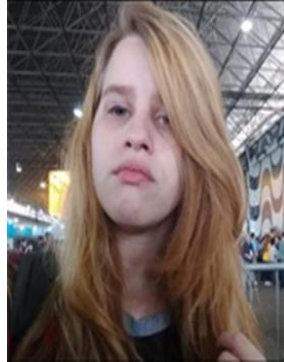
Antes da pandemia, as situações de aprendizagem permeavam diversos 'espaçotempos' (SANTOS, 2015). A Educação pelo *Google Classroom* com textos, videoaulas, vídeos, filmes, livros, atividades e formulários aconteceu tendo como referência a educação presencial. O *Google Meet* complementava com a troca das aulas online podendo haver a troca e interação das aulas presenciais. Foi esse fazer formacional, que não é novo, mas foi vivenciou-se de forma mais intensa no ano de 2020, que essa pesquisa busca compreender.

A escola é um espaço de conhecimento, o que implicam práticas culturais neste. Certeau (1998) nos faz entender que não é a maneira racional planejada por urbanistas ou arquitetos que determina como os sujeitos praticaram o lugar, sendo este espaço de suas vivências independentemente da ordem determinada para esse uso, "espaço é um lugar praticado" (CERTEAU, 1998, p. 202) e o sujeito é praticante cultural. Esta pesquisa foi construída a partir das conversas e dos 'fazeressaberes' que emergiram na escola com estes praticantes culturais, que podem ser entendidos também como 'praticantespensantes' (OLIVEIRA, 2012) pois também articularam ideias, tecendo 'conecimentossignificações', a partir das conversas e 'fazeressaberes' nos cotidianos da escola.

Os praticantes culturais desta pesquisa foram as alunas e alunos do último ano do ensino médio do CEML e as professoras e professores dessas turmas. Todas e todos contribuíram na construção e compreensão desta. Porém, na sequência, descrevo alguns praticantes culturais como o professor de Filosofia André Storino e os discentes Aline Dalvi, Gabriel Almeida, Hylary Soares e Vitória Venâncio pela influência que eles exerceram na tecitura desta pesquisa. Mas outros também praticantes culturais contribuíram e trarei suas narrativas ao longo da construção desta dissertação. Todas e todos os praticantes culturais autorizaram o uso de suas narrativas e imagem.

## 2.2 Praticantes culturais

Figura 13: Aline Dalvi Martins.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Aline Dalvi Martins, 20 anos, estava na escola desde o Ensino Fundamental, mas no Ensino Médio, que a conheci. Sempre participativa ativamente nas aulas, nas apresentações de trabalho, e se disponibilizava a ajudar alunos e professores no uso de dispositivos, montagem de projetor, por exemplo, e foi minha aluna durante todo o Ensino Médio.

Figura 14 - Gabriel Silva Almeida.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Gabriel Silva Almeida, 20 anos, cursou todo Ensino Médio nessa escola. Sempre participou das discussões sobre as questões colocadas, e na educação online não foi diferente. Mesmo antes da pandemia estudava e trabalhava, com as aulas online e por ser um trabalhador autônomo, adequou seus horários de trabalho de maneira que ele conseguiu participar das aulas síncronas.

Figura 15 - Hylary Soares.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Hylary Soares, 18 anos, não esteve conosco durante todo o Ensino Médio, chegou no 2º ano. Por sempre ter estudado em escolas da rede privada, ficou apreensiva sobre como seria estudar em uma escola pública. Ela me disse ter se surpreendido positivamente, elogiando as atividades como feiras culturais, aulas-passeio e a dedicação dos docentes. Com sua própria experiência, percebeu que a escola pública contribuiu na sua formação acadêmica e nas relações de amizade construídas com docentes e discentes.

Figura 16 - Vitória Arcanjo Venâncio.

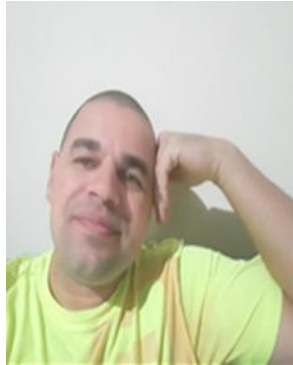


Fonte: Acervo da autora, 2020.

Vitória Arcanjo Venâncio, 18 anos, cursou todo o Ensino Médio nesta escola (CEML). Em uma conversa, ainda no 1º ano do Ensino Médio, ela disse ter feito sua escolha por outra escola como primeira opção, no cadastro de matrículas no site da SEEDUC, e pensou em pedir transferência para lá, após o início das aulas. Mas no decorrer daquele ano letivo, ela estava se sentindo acolhida na escola e assimilando os conteúdos com facilidade, devido ao desempenho dos docentes. Ela disse ter se surpreendido com a didática dos professores, e, na avaliação, elogiou o ensino.

Algumas particularidades das alunas e do aluno citados são justificadas, por exemplo, pelo hábito e apreciação da leitura, todos eram frequentadores da casa de leitura<sup>18</sup> e sempre participavam das aulas de Filosofia e Sociologia, trazendo questões que enriqueciam as mesmas.

Figura 17 - Professor André Luis Bernardo Storino.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O professor de Filosofia, André Luis Bernardo Storino, 41 anos, servidor público desde 2008, passou a integrar o corpo docente da escola a partir de 2009, atuando nesta fazendo complementação de carga horária em sua primeira matrícula. No ano de 2010, passou a integrar o corpo docente da escola assumindo sua segunda matrícula.<sup>19</sup> A relação entre Filosofia e Sociologia nos aproximou, sempre que possível, desenvolvíamos projetos em conjunto. Alguns exemplos são: “Cada ponto de vista é a vista de um ponto” projeto realizado em 2015 celebrando os 50 anos, no qual os alunos de turmas do terceiro ano produziram vídeos sobre a instituição, utilizando celular os quais foram exibidos na feira cultural daquele ano; também houve o coletivo “Girls Power” no qual as meninas da escola se mobilizaram criando um espaço e debates com temáticas de gênero no ano de 2017, experiência relatada em nosso artigo publicado na Revista Diversidade e Educação: “(R)Existir de um coletivo de alunas: os primeiros passos” (STORINO, OLIVEIRA, 2018). A figura 18 é o registro de um dos encontros, uma roda de conversa com o tema: Os feminismos, passado, presente e futuro, com a professora Mestra em Educação, Cultura e Comunicação, Luciana Izis.

---

<sup>18</sup> A casa construída em princípio para o zelador da escola e por não ter mais esse uso, foi transformada em biblioteca.

<sup>19</sup> Disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/1497970807563871>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Figura 18 - Roda de conversas do coletivo feminino Girls Power

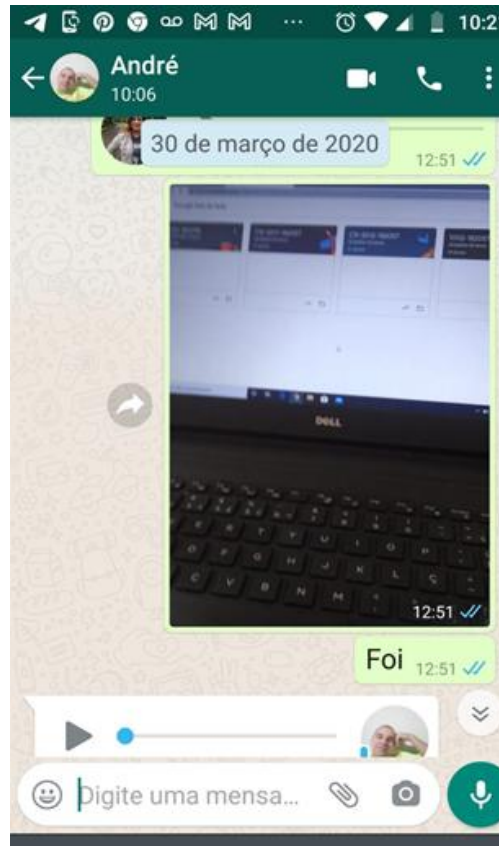


Fonte: Acervo da autora, 2017.

Um professor implicado no fazer docente, o professor André, aliando teoria e prática, prática e teoria, é mestre em Educação, Cultura e Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF - UERJ) e, atualmente, doutorando<sup>20</sup> pela UNIRIO dando continuidade à sua compreensão das questões de gênero iniciadas no Mestrado. Sua experiência na rede privada como tutor na graduação à Distância agrega muito à sua prática. Com formação em Educação à Distância e uso das Novas Tecnologias, ele contribuiu para a implementação do ensino remoto, na pandemia. Preocupado não só em realizar um bom trabalho, mas que todos assim o fizessem, voluntariamente o professor André ajudou docentes e discentes nessa adaptação. Foram muitas conversas pelo *WhatsApp* e pelo *Google Meet* para a compreensão do seu uso, bem como *Google Classroom* na educação online que iniciamos em abril de 2020. Nos quinze dias de recesso, na segunda quinzena de março, estávamos nos preparando para a transição do ensino presencial para o ensino remoto online. Dias de muitas conversas pelo *WhatsApp* (Figura 19), uma vez que era preciso aprender muito, em um curto espaço de tempo.

<sup>20</sup>Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIRIO). Integra do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NuDES).

Figura 19 - Print da conversa entre mim e o professor André



Fonte: Acervo da autora, 2020.

*Eu também estava digitando André Luis e minha diretora disse que era só André, como no seu caso só Ana. (Transcrição do áudio da Figura 17)*

Há quase quinze anos atuando nessa instituição alguns entraves dificultaram a implementação de tais mudanças, por exemplo, o acesso aos dispositivos como celulares e notebooks, os quais eram compartilhados pelos familiares da residência; o acesso a uma conexão estável e com boa capacidade de download e upload; a falta de um espaço propício aos estudos na residência; além da necessidade que muitos tiveram de trabalhar, reservando apenas noites e/ou finais de semana para os estudos.

Influenciados por Freire, acreditando que “Não há docência sem discência” (FREIRE, 2002, p. 12) foi preciso um envolvimento dos docentes nessa transição, uma proximidade que se estabeleceu entre docente e discentes pelo *WhatsApp*. Ajuda mútua e comunicação foram determinantes para a implementação do ensino remoto online. Na construção desta pesquisa, para compreender esse período, se fez necessário o uso de metodologias, as quais no entendimento desta pesquisadora foram adotadas a partir do campo e dos praticantes culturais, a partir das narrativas que emergiram nas conversas.



### 3 DO PRESENCIAL AO ONLINE, AS RODAS DE CONVERSAS COMO UM DOS DISPOSITIVOS DESTA PESQUISA

Esta pesquisa se utilizou das rodas de conversas online como um dos dispositivos de compreensão nos desafios de *'aprenderensinar'* Filosofia e Sociologia em tempos de pandemia. Embora também tenhamos utilizado a plataforma *Google Classroom*, as aulas online aconteceram pelo *Google Meet* e pelo *WhatsApp*, dos quais também emergiram narrativas que estão compreendidas na tecitura desta dissertação. Mesmo sendo online, em janelas “quadradas” o nome do encontro permaneceu “Rodas de conversas”, fazendo menção à prática destas na educação presencial, quando aconteciam antes da pandemia.

A relevância das rodas de conversas na construção desta pesquisa se reafirmou com apontamentos de Alves (2008), que salienta a importância de pesquisadores conversarem com os praticantes que, em suas práticas sociais e nas narrativas produzidas sob a forma de imagens, sons, maneiras de escrever e falar o que sabem e usam, possibilitam ao pesquisador a mergulhando em seu cotidiano.

Fazendo uso dos mecanismos e das táticas advindas das práticas das Rodas de Conversas, na tentativa de aproximação das/dos educandas/os pelas/os professoras/es, a partir de seus *'saberesfazeres'* como *'praticantespensantes'* em determinado *'tempoespaços'*, ainda que novos, mas não desconhecidos, com o objetivo de que esses *'fazerespensares'* fossem construídos coletivamente.

As rodas de conversas promoveram trocas, criando possibilidades de produção e ressignificação desta prática, possibilitando o reconhecimento de saberes a partir das experiências dos partícipes. Em uma prática que propõe a horizontalização das relações de poder, os sujeitos que as compõem são atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. Descentralizando a figura do professor no processo, e emergindo a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso dos praticantes, todas e todos os envolvidos na pesquisa são produtores de conhecimento.

Freire entendia que “um círculo de cultura não seria para expor uma prescrição ou prestar receitas de condutas sociais, mas pôr em reflexão (em ato de pensamento) os desafios colocados às práticas sociais” (2007, p. 33). Aproximando-nos dessa concepção, compreendendo que, numa roda, não existe destaque, somos todas e todos iguais e conversar é

um ato espontâneo de comunicação, no qual estamos construindo conhecimento a partir de nossas vivências e apreensão sobre as informações que nos chegam.

As rodas de conversas foram um dispositivo (MACEDO, 2010) acionado, pois se fazem em atos, nos quais o educador e o educando tecem redes de conhecimento contextualizando o conteúdo do currículo escolar com as inquietações e indignações cotidianas, “podem constituir autorizações, ou seja, tornarem-se coautores de si, como sujeitos sociais, para o exercício de autonomizações curriculantes até porque são criadores de sentido e não apenas portadores de sentido via seus processos aprendentes” (MACEDO, 2013, p. 428).

Dispositivos de formação e de construção de conhecimento, com alunas e alunos dos anos finais de um processo em que se espera que o concluinte, a partir do conhecimento construído e das vivências cotidianas, se autorizem entendendo que a diversidade e a alteridade precisam balizar suas narrativas, preservando sua autonomia.

Essa prática autoral se faz presente na cibercultura pelos fenômenos que nesta emergem como *memes*, vídeos curtos (*snapchat*, *reels*, *TikTok* e outros) os quais produzem e/ou compartilham esses a partir de sua compreensão de mundo refletindo ou não sobre o impacto e repercussão que isso pode causar. A prática formativa deve trazer estes fenômenos para a escola e discuti-los, pois os alunos precisam ser formados para interagir na sociedade, a educação deve ser feita para além dos muros da escola. A experiência formativa precisa ser feita com um olhar plural "ressignificar as noções de alteridade, alteração e negatividade" (BARBOSA, 2012, p. 67), promovendo a transformação, entendendo o sujeito, no âmbito individual e/ou no coletivo, que não está indiferente às produções de saberes, considerando-as e se colocando a partir destas.

No contexto presencial, as rodas de conversas tinham os temas definidos com a turma, que era dividida em grupos os quais, previamente, pesquisavam sobre o assunto para apresentá-los na roda e levar questões que pudessem ser discutidas com os colegas. Aconteciam como em uma conversa, sem formalidades e com uma comunicação direta, sem que alguém fosse reprimido ou hostilizado. Nós, professores, mediávamos para que não acontecessem atropelos entre os educandos, mas todas e todos participavam, construindo suas narrativas na defesa de um ponto de vista sobre um determinado assunto, se utilizando de anotações, *tablets* ou celulares com informações que as sustentavam. Na reunião pedagógica online (Figura 20) sugeri que tentássemos fazer uma roda de conversas online, mas como fazê-la? A conversa entre os docentes foi muito importante na elaboração das estratégias.

Figura 20 - Reunião pedagógica em 07 de abril de 2020



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Nem todos tinham acesso às aulas online, foi um desafio cumprido a realização das rodas de conversas online, com o objetivo de acolher e motivar os que tivessem acesso à internet. No período de abril a agosto de 2020, aconteceram quatro rodas de conversas.

### **3.1 Família Monteiro nos fortalecendo em momentos de crise, como uma aproximação entre docentes e discentes**

Após reunião pedagógica, ficou decidido que a primeira roda de conversa online aconteceria pelo *Meet*, seria na sexta-feira, 24 de abril de 2020 às 10hs da manhã. As professoras e os professores que pudessem e/ou desejassem poderiam participar. Definiu-se em grupo que, seria uma roda de acolhimento, trocaríamos com nossas alunas e alunos as angústias e temores que estávamos vivenciando, e principalmente, ouvíamo-los. Decidimos que era importante buscar orientações e diretrizes da SEEDUC, a fim de planejarmos o fazer docente e informar os alunos, por percebermos que as poucas orientações que recebíamos mudavam a todo momento. Nessa reunião foi sugerido que fizéssemos uma arte para a divulgação da roda de conversas (Figura 21) e que tivesse um tema o qual expressasse nossa intenção. Essa arte foi divulgada nos grupos de *WhatsApp* das turmas no mural do *Google Classroom*, nos status dos professores e no perfil do CEML no *Facebook*.

Figura 21 - : 1ª Roda de conversa online com as turmas de 3º anos do CEM



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Como o planejado no dia e horário determinados, iniciou-se a primeira roda. Nós professores começamos falando de como estávamos nos sentindo. No contexto pandêmico, onde só nos víamos por janelas, era muito importante falar acerca do que sentíamos, compartilhando nossa apreensão sobre tudo que iria acontecer, não só em relação à escola. A roda começou com uma conversa descontraída sobre como cada uma e cada um estavam se sentindo, muitos ficaram inibidos em usar a câmera e o microfone. Não tínhamos um espaço preparado para isso, improvisamos como podíamos, muitos alunos não tinham um ambiente silencioso e/ou uma internet com capacidade para participar da roda online com a câmera aberta. A participação ocorria principalmente pelo chat. Iniciando a conversa, abordei a epistemologia da palavra virtual entendendo que “O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (LEVY, 1996, p.15). Relacionando à citação a potência daquela roda de conversa, era a escola acontecendo em outra ambiência, com distanciamento físico, mas não social.

Com duração de uma hora e sete minutos, participação de vinte e três alunos e alunas e cinco professores, a primeira roda deixou todas e todos ansiosas/os pela próxima. As dúvidas foram compartilhadas e os questionamentos sobre a educação remota, expostos, contudo o desenvolvimento dessa roda foi permeado por perguntas sobre o ano letivo. O aluno Gabriel Silva de Almeida, turma 3001, digitou no chat:

*“Tavam falando que quem é do ensino fundamental vai repetir e eles vão focar os alunos do ensino médio para o Enem, é verídica essa informação?”*

Muitas destas questões se repetiam, como: em que bimestre estamos, como ficarão as notas, aprovação e reprovação, por exemplo. Os mediadores se revezaram muito mais na tentativa de acolhimento e conforto, do que em tentar apresentar respostas às indagações, pois o que havia era escassez de informações.

Essa roda de conversas se caracterizou pelo tom leve e alegre do bate-papo, apontado nas falas dos participantes como a necessidade do reencontro na escola, dos abraços e da troca afetiva. A presença da descontração se evidencia na fala da aluna Khethleen Raianne do Nascimento, turma 3002:

*“Então a formatura será por videoconferência? (Risos)”*.

Figura 22 - Meme da professora de Sociologia e Meme sobre a fila da merenda



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A professora de História Rosane Barros elaborou memes dos professores e situações cotidianas da escola, como observamos na Figura 22 com o objetivo de descontrair e provocar risadas. Para os praticantes culturais desta pesquisa, não é apenas uma nova linguagem, “a internet tem proporcionado uma criação de uma série de signos para o processo de comunicação” (TARJA, 2002, p. 9), um novo espaço, com atitudes que são aceitas como naturais nele. Os jovens relacionam-se com mais facilidade em rede e expõem-se muito também, assim como, lidam com esta realidade de forma muito natural.

A manifestação dos alunos foi muito positiva, então ficou combinado naquela primeira roda que não seria a última, A aluna Hillary Gomes digitou no chat:

*“Dá um nervoso ver o “gravando” ali. Kkkkkkkk”*

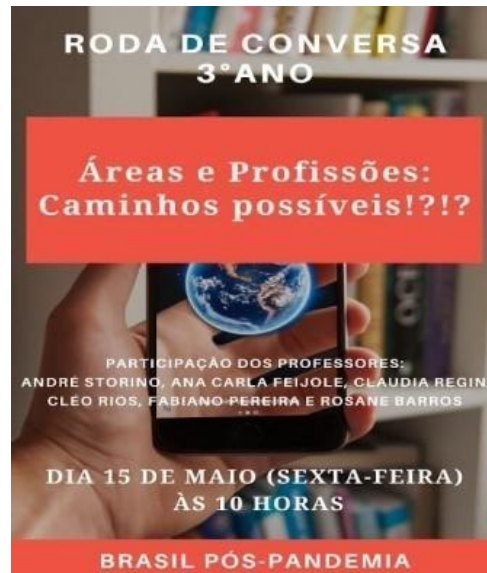
Entretanto a gravação das rodas permitiu que às alunas e aos alunos que não participaram online, assistirem, posteriormente, o que aconteceu. A aluna Aline Dalvi Martins sugeriu que fizéssemos outras rodas online, mas que fossem delimitados dias e horários fixos. Diante desse desafio, deu-se a elaboração de uma pesquisa utilizando-se do *Google Formulários*, com sugestões de possíveis temas, e de detalhes que poderiam favorecer o envolvimento dos discentes nas próximas rodas, como sugestões de dias, horários e duração de cada encontro. Além de direcionar a organização da atividade, foi importante para valorizar o protagonismo dos estudantes, assim como seu envolvimento na criação dos debates e discussões.

No formulário, os temas por que os alunos demonstraram interesse foram: o mundo pós-pandemia, as relações de trabalho na pandemia, desigualdades e questões de gênero.

### **3.2 Áreas e profissões: caminhos possíveis, conversa sobre o trabalho na pandemia e pós-pandemia**

Fizemos uma reunião com os docentes, a fim de avaliar a primeira roda de conversas e planejar a segunda. Na discussão sobre o assunto da segunda roda de conversas, questionou-se a possibilidade de que esta fosse sobre as relações de trabalho, a segunda escolha dos discentes, pois o tema ‘o mundo pós-pandemia’ necessitaria de um preparo maior, já que ainda estávamos vivenciando o cenário pandêmico e tudo estava obscuro em relação ao seu fim, o qual ainda não se sabe ao certo quando será. Decidimos preparar uma apresentação em *Power Point*, para apresentar algumas informações e gerar provocações. A divulgação foi feita da mesma forma como a anterior, conforme observado na Figura 23.

Figura 23 - Divulgação da segunda roda de conversa.

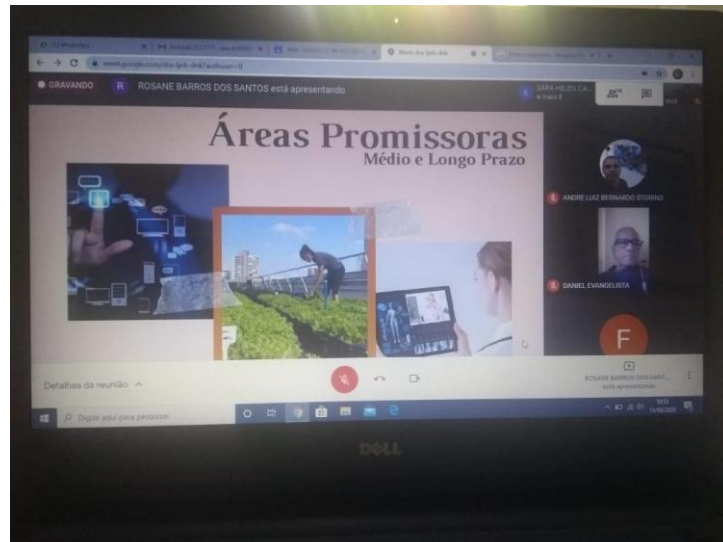


Fonte: Acervo da autora, 2020.

Na reunião de elaboração aconteceu um debate sobre os desafios da transdisciplinaridade, levando em conta as visões distintas de cada área de conhecimento, assim como a integração entre os ‘*saberesfazeres*’ em torno de um tema. A “Roda de Conversa: Áreas e Profissões - Caminhos Possíveis!?!?” surgiu com o objetivo de abordar assuntos que fossem substanciais aos discentes, no contexto da época.

Realizada no dia 15 de maio de 2020, às 10 h, e contou com a participação de doze alunos e alunas, além de docentes convidados para o encontro. Previamente, foi criado um ambiente irreverente nas falas dos docentes e discentes para desconstruir a formalidade da plataforma, favorecendo o diálogo entre os participantes. Antes de iniciar o eixo temático da conversa, e com o objetivo de atender às dúvidas que surgiram no encontro online anterior, foram expostos alguns informes relevantes que tínhamos, até o momento, sobre o funcionamento das aulas remotas e a expectativa para os dias seguintes.

Figura 24 - Print da gravação da segunda roda de conversa



Fonte: acervo da autora, 2020.

Iniciamos com a abordagem do conceito de trabalho e as suas concepções históricas, sociológicas e filosóficas em diferentes tempos, até chegarmos ao seu significado no tempo presente. Em seguida, considerando o contexto de pandemia e suas implicações, foram levantadas visões de áreas que teriam destaque ou sofreriam impactos a curto prazo nessa conjuntura, observado no print desta roda na Figura 24.

Também foi versado sobre as áreas e funções promissoras a médio e longo prazo, com destaque para a reinvenção de algumas profissões sob o impacto da tecnologia, assim como a possibilidade da aceleração desse processo, a partir do isolamento social e do aumento da utilização de espaços online. O intuito dos professores era o “exercício do argumentar, do falar, do ouvir, do participar, que se pretende contribuir para o exercício da autonomia e da democracia”. (SILVA, 2012, p. 54). Nessa perspectiva, o professor de Artes, ressaltou a exigência cada vez maior de “um currículo tecnologicamente apresentável” para os processos seletivos, independente da área de trabalho. Também foi dissertado sobre a exposição demasiada nas redes sociais e a sua possível influência no perfil profissional.

Por último, tivemos a leitura do poema “Sonhe”<sup>21</sup> da escritora Clarice Lispector, na qual a professora de Língua Inglesa fez uma analogia com a busca de um trabalho que vá

<sup>21</sup> Disponível em: <http://casadaamizade.org.br/documentos/osonho.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.



além da realização profissional. Na avaliação que se seguiu à roda pelos docentes, levantaram-se algumas circunstâncias: como a baixa frequência, o curto tempo disponibilizado para a divulgação (dois dias), as dificuldades de acesso à internet e o desalento dos discentes em relação às atividades online após dois meses de ensino remoto.

### **3.3 Pós-pandemia: Como será o novo normal? Sobre o ensino remoto e as angústias na pandemia**

A escolha do tema e a dinâmica na exposição dos conteúdos não favoreceram a fluidez necessária na segunda roda de conversas online, dando pouca margem às discussões. Dessa forma, verificou-se a necessidade de analisarmos as temáticas e a dinâmica na condução dos próximos encontros, que essas fossem adequados à interação das alunas e alunos, favorecendo a interação e fluidez de uma conversa, potencializando a troca.

Houve pouca interação na segunda roda, embora os discentes ressaltarem terem gostado muito do momento. Mesmo com comentários positivos e mostrando o desejo de um novo encontro, alguns disseram ter sido “uma boa palestra”, então não alcançamos o objetivo desejado. A partir do conceito de interatividade (SILVA, 2002) se fez necessário atentarmos para as interações, ainda que seja entre usuários e tecnologias (digitais e/ou analógicas). E para que essa interatividade aconteça temos que nos atentar para três engajamentos necessários, participação-intervenção, no qual o emissor consente a participação-intervenção do receptor, modificando a mensagem; bidirecionalidade-hibridação, no qual o emissor e receptor trocam, ou seja, a comunicação é co-participativa e a permutabilidade-potencialidade, no qual o emissor disponibiliza múltiplas redes de comunicação, havendo articulação entre elas.

É imprescindível refletir sobre as diferenças entre uma roda de conversa dentro de um espaço físico e a roda de conversa online, na qual a mediação e a preparação de um ambiente de roda, indispensáveis para que os participantes estejam mais à vontade e abertos à partilha de experiência, possam ressignificar a roda de conversa online.

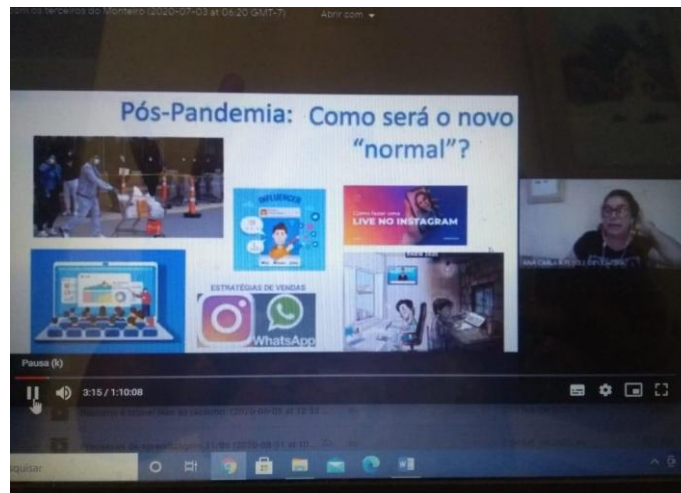
Figura 25 - Divulgação da terceira roda de conversa.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Com a imagem acima (Figura 25) foi feita a divulgação da terceira roda de conversa com os alunos do 3º anos com o tema “Pós-pandemia: Como será o novo normal?” A elaboração dessa roda ficou sob a responsabilidade dos professores de Filosofia, História e Sociologia, os quais, após analisarmos as rodas anteriores elaboramos algumas questões para provocar os discentes a participarem das rodas, na tentativa de fazer com que os encontros ficassem bem descontraídos e espontâneos, como uma boa conversa. A imagem abaixo (Figura 26) destaca a importância das imagens na condução da roda de conversa online.

Figura 26 - Print da gravação da terceira roda de conversa.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O início das rodas era sempre da mesma forma, perguntando como todas e todos estavam e seus familiares. Explicamos para os alunos que uma conversa precisava ser uma troca, com maior participação pelo chat ou abrindo o microfone e a câmera, e perguntamos se eles haviam gostado das rodas anteriores. O aluno Gabriel Silva Almeida, da turma 3001, abriu o microfone e argumentou:

*“Sim, muito! Eu acho que foi uma das melhores ideias o encontro virtual. A gente aprende e discute com facilidade maior. A gente acaba entrando em outros assuntos que nem são propostos e é legal. A gente fala do que tá vivendo, eu trabalho e consegui folga hoje para participar da roda.”*

Após essa fala nos sentimos mais encorajados a prosseguir com a roda e apontamos algumas tendências sobre o como seria o normal pós-pandemia, pensando sobre: Revisão de crenças e valores, repensar o consumo, reconfiguração dos espaços do comércio, experiências culturais imersivas (online) trabalho remoto, busca por conhecimento e educação remota, à distância a experiência que eles estavam vivendo. Muitos reclamaram ser muito difícil estudar em casa por diversos motivos.

Os mais recorrentes nos comentários foram não haver um espaço adequado, a dificuldade de manter uma rotina de estudos realizando as atividades nos prazos pedidos e os responsáveis não respeitarem o tempo dedicado aos estudos online, A grande maioria estudava pelo celular e por estarem constantemente com o celular em mãos os responsáveis achavam que eles estavam jogando ou nas redes sociais. No chat a participação foi intensa com uma interferência da aluna da turma 3001, Letícia de Deus Ferreira da Silva digitou no chat:

“Olha, a única dificuldade pra mim é que aqui em casa eu quase não tenho paz pra poder estudar. Mas as aulas online é a parte mais interessante e divertida de toda a minha rotina.”

A aluna Aline Dalvi Martins deu dicas de como organizar os estudos a Letícia de Deus Ferreira que a respondeu pelo chat com essas palavras:

*“Como a maioria aqui em casa são pré-adolescentes, só gritando para eles pararem de perturbar. aí sim eu saio de perto e procuro ir para o quintal”.*

Com muitas risadas (*emojis* e *kkkk*), nos despedimos e terminamos a roda com um sentimento de esperança, com a sensação de que a educação é o caminho para o enfrentamento da pandemia e que estávamos/estamos no caminho certo.

### **3.4 “*Racismo na roda: mi, mi, mi ou lugar de fala?*” Falas e reflexões sobre manifestações presencial e online contra o racismo**

Mesmo num contexto extraordinário a educação acontecia como sempre, pois nas disciplinas anteriormente citadas o que acontecia na sociedade repercutia na sala de aula, com conversas e discussões sobre o fato. Nas aulas pelo *Google Meet* e no grupo de *WhatsApp* das turmas as alunas e os alunos queriam entender o movimento “*Black lives matter*” (citado no Capítulo 1). No entendimento de alunas e alunos, eram manifestações que descumpriam o isolamento físico, indo para as ruas, onde era mais propício se contaminar. Devido a tantos questionamentos decidimos que nossa quarta e última roda de conversa do ano seria sobre esse tema. Nós, professores organizadores das rodas, concordamos que a roda de conversa era deles, dos discentes e elas e eles que deveriam organizá-la. Alunas das duas turmas participaram da reunião de elaboração da última roda.

Por sugestão da aluna Vitória Arcanjo Venâncio, da turma 3002, o tema da roda de conversa ficou *Racismo: Mi mi mi ou lugar de fala?*, e a professora de História se dispôs a fazer uma arte (Figura 26) para a divulgação desta. Nas aulas das disciplinas envolvidas (História, Filosofia e Sociologia) tínhamos aulas sobre o racismo antes da roda, sua construção histórica, ideias que o fomentam e consequências desta prática na sociedade.

Figura 27 - Imagem para divulgação da quarta roda de conversa.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A roda de conversas aconteceu no dia e horário marcados com a participação de onze alunos online e a condução dos docentes que a organizaram com perguntas sobre como estavam os alunos e questões cotidianas. Os alunos participam muito pelo chat respondendo e trazendo questões. Como uma boa conversa, uma questão puxa a outra de forma bem descontraída. Os professores se alternavam nas provocações aos discentes como; “o que é racismo?”, se já sofreram ou promoveram o racismo com ações; como combatê-lo e com quais ações. A Figura 28 é *print* da gravação dessa última roda.

Figura 28 - Print da gravação da última roda de conversa.



Fonte: acervo da autora, 2020.

Questões como a discriminação por gênero e orientação sexual, a discriminação de alunos de escola pública (uniformizados) em shoppings, racismo reverso e cotas para negros em universidades públicas compuseram as temáticas abordadas nessa última roda. As alunas e os alunos foram aos poucos respondendo às questões pelo chat e os assuntos eram comentados com descontração. Na elaboração de seus posicionamentos, percebíamos que havia o entendimento das questões colocadas e esse espaço, a roda de conversa, foi um espaço no qual eles puderam se expressar e construir caminhos para pensarmos o racismo. A aluna Lohane Beatriz da Conceição, turma 3001, digitou no chat:

*“sim verdade, mas foi oq eu disse não digo pela cor da pele mas sim preconceito em geral, mas pessoas brancas não sofrem eu acho. Mas sim pessoas negras sofrem mais”*

A participação dos presentes acontecia mais pelo chat e eles se mostraram interessados em discutir sobre racismo e outras discriminações que eles sofriam, Khatleen Raianne do Nascimento, turma 3001, colocou no chat uma situação de discriminação:

*“Professora, acho que já aconteceu com todo mundo que vai no shopping com a blusa do estado”*

Influenciados por autores como Djamila Ribeiro (2019), que nos traz a responsabilidade de cidadãos e educadores em promover ações que combatam o racismo, não bastando a compreensão de que racismo é um crime e promove a desigualdade, mas nos dias atuais, precisamos ter atitudes antirracistas, combatendo o racismo onde estivermos, como pudermos e, porque não, nas redes de conhecimento.

Entre as falas lidas/ouvidas dos alunos destaco a do aluno da turma 3001 Roberto Bauer da Silva Rodrigues

*“Outro dia vi um vídeo de um negro (gringo) sendo algemado sem motivos por policiais (regulares) brancos, e nisso o cara estava pedindo apenas para eles olharem o bolso dele, e eles não queriam. e nisso o negro pediu para chamar o superior deles, e quando olharam o bolso dele tinha um distintivo de policial e ele tinha a patente bem mais alta que a deles.. inclusive eles tiveram o distintivo tomado, esse é o perigo de olhar a "apenas a capa" e julgar sem saber”.*

Roberto, traz na sua fala, um sentimento de reparação, quando o que comete o racismo se vê obrigado a recuar dessa prática. Trazendo a reflexão da importância do preparo de autoridades, no caso, os policiais, no combate às práticas racistas. A professora de História

Rosane leu outros comentários sobre o assunto, dos alunos que escreveram no *chat*, comentários que reafirmavam o entendimento das alunas e dos alunos sobre reconhecer que o racismo existe e que precisa ser combatido por todas e todos. O professor de Filosofia André, comentou a respeito de uma característica do racismo no Brasil, sobre os outros te perceberem negro ou não, encerrando a roda.

As rodas de conversas online foram táticas para alcançarmos os discentes que mesmo tendo acesso à internet e a dispositivos eletrônicos, com computadores e celulares, que não estavam participando da educação remota online participassem. Esse objetivo foi alcançado: as alunas e alunos que não participavam das rodas de conversas online assistiam às gravações que eram disponibilizadas no *Google Classroom* e comentavam nos grupos de *WhatsApp* das turmas sobre as mesmas, justificando suas “faltas” e realizavam as atividades propostas para os estudos nesse período. No capítulo seguinte entenderemos melhor essas narrativas que emergiram nas rodas de conversas, no *Google Classroom* e no *WhatsApp*.

#### 4 TECENDO REDES COMPREENDENDO AS NARRATIVAS DA ESCOLA

“[...]Um dia me disseram  
 Quem eram os donos da situação  
 Sem querer eles me deram  
 As chaves que abrem essa prisão  
 E tudo ficou tão claro  
 O que era raro ficou comum  
 Como um dia depois do outro  
 Como um dia, um dia comum[...]  
 Quem ocupa o trono tem culpa  
 Quem oculta o crime também  
 Quem duvida da vida tem culpa  
 Quem evita a dúvida também tem  
 Somos quem podemos ser  
 Sonhos que podemos ter (Ter)”

*Engenheiros do Hawaii. Somos quem podemos ser, 1988*

Essa canção foi usada algumas vezes nas aulas de introdução à Filosofia e em algumas aulas de Sociologia, abordando aos tipos de conhecimento, senso comum e científico. A busca por conhecimento e, conseqüentemente, a construção deste requer reflexão, não só se buscam os porquês, mas a construção destas respostas. Não se aprende Filosofia, mas a filosofar dizia Kant<sup>22</sup> ao destacar o papel crítico como o ensino de Filosofia deve se desenvolver no sujeito.

Ao ouvirmos a música, somos quem podemos ser, refletimos sobre o que se deve fazer para buscar o conhecimento abordado nos conteúdos trabalhados na Filosofia e entender o funcionamento da sociedade, atribuição da disciplina de Sociologia, para a formação de um sujeito crítico e autônomo. No final dos anos 80 era preciso pensar por si, questionar e disseminar isso na juventude. Entre as metáforas dessa canção “As chaves que abrem essa prisão” diz muito sobre a construção desta pesquisa. Várias chaves foram usadas para abrir portas que possibilitaram caminhos na tecitura desta ciberpesquisa-formação com perspectivas cotidianista e multirreferencial: as vivências, as narrativas que surgiram no campo da pesquisa, nas falas dos praticantes culturais, as quais trianguladas com nossos referenciais teóricos e minha autoria de professora-pesquisadora constituíram este material. O diálogo entre estudo empírico e a teoria, no formato dissertativo, trazendo as conclusões da

---

<sup>22</sup> Filósofo Immanuel Kant (1724- 1804), cuja a principal obra de teoria do conhecimento primeira edição é A crítica da razão pura, de 1781. Kant mostra que tempo e espaço são formas fundamentais de percepção (formas da sensibilidade) que existem como ferramentas da mente, mas que só podem ser usadas na experiência. Disponível em < <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/comentarios1.pdf> > Acesso em 21 de abril de 2021.



análise das narrativas dos praticantes culturais, possibilitando que essa compreensão continue, não é uma conclusão fechada, como assevera Macedo (2000, p.204):

À medida que a leitura interpretativa dos “dados” se dá – às vezes por várias oportunidades – aparecem significados e acontecimentos, recorrências, índices representativos de fatos observados, contradições profundas, relações estruturadas, ambiguidades marcantes.

Essa compreensão gerou as noções subsunçoras, entendidas como categorias analíticas resultantes da argumentação construída entre vivências e teorias, como uma significativa aprendizagem. Ao longo da pesquisa, as novas informações e conhecimentos teóricos que vão sendo agregados, sustentando a narrativa desenvolvida e desenhando outros caminhos. Mobilizar, competências que nesta construção envolvem: a distinção do fenômeno estudado em sua estrutura; nas minúcias do que os compõe; durante a análise reagrupando os elementos compreendidos; estruturando esses entendimentos na narrativa; estabelecendo uma interpretação diferente do que havia sido previamente traçado no projeto de pesquisa. (MACEDO, 2000, p.204).

Neste processo dinâmico e evolutivo, o pesquisador ou pesquisadora, interage com novas informações que os dispositivos acionados trazem. Na construção do projeto desta, entendemos que acionar as rodas de conversas online e toda a comunicação *‘discentesdocentes’* foi um caminho para compreender a implementação do ensino remoto, online e extraordinário na pandemia.

No decorrer da pesquisa, as leituras dos teóricos que embasaram a metodologia desta, como redes educativas, pedagogia da transmissão, currículos e processos formativos e o fazer docente, são entendido aqui “[...] como uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu ‘objeto’ de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana” (TARDIF, LESSARD, 2011, p. 8).

Tal fazer docente, segundo Tardif (2011) tem por orientação os saberes docentes, a partir de duas vertentes: o saber dos professores em seu trabalho e em sua formação. Não se pode considerar o saber docente sem entender a relação destes com os condicionantes e com o contexto onde os docentes do ensino atuam. Os saberes só têm ou adquirem sentido na prática, na realização do trabalho de ensinar, é um saber sobre o trabalho, para o trabalho e que vem do trabalho.

A partir de Tardif(2011), entendemos que os saberes docentes são sociais, contextualizados e individuais. Sociais, pois na construção da sua carreira o professor vai construindo saberes, vai aprendendo muito com a prática, na realização das ações pedagógicas. Também são compartilhados por todos os docentes da escola, pois, mesmo com uma formação inicial diferente, essas trocas promovem uma formação contínua. Assim “[...] um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu próprio saber profissional” (TARDIF, 2011, p. 12), ele e seus colegas de trabalho estão inter-relacionados mediante relações complexas.

Asseveram, Tardif e Lessard (2011) a importância do trabalho integrado à docência, que a atividade profissional é realizada a partir das relações e interações humanas, as quais acontecem em um espaço que propicie essas trocas, a escola. Eles analisam como o espaço escolar e as atividades desenvolvidas pelos educadores, que não são só professores, os constituem profissionalmente, pois, enquanto espaço social e suas estruturas burocráticas bem com as atribuições e a jornada dos professores e os fins do trabalho docente, vão diferenciarão essa docência.

O que nos faz concluir que, os saberes docentes dependem da história de vida de cada profissional, considerando sua formação inicial e continuada, sua identidade e personalidade, as relações com os demais atores no ambiente educacional, ao longo dos anos da sua atuação. Esse é diverso e faz referência a diversificados pontos que o envolvem, “O saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas” (TARDIF, 2011, p. 18). A temporalidade do saber, refere-se à como a história de vida incide na aquisição desses saberes ao longo do tempo, considerando sua formação inicial e sua prática profissional cotidiana. O autor destaca que o ato ensinar é preciso aprender a ensinar, a experiência docente através do tempo que o possibilita.

Pensando as redes educativas (Alves, 2017) como *‘praticasteorias’* nas quais se desenvolvem processos formativos, que estão sendo, constantemente, elaborados, é uma tecitura constante de *‘conhecimentossignificações’* constituídos pelas/nas diversas redes, que dialogam *‘praticasteorias’* com a formação acadêmica, com pedagogias cotidianas, às políticas governamentais, aos movimentos sociais, aos conteúdo das mídias, às redes sociais e às vivências.

A tecitura desses saberes a partir das redes educativas, para os docentes, foi complexa e distinta pois em cada comunidade escolar se deu de maneira particular, no contexto pandêmico.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, a afirmação de Freire (1987, p.68), elucida o processo formativo, entendendo que os cursos de formação de professores devem ter por base, não só o conhecimento acadêmico, mas as relações cotidianas e todos os saberes que se desenvolvem a partir do encontro com esse conhecimento.

Um desafio enorme nos foi colocado, *‘aprenderensinar’* na pandemia à distância, online, quando nem todas e todos, docentes e discentes, tinham acesso aos dispositivos e estrutura necessárias a essa modalidade de ensino. Eram tantos sentimentos, medo da morte, da perda de um ente querido, de perdas que não sabíamos mensurar, de ver a dor dos parentes e amigos e não poder estar ao lado(fisicamente). Esse era o modo como sentíamos o mundo e tivemos que exercer a docência.

Repensar nossa prática docente, deve ser uma constante, e a dificuldade em fazê-la está ligada à nossa formação, fundamentada no pensamento positivista de conhecimento com um currículo influenciado pela conjuntura política de diferentes épocas. Macedo (2011) ressalta a importância do desenvolvimento do senso crítico na formação docente, sendo o caminho para a reflexão sobre currículo e formação, embasado na consonância que considera a diversidade, a heterogeneidade e o conflito como possibilidades etnoformativas. A constante transformação da sociedade, a vivência e saberes dos educandos justificam a valorização dos atos de currículo, potencializador na relação e construção do currículo como dispositivo educacional, o docente precisa ter passado por uma formação que compreenda a complexidade da formação em ato, como práxis curricular.

A prática docente não é feita somente por teorias, conteúdos, tendências e diretrizes pedagógicas, há uma troca de saberes entre educandos e educadores e, na pandemia, isso não se modificou. As conversas *‘docentesdocentes’*, *‘discentesdiscentes’* e *‘docentesdiscentes’* foram significativas na implementação do processo. Seguimos, entre as várias possíveis, uma práxis freireana, que nos possibilita ler o mundo e dando autonomia ao educando, o qual se autoriza, se coloca e interage nesse fazer docente.

Nas aulas e nas rodas de conversas, surgiam assuntos que estavam nas redes, como *fake news* e racismo, pois era sobre o que estavam falando em todos os lugares, e nas aulas comentamos sobre. Os *‘conhecimentossignificações’* produzidos nas aulas interligavam teoria, didática, conteúdos programáticos, cotidiano, afetos e compartilhamentos. Como nos comunicávamos apenas no ciberespaço, a palavra “compartilhamentos” agrega diversos significados. As conversas pelo *WhatsApp*, *Google Classroom* (mural das turmas), email e/ou *Google Meet* eram a nossa realidade de comunicação naquele momento.

As conversas, citadas na construção e compreensão desta pesquisa nos direcionou a realizar essas práticas docentes possíveis na nossa escola. No período que este pesquisa aconteceu, as redes educativas eram tecidas, nas mídias e nas redes sociais, com um protagonismo na educação nunca visto. Potencializando a interatividade no processo formacional, os discentes ensinando aos docentes informações operacionais, códigos de ética nas redes sociais, significados e significações existentes. O que nos colocou como aprendizes, era preciso estar mais próximo das alunas e alunos.

Formando e me formando fui me constituindo professora pesquisadora, e tracei algumas questões que me conduziram na construção da pesquisa. Acionei como dispositivo de compreensão as rodas de conversas e fui tendo algumas percepções, analisando as conversas pelo *WhatsApp* e nas aulas, me geraram quatro noções subsunçoras.

A primeira noção subsunçora foi o *#novonormal*, uma vez que a pandemia impôs um novo normal na educação e a comunicação entre *'docentesdocentes'*, *'discentesdocentes'* e *'discentesdiscentes'*, foi determinante para a implementação do ensino remoto, online e extraordinário<sup>23</sup>. Professoras e professores se ajudavam no uso das plataformas *Google Classroom* e *Google Meet*. E, devido ao distanciamento físico, as conversas só aconteciam pelo *WhatsApp*, na troca de mensagens ou por vídeo chamadas e essas trocas aconteciam a qualquer hora. A interpretação das conversas que aconteceram no decorrer da pesquisa, contribuíram na construção da mesma.

A segunda noção subsunçora foi, “**Vou repetir o ano?**” As alunas e os alunos que compõem esta pesquisa, se mostraram muito preocupados com o nosso fazer docente, pois estavam incertos se iriam concluir o ano letivo de 2020 na ambiência online, diante das mudanças que a pandemia da Covid 19 nos impôs. As turmas descritas se mobilizaram, unindo-se elaboração de reivindicações sobre o fazer docente nesse período.

A terceira noção subsunçora foram **as desigualdades ao acesso à educação online**, percebi ao refletir sobre a fala de alguns alunos, nas conversas no grupo das turmas de *WhatsApp* e/ou nas aulas online, colocações sobre os discentes que não tinham acesso às aulas online e às atividades da plataforma.

A quarta noção subsunçora foi **a educação antirracista**, nos questionamentos que surgiram nas conversas *'discentesdocentes'*, *'discentesdiscentes'* e *'docentesdocentes'* a partir do assassinato do estadunidense Jorge Floyd e toda a repercussão no ciberespaço, ficou evidente que necessitamos de práticas formacionais antirracistas.

---

<sup>23</sup> Essa nomenclatura define como foi a educação deste período, na rede estadual do Rio de Janeiro, compreendido na pesquisa.

Sistematizando, compreendendo os dados construídos a partir das narrativas que emergiram na tecitura desta pesquisa. A seguir, trarei a análise dessas narrativas que surgiram nas relações geradas na escola, conversas *'discentesdocentes'*, *'docentesdocentes'* e *'discentesdiscentes'*, na bricolagem de dispositivos, rodas de conversas online, *WhatsApp* e aulas online. Compreendendo as experiências vivenciadas fomentando a tecitura de *'conhecimentossignificações'*, orientados e compreendidos a partir dos teóricos citados e discussões com meus pares.

#### 4.1 Nossos dilemas diante do extraordinário #novonormal

Passarinhos  
Soltos a voar dispostos  
A achar um ninho  
Nem que seja no peito um do outro

*Passarinhos, Emicida, 2015.*

Sempre que escuto essa música do Emicida e um sentimento de esperança me envolve, me sinto revigorada. Quando as aulas foram suspensas, em princípio por quinze dias, não tínhamos dimensão de tudo que aconteceria, quantos seriam os desafios mas o sentimento de esperança nos motivava. Os desafios que se apresentaram em um curto período de tempo, a começar pelos comunicados entre Secretaria de Educação aos docentes, cujas decisões foram tomadas verticalmente e sem debater com a categoria as mudanças na educação, frente a tantas incertezas. Somaram-se a isso a falta de acesso a uma internet de qualidade e as preocupações com aqueles que estariam excluídos dessa educação remota. Mas estávamos dispostos a fazer nosso melhor, nos apoiando um no outro.

Após a quinzena do recesso fomos informados do retorno das atividades escolares no mês de abril, de forma online, nos vimos imersos em adequações para que nossos planejamentos atendessem às exigências das salas de aulas online. Tivemos que aprender a gravar e editar vídeos, criar formulários online e ministrar aulas por videoconferências entre outros desafios, quebrando resistências existentes ao uso das novas tecnologias no fazer docente.

Lançamos mão da educação remota e nos vimos imersos nos dilemas que envolvem o processo educacional e as estratégias do sistema. (CERTEAU, 1998) Era preciso criar táticas “[...] Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”

(CERTEAU, 1998, p 100), entendida como astúcia, as quais caracterizam nossas práticas docentes desde sempre.

A classe dominante se utiliza das desigualdades que envolvem o sistema educacional para a manutenção do status quo e estabelece estratégias que nós, docentes, “quebramos” com táticas, utilizadas para promover uma educação que inclua o maior número de educandos possível. A rede pública de ensino nos impôs alguns entraves para que todas e todos tivessem acesso à educação. Não só no período da pandemia lidamos com desigualdades ao acesso às tecnologias, conexão de internet para todos, formação continuada para os docentes, materiais didáticos etc. Na pandemia essas desigualdades se tornaram mais evidentes, porque a educação, no período compreendido nesse, aconteceu apenas online.

A educação online, à distância em caráter extraordinário nos fez buscar ninhos em nossas e nossos colegas de profissão, com práticas integradas, as trocas aconteciam através de conversas, via *WhatsApp*, em grupos e/ou no privado e por vídeo conferencia no *Google Meet*. As conversas passaram a ser frequentes e a criação de grupos de *WhatsApp* com as respectivas turmas também se mostrou uma necessidade.

Alguns docentes se mostraram reticentes em abrir esse canal direto de comunicação, era preciso pôr limites à interação dos discentes nos grupos; houve sugestão de tornar os grupos de turma permitindo a postagem apenas para professores. Mas como aconteceriam as trocas sobre esse novo fazer educacional? Como obteríamos o feedback dos discentes? A comunicação sem restrições era necessária.

Na cibercultura, essas trocas no ciberespaço potencializam os discursos e forma de agir dos sujeitos; mesmo de forma velada as suas curtidas e postagens nas redes sociais imprimem suas crenças, valores e juízos de valor. Assim, “essas redes se explicitam como campo de lutas, expressando as relações entre praticantes de contextos políticos vários, entre eles e com suas expressões em contextos diversos.” (ALVES, 2012, p. 1), criando uma interação entre sujeitos nas diversas redes, influenciando pensamentos e ações. As relações que se estabelecem com essas redes, impactam no aprendizado proposto nos currículos escolares.

Segundo Alves, as vivências cotidianas impactam e transformam mais o que se ensina nas escolas do que decretos. “São essas tais redes das quais nós participamos e que não estão fora da escola, elas estão dentro da escola, porque vão dentro das pessoas que vão à escola fazer a escola.” (ALVES, 2013, p. 12)

Os acontecimentos e vivências no cotidiano atravessam a escola na diversidade de redes educativas. Por vezes, a grade curricular e o conhecimento elencado como válido,

acadêmico, não dialogam com o conhecimento que importa os discentes, pelo que vivem no cotidiano. No contexto pandêmico essas redes se entrelaçaram mais ainda na escola, na casa, na diversão e na informação, que estavam no mesmo lugar, nos artefatos tecnológicos, no notebook, em tablets e smartphone, sendo este último o mais usado pelos discentes aqui citados. Os artefatos não estavam presentes na sala de aula, eles eram a sala de aula.

Essa reconfiguração de ambiência refletiu no *'aprenderensinar'*: mesmo em uma conjuntura de tanta adversidade vivenciar a educação online evidenciou muita potência, o acesso aos materiais para estudos e leitura na plataforma *Google Classroom* e veiculação de memes que nos fazem rir e pensar sobre diversas situações, que também estavam na sala de aula. Certamente, não teríamos vivenciado a estrutura implementada da mesma maneira se não tivesse sido uma imposição como foi.

O novo causa medo. Impedir o uso do celular na sala de aula, era uma prática adotada por muitos professores antes da pandemia, mas, por um período, a aula passou a acontecer no celular, já que a maioria dos meus alunos que participaram das aulas online o fizeram pelo celular. Percebeu-se, então, que não deveria ter sido proibido o uso desses artefatos no processo educativo, e que não caberia à escola proibi-los, mas discutir como deveria ser seu uso na/para a escola.

Os fenômenos ciberculturais que, compreendido nesta pesquisa, já se faziam presente entre docentes e discentes no cotidiano; não fomos preparados no nosso processo formativo para usá-los pois muitos ou não existiam ou não eram acessíveis nesse período. Assevera Tardif (2011, p.244):

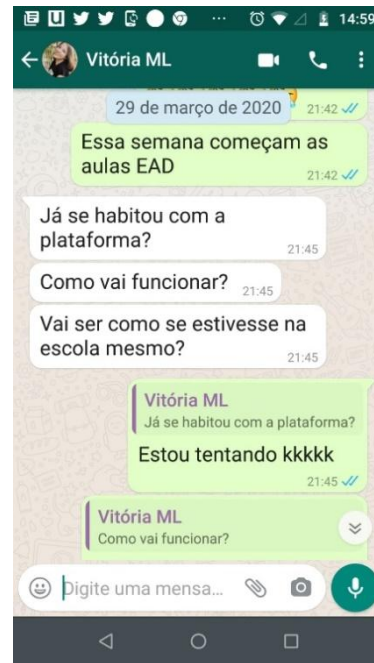
Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros.

O autor afirma que seremos reconhecidos socialmente, como sujeitos de conhecimento, quando começarmos a nos reconhecer nos outros. Então, temos que aprender com nossas alunas e alunos, fazermos a educação juntos. As demandas e crítica que eles nos sinalizam precisam ter relevância na nossa prática docente, nesse “novo normal”.

Na emergência da implementação abrupta, nosso despreparo, se evidenciou com algo tão inesperado. Muitos de nós não receberam, em sua formação, a capacitação sobre o uso de novas tecnologias com fins pedagógicos; as informações e formações oferecidas pela SEEDUC eram insuficientes às nossas demandas e estávamos sem coordenação pedagógica

na escola, nesse período. A ajuda mútua não era suficiente para a organização necessária ao um trabalho coeso.

Figura 29 - : Print de uma conversa ‘docentediscente’



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A conversa acima (Figura 29), com a aluna Vitória Venâncio, da turma 3002, demonstra como eu não sabia como se daria essa educação extraordinária, apenas entendia que seria próxima à EAD. As angústias e incertezas, que não eram só dos discentes, impulsionaram uma união e organização dos alunos pelo *WhatsApp*, uma ajuda mútua, superação, tática, enfim, essa atitude foi impulsionada por um sentimento de termos que seguir, e a educação não poderia parar.

Entre, nós, docentes, a troca pelo *WhatsApp* foi importante para entendermos que estávamos diante de um novo normal. Os quinze dias de suspensão das aulas estavam terminando e, mesmo sem uma formação adequada, tínhamos que utilizar a plataforma *Google Classroom*. No dia 31 de março às 21 h a professora de inglês, Cláudia Regina me chamou para conversar no *WhatsApp*:

*“Amiga, boa noite. Desculpa a hora, mas vi sua postagem na plataforma agora há pouco, rsrsrsrs. Queria saber como faz para colocar um vídeo com a letra de uma música? Preciso fazer meu primeiro post, como faço?”*



Conversamos por algum tempo e a professora Cláudia Regina conseguiu fazer a postagem, foi um período onde não existia horário de trabalho. Ficávamos horas navegando na plataforma e conversando pelo *WhatsApp*, trocando informações sobre como utilizar os recursos dela. A professora citada, não era exceção estávamos todas e todos perguntando uns aos outros sobre como utilizar esses novos recursos didáticos.

A professora de Educação Física Ilcéia Oliveira, também me mandou uma mensagem pelo *WhatsApp* antes do início das aulas online, dizendo:

*“Carla, boa tarde, Vc conseguiu postar alguma coisa, algum atividade ou vídeo?”*

Compreendendo essas narrativas, percebi o quanto um contato maior de nós, professores, com as tecnologias para fins pedagógicos fez falta na implementação deste ensino extraordinário, remoto online. Eu repassei para a professora Ilcéia as instruções que o professor de Filosofia André Storino me passou, as quais foram:

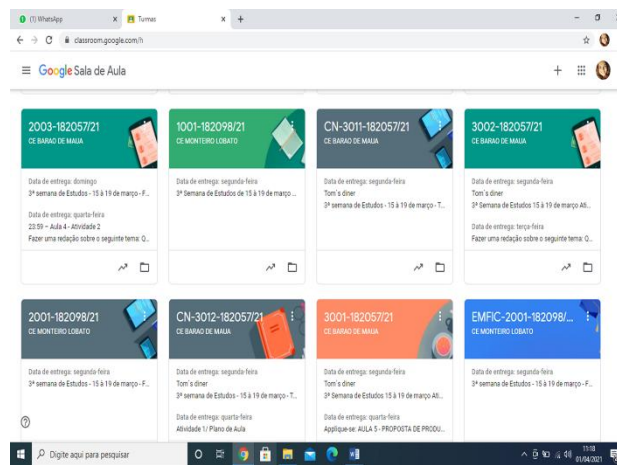
*“Fala Ana Carla! É tranquilo, quando vc vai criar uma atividade, aparece uma aba e vc clica formulário. Vc pode fazer uma chamada de vídeo agora? Eu compartilho a tela e te explico melhor.*

Analisando as falas das professoras Cláudia e Ilcéia comigo e as minhas com o professor André, entendi que as dúvidas eram muitas, esse “novo normal” exigia de nós um conhecimento que precisávamos ter através de formação continuada que a SEEDUC RJ não nos ofereceu e nem nos deu condições para. A ajuda mútua necessitou ser maior do que já praticávamos. E eu pude ajuda-las, pois o professor André também se disponibilizou a me ajudar.

Docentes se viram imersos em ajustamentos para que seus planejamentos se adequassem às exigências das salas de aulas online. Em muitos casos tiveram que aprender a gravar e editar os próprios vídeos, criar formulários online e atender por videoconferências entre outras. O que, de certa forma, contribuiu para que fossem quebradas algumas resistências no uso das novas tecnologias. (OLIVEIRA, STORINO e SANTOS, 2021, p. 2)

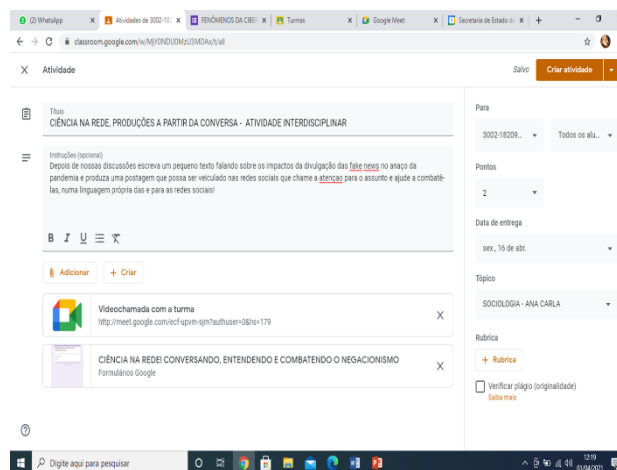
Lançamos mão do uso das novas tecnologias nas nossas práticas docente, na primeira semana de aulas online, os materiais didáticos, atividades e videoaulas (encontradas no *YouTube*) foram postados no *Google Classroom*, mas os discentes tiveram dificuldades de adaptação às mudanças. As Figuras 30 e 31, embora sejam *prints* das turmas e atividades do ano de 2021, exemplificam como as turmas eram apresentadas aos docentes e como as atividades eram visualizadas no momento de sua elaboração.

Figura 30 - : Print da tela das minhas turmas de 2021



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Figura 31 - Print da tela de uma atividade de Sociologia



Fonte: Acervo da autora, 2021.

As mudanças foram significativas e os alunos que tinham acesso a internet começaram a acessar a plataforma, então surgiam as dúvidas que eram tiradas pelo *WhatsApp* nos grupos das turmas ou em conversas privadas. Não existia horário determinado para esses atendimentos, incluindo os finais de semana. A aluna Sara Hellen Cardoso, da turma 3002, me mandou a seguinte mensagem:

*“Boa noite professora, me desculpa a hora eu tô com uma dúvida. Eu fiz a atividade mas não apareceu salvo pra mim. Será que salvou?”*

Mensagens como essa chegavam a qualquer dia e a qualquer hora, já que os discentes realizavam as atividades no horário que fosse possível. Essa aluna citada não tinha uma conexão de internet estável e dizia que, à noite, a conexão melhorava. Ao realizar as atividades as dúvidas apareciam, o que justificava o horário dos contatos.

Considerando que somos trabalhadores, proletários da educação, a partir de uma perspectiva marxista, a jornada de trabalho aumentou. O tempo dispensado ao preparo das aulas, atividades, interação com os discentes foi maior. No novo normal as horas trabalhadas aumentaram e não fomos remunerados a mais por isso. O empenho em realizar o nosso fazer docente nos fez negligenciar as reivindicações necessárias que não as fizemos naquele momento.

Nesse novo normal, as práticas culturais aconteceram online, formando redes, entrelaçamento de saberes e fazeres do cotidiano dos sujeitos, nas suas ações e interações com a família, os vizinhos, no trabalho e/ou na escola. Alves (2012) aponta que esses nossos saberes fazeres no cotidiano, nas relações entre os sujeitos, articularam múltiplas redes educativas, nas quais tanto formamos como fomos formados, criamos conhecimentos e significações a partir dessas redes que também foram tecidas no ciberespaço.

A educação é uma ação conjunta, todos os sujeitos envolvidos contribuem no processo, é uma tecitura criando redes de conhecimento. Essa tecitura com fios de diversas texturas, permite a junção de redes potencializadas pelos sujeitos que a integram, favorecem suas escolhas e ações na sociedade, bem como também influenciam outros, estabelecendo relações. Em tais redes, as trocas nos constituem. São essas relações que nos permitem criar e articular valores, éticas e estéticas diversificadas, apropriadas à complexidade das diversas redes (ALVES, 2012, p. 1).

Na adaptação às mudanças impostas pela pandemia, não só na educação mas, na sociedade como um todo, surgindo a ideia de um “novo normal” quando se mesclavam práticas anteriores e novas abordagens, as quais, durante a pandemia que garantiram nossa vivência, não apenas sobrevivência.

Esse **#novonormal**, na educação remota, se estendeu além do período observado nessa pesquisa. No período em que esta pesquisa foi realizada, a secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro teve três secretários, sendo que o ex-deputado Pedro Fernandes<sup>24</sup>, o secretário que implementou a educação remota no início do ano de 2020, foi preso em

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/pedro-fernandes-deve-ser-exonerado-da-secretaria-de-educacao-do-rio/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

setembro de 2020, por suspeita de corrupção. As poucas diretrizes na gestão educacional do estado caíram e seguimos com nossos próprios planejamentos.

A pandemia provocou movimentos que nos fizeram pensar outros caminhos formacionais. A professora e pesquisadora Nilda Alves (2011) os chamou de redes educativas, nos fazendo refletir sobre os processos de reprodução, transmissão e criação de conhecimentos e significações. Na pandemia habitamos o ciberespaço curtindo, compartilhando e criando ‘conhecimentossignificações’ sobre ciência, racismo e muitos outros que estavam no dia a dia, na vida e na escola. Alves (2011) os considera o “outro do currículo”, tudo que os currículos oficiais devem abordar, pois as redes, nesse “novo normal” estavam a todo momento se relacionando com os ‘*espaçostempos*’ da escola online.

#### 4.2 “Vou repetir o ano?”

[...]Hoje o tempo voa, amor  
 Escorre pelas mãos  
 Mesmo sem se sentir  
 Não há tempo que volte, amor  
 Vamos viver tudo que há pra viver  
 Vamos nos permitir[...]  
*Lulu Santos, Tempos modernos, 1982.*

Essa música de grande sucesso do cantor e compositor Lulu Santos, pelas tantas formaturas do Ensino Médio de que já participei, está entre as músicas mais tocadas e/ou cantadas nas formaturas. As alunas e alunos das turmas concluintes comumente iniciam o ano formando uma comissão de formatura e discutindo sobre a blusa da turma<sup>25</sup>. E quando nos demos conta que, estávamos diante de um **#novonormal** e diante deste, eram preciso novas atitudes o que não foi diferente para os discentes.

Os discentes que iniciaram o ano letivo de 2020 pensando vamos escolher uma blusa bem bonita e uma cerimônia de formatura marcante, passaram o ano se preocupando se o ano letivo seria válido, se eles concluiriam o ensino médio e conseqüentemente, a maior angústia deles naquele momento, nós vamos repetir o ano? Era nítido o esforço de alguns para

---

<sup>25</sup> As alunas e alunos do terceiro têm um benefício adquirido por serem turmas de terminalidade, utilizar uma blusa personalizada com a logomarca da escola e da rede estadual mas na cor e com detalhes escolhidos pela turma. O uso dessa blusa diferenciada, no ambiente escolar traz um status de admiração pelos discentes das outras turmas, que esperam pelo momento em terão as suas.

acompanhar as aulas online mas não eram todas e todos os discentes que o faziam ou participavam das rodas de conversas online.

Os docentes, em 2020, entenderam que estavam diante de um #novonormal, portanto, eram necessárias novas atitudes, contudo os discentes agiram como formandos convencionais, discutindo sobre a blusa da turma e a cerimônia de formatura marcante. Repentinamente, essas alegrias deram lugar à preocupação com a validade daquele ano letivo, à insegurança sobre a conclusão do Ensino Médio e, conseqüentemente, a maior angústia deles, naquele momento, seria uma possível retenção no último ano da educação básica. Era nítido o esforço de alguns para acompanhar as aulas on-line, no entanto, não eram todas e todos os discentes que o faziam ou participavam das rodas de conversas online. Essas turmas de 3º ano do Ensino Médio que compõem a pesquisa não tinham um perfil de coesão e união antes da pandemia. Relacionavam-se em pequenos grupos, mas, por estarem na escola, em média, há três ou quatro anos, relacionavam-se de maneira amistosa.

Com a implementação, no início de abril de 2020, do ensino online, as alunas e os alunos articularam conversas fora dos grupos das turmas, nos quais colocaram suas demandas e pediram que a aluna Vitória Arcanjo Venâncio redigisse um texto, o qual ela me apresentou, em uma conversa privada, perguntando se eu poderia encaminhá-lo para o grupo de *WhatsApp* dos professores. Ela pediu que eu destacasse que era um texto com demandas das duas turmas de 3º ano da escola. Ei-lo na íntegra:

*Boa tarde, como vocês estão? Espero que todos estejam bem.*

*Bom, acredito que falo por todo o 3º ano ou até mesmo os demais estudantes do colégio nesse momento.... Entendemos que é um período de grande mudança para todos e queremos colaborar com vocês, mas precisamos da colaboração de todos também. Alguns colegas e eu diversas vezes tentamos nos comunicar de alguma forma e expressar nossa insatisfação com algumas coisas que estamos observando, dentre elas podemos citar:*

*1- Falta de organização de horário para postagens dos conteúdos e esclarecimento de dúvidas. (Alguns professores dizem que será no horário normal das aulas mas não foi confirmado por todos). Não exigimos que todos acordem super cedo, deixem de passar o tempo com suas famílias nem nada, pelo contrário, acreditamos que uma devida organização será benéfica para ambos os lados.*

*2- Tarefas que excedem o limite de tempo de aula que teríamos em sala de aula. (Não são todos mas está ocorrendo com alguns).*

*3- Falta de comunicação do colégio e professores com os representantes e vices. (Entendemos que muitos não querem disponibilizar seus números de celulares*

*por se tratar de algo pessoal e o número de alunos ser muito grande porém acho que nesse momento seria bom que pelo menos informassem aos representantes ou criassem um grupo entre os professores e representantes para os casos de dúvidas e outras necessidades que possam vir a ter.)*

*4- Que os professores descartam a ideia de impressão de conteúdo por parte de alunos, pois muitos não disponibilizam de impressoras e nem recursos para gastar dinheiro com impressões ou tem como sair de casa para realizar a impressão.*

*5- Disponibilização de conteúdos em materiais como folhas, fotos e PDFs sem vídeo aulas anexadas dos professores ou de outros professores que se encontrem em plataformas tais como o YouTube. (Há diversas maneiras de se obter aprendizado e nem todos os alunos aprendem todo o conteúdo somente fazendo leitura.).*

*E queremos pedir a Professora Vilma que repense sobre algumas atividades, pois, ela começou a postar atividade antes de todos os professores e do pronunciamento do governo e agora no classroom tem reclamações unânimes sobre a quantidade de questões que ela está pedindo para ser respondida e a forma que deseja. Pedimos também que ela e todos os professores coloquem no Google classroom apenas as matérias de suas atividades ou comentários sobre as aulas para não ter confusão*

*Como dito anteriormente nós sabemos que isso tudo é novo, tanto vocês quanto nós, estamos tentando nos habituar a essas mudanças, mas precisamos de organização nesse momento. Então nós alunos do 3º ano do ensino médio pedimos a colaboração de todos os professores e da direção para conosco estudantes (1º e 2º anos também, pois acreditamos que todos precisam disso no momento.) para que assim possamos amenizar futuros conflitos entre ambos os lados e dores de cabeça que possam acontecer.*

*Desde já agradecemos a compreensão, esperamos que os professores entendam que não estamos de birra ou brincadeira com essa situação e desejamos um bom feriado e uma Feliz Páscoa.*

Fonte: Acervo da autora, 2020.

A postagem foi feita como solicitada no dia 09 de abril de 2020 no grupo dos professores, gerando muitos comentários e inquietações. Perguntaram-me quem havia escrito, eu disse que foi um texto expressando as demandas das duas turmas. A mensagem escrita pela aluna Vitória Venâncio representa as demandas das duas turmas, que se organizaram pelo *WhatsApp*. Em todos os meus anos na educação, eu não tinha visto, ainda, uma mobilização como essa. Antes da pandemia, os discentes poderiam não realizar as atividades,

mas dificilmente questionariam sobre não ter entendido o que se pede, ou sobre a quantidade ou sobre o prazo de entrega. Uma ou um aluno, esporadicamente, poderia reclamar mas duas turmas eu nunca tinha presenciado.

A narrativa com as demandas dos discentes, não expressava as demandas de todas e todos, pois nesses primeiros dias da educação remota, poucos começaram a entrar na plataforma e realizar as atividades.

Mas os que entravam, compartilhavam das mesmas dúvidas e dificuldades nos estudos colocadas, a intenção dos discentes era nos ajudar. Eles entendiam que as mudanças foram muitas e nós também estávamos constituindo nossas práticas docente na nova ambiência.

Por eles mesmos, eles não conseguiam organizar seus estudos e queriam seguir os horários das aulas quando eram presenciais. Porém, nós, docentes estávamos nos adaptando a nova ambiência formativa e somado a isso, não tínhamos uma conexão instável e com boa velocidade e nem todas e todos tinham dispositivos em boas condições de uso. Alguns estavam usando o celular para acompanhar a participação dos alunos.

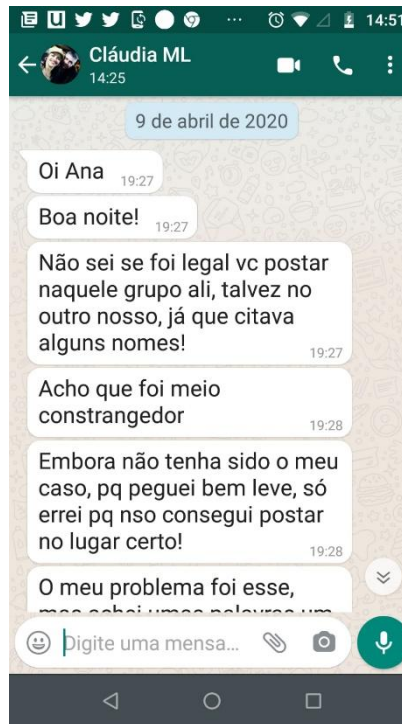
Entre as demandas evidenciou como nossa comunicação ‘*discentesdocentes*’ estava aquém do necessário. As dúvidas dos docentes eram muitas, pois não sabíamos converter o tempo de nossas aulas no presencial às quantidades de atividades correspondentes que deveríamos colocar na plataforma.

Talvez, também não estivéssemos atentos à como nossa organização influenciaria na organização dos alunos na realização das atividades. As trocas que aconteceram entre os professores, que dominavam a plataforma *Google Classroom* com os que queriam aprender, aconteceram até tarde da noite e para testar esse aprendizado postávamos as atividades depois de 22 h, o que causava uma estranheza nos alunos pois estes pensavam que deveriam fazê-las imediatamente após nossas postagens, que não correspondiam ao dia da aula naquela turma.

A reclamação sobre a quantidade das atividades era pertinente, pois nós, professores, pedimos que estas fossem transcritas no caderno. Havia uma expectativa de que votaríamos logo ao presencial, o que, naquele ano, não foi possível.

A professora de Inglês, Cláudia Martins me mandou essa mensagem (Figura 32), expressando seu sentimento em relação às demandas dos alunos.

Figura 32 - Print de conversa com a professora Cláudia



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O sentimento da professora de Inglês representava o nosso despreparo em lidar com todas aquelas mudanças e questionamentos. Nós, docentes, observamos ser um texto bem escrito, com demandas claras e objetivas. Chegamos a um consenso de que precisávamos traçar algumas diretrizes. Precisávamos nos capacitar nesse novo fazer docente, que acontecia mediado pelas tecnologias digitais em rede.

Na reunião pedagógica que aconteceu no dia 07 de abril de 2020 pela manhã, por iniciativa dos professores, para traçarmos diretrizes que orientassem nosso trabalho, embora tivéssemos conversado sobre nossas dificuldades em nos adaptar às mudanças na Educação impostas pela pandemia e as dificuldades que os alunos estavam enfrentando, não sabíamos que os mesmos estavam tão angustiados e de fato, quais eram suas dificuldades.

Outras alunas e alunos se manifestaram no grupo da turma e no mural da turma no *Google Classroom* o que nos impulsionou a buscar o conhecimento necessário para realizar nosso trabalho e reafirmar nosso desejo em fazer a roda de conversas online como um espaço de aproximação e motivação dos discentes. O texto da Vitória Venâncio evidenciou que



precisávamos nos preparar para enfrentar esse desafio que não sabíamos ao certo como e quando terminaria.

A reivindicação da Vitória Venâncio, representando duas turmas, foi reflexo da construção filosófica e sociológica que fizemos nos anos anteriores à pandemia. Orientados por uma pedagogia crítica (FREIRE, 2010), o fomento dessa reivindicação foi feito pelas alunas e os alunos ao implementarmos o ensino extraordinário, remoto online.

Nas aulas online e nas conversas no *WhatsApp*, as alunas e alunos repetiam as mesmas perguntas: Vamos ter que repetir o ano? Vamos fazer prova? Em que bimestre estamos? Quando vamos voltar para o presencial? Perguntas para as quais não tínhamos as respostas.

Nas rodas de conversas online, iniciávamos perguntando se todas e todos estavam bem; elas e eles respondiam vários “sins” no chat e faziam as mesmas perguntas. Na primeira roda a aluna Sara Hellen Cardoso da turma 3002, mesmo com timidez, tomou coragem e abriu o microfone para perguntar:

*“Nós vamos ter que repetir de ano?”*

Essa pergunta foi uma das mais repetidas que tínhamos no chat. Na segunda roda de conversas online, que aconteceu no dia 15 de maio, a aluna Aline Dalvi perguntou pelo chat:

*“Vamos fazer prova? Em que bimestre estamos?”*

Infelizmente estando a mais de um mês da primeira roda, ainda não tínhamos recebido orientações da SEEDUC RJ sobre o que os discentes queriam saber, ou seja, eles continuavam inseguros, sem respostas. A aluna Khatleen Raianne da turma 3001 perguntou na terceira roda de conversas, que aconteceu no dia 03 de julho:

*“Quando vamos saber se vamos passar ou não?”*

Argumentei que, se estivéssemos no ensino presencial, o ano ainda estaria no meio, não seria possível ter o resultado final nessa época. E na quarta roda, que aconteceu no mês de agosto, a aluna Lohane Beatriz da Conceição, da turma 3001, retomou a pergunta pelo chat:

*“Nós vamos passar de ano ou vamos ter que fazer o 3º ano de novo?”*

As mesmas perguntas se repetiam nas aulas e nas rodas de conversas online, tanto que até já nos preparávamos para tentar respondê-las, sempre que estávamos na elaboração do

encontro, porém não havia informações disponíveis aos docentes. As informações que nos eram passadas mudavam a todo momento e, até novembro de 2020, não tínhamos informações sobre qual era o bimestre do período, ou como o ano letivo se organizaria, como seriam as avaliações, conseqüentemente, se haveria, ou não, reprovação.

Essa preocupação em repetir o ano, nos leva a refletir o que esse questionamento significava para os discentes. Segundo Dayrell (2005, p.37): “A escola pouco conhece o jovem que a frequenta, a sua visão de mundo, os seus desejos, o que faz fora da escola”. Nos trazendo uma reflexão sobre como é o relacionamento entre os discentes e a escola, o qual segundo o autor é ruim. Essa insatisfação gera e a perda do interesse de frequentarem o espaço escolar. A falta de diálogo entre os discentes e a escola, sobre o que realmente estes desejam? A falta de diálogo entre escola e estudantes interfere na criação de oportunidades para os jovens expressarem suas opiniões e participarem da escola.

As alunas e os alunos se mostram contrários a práticas autoritárias na escola e querem que esta dê conta de seus projetos particulares. Elas e eles querem concluir o Ensino Médio para entrarem em uma universidade, fazer um curso técnico profissionalizante ou conseguirem um trabalho.

A pandemia nos fez ressignificar o espaço escolar, o qual precisa ir além de ser apenas espaço de adquirir conhecimento. As demandas sociais exigem que a escola dê conta desses anseios dos jovens. Segundo Dayrell (2005, p. 37), sobre a escola, os que a compõem “consideram os processos educativos necessários para lidar com um corpo em transformação, com os afetos e sentimentos próprios dessa fase da vida e com as suas demandas de sociabilidade”. Eles se relacionam, mas, também, visam outros objetivos que a escola lhes possibilitará.

São muitos os anseios e as necessidades dos jovens que estão na escola e consideram Dayrell e Carrano (2014), ser preciso refletir sobre as múltiplas dimensões da condição juvenil, entendendo as culturas juvenis na sua diversidade, na sociabilidade, na relação dos jovens com o tempo e o espaço, principalmente no contexto pandêmico. A emergência em concluir a educação básica também estava relacionada ao ingresso no mercado de trabalho, era preciso refletir sobre esse anseio e validá-lo.

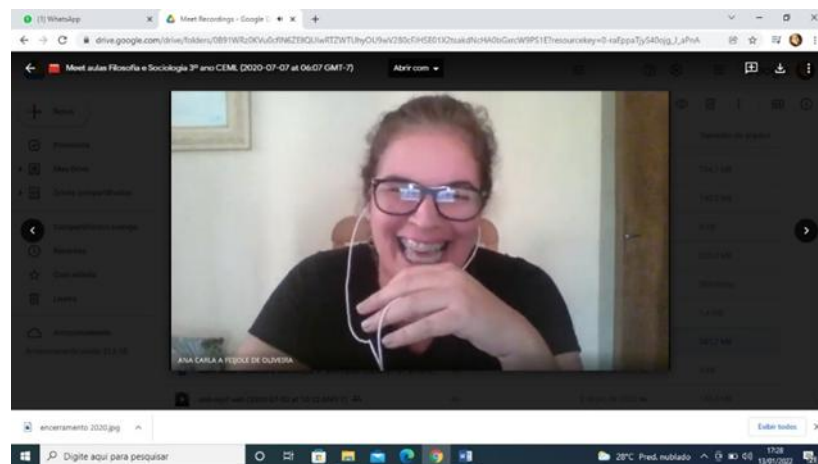
Quem faz a escola, pensando no papel formacional desta, são os que estão nela, os governantes, nas políticas públicas e diretrizes, a equipe diretiva, docentes e discentes. Todos precisam participar dessa construção e estabelecer as metas a alcançar. A interpretação, nesta pesquisa, para as repetidas vezes em que ouvimos “Vamos repetir o ano?”, mostrou que os discentes queriam entender as diretrizes das mudanças em relação à educação; buscavam a

garantia de que o ano seria válido e eles, com a conclusão do Ensino Médio, seguiriam seus caminhos.

#### 4.3 As desigualdades ao acesso à educação online na pandemia

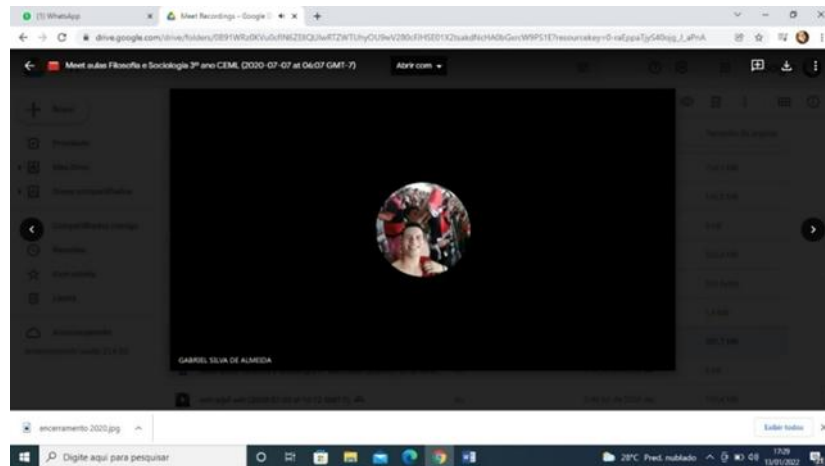
Os fenômenos ciberculturais mediaram os processos de *'aprendizagemensino'* das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Fizemos uso das tecnologias digitais em rede, nos utilizamos dos fenômenos ciberculturais para *'aprenderensinar'*. Através de videochamadas entre docentes, compartilhamos conhecimentos, a fim de aprendermos a utilizar a plataforma *Google Meet* e *Google classroom*, e, também, através de vídeos do *You Tube*, absorvíamos o passo a passo das múltiplas possibilidades dessas plataformas.

Figura 33 - Print da gravação da aula de Filosofia e Sociologia sobre educação remota



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 34 - Print da participação dos alunos nas aulas



Fonte: Acervo da autora, 2020.

As Figuras 33 e 34 são prints da gravação da aula de Filosofia e Sociologia que fechou o primeiro semestre de 2020, e um dos temas abordados foi a educação remota online e como essas alunas e esses alunos presentes às aulas a avaliavam. O aluno Gabriel Silva Almeida, mesmo com a câmera fechada, abriu o microfone e expôs sua avaliação.

*É, em relação as desigualdades né, eu acho que é sempre um assunto que todos sempre esteve cientes que existe. Mas acho que nunca, foi tomado, as pessoas até tomavam mas não como deveria. Porque não era visto, a gente nem sentia, nem pensava. Igual na escola. Todos tinham acesso, independente das dificuldades que tinham. Hoje a escola está funcionando, de certa forma, está. Nós temos 14 alunos aqui participando, pô legal mas são 2 turmas, que chega mais ou menos à uns 80 alunos. É uma forma fácil de entender essa desigualdade, onde teria 80 só tem 14. Tem outras questões também, é complicado de falar mas as pessoas que pode fazer alguma coisa, não tomaram medidas e quem mais precisa que sofre. É aquilo que a senhora disse hoje e o professor André já tinha falado na outra aula, como estudar sem ter comida em casa ou alguém desempregado. A gente acaba pensando e repensando neste assunto.*

A participação do aluno Gabriel Almeida é um exemplo de como ele conclui a educação básica com senso crítico desenvolvido e conseguindo fazer uma leitura da realidade, a partir das experiências mediadas pelas redes de conhecimento na relação cotidiano-ciberspaço. Fechando o ciclo da educação básica, sabe contextualizar os conteúdos estudados com a realidade que ele vivencia, trazendo uma análise crítica de que as aulas online eram boas, mas nem todas e todos tinham acesso a elas.

Acesso que poderia ter sido viabilizado por políticas públicas, as quais não foram feitas por quem tinha tal responsabilidade. Em uma perspectiva freireana, libertadora, como

vimos o aluno se autorizar e colocar-se, a partir dos conteúdos estudados, participando na hora em que a aula acontecia, aproximando a teoria do cotidiano.

A fala do Gabriel nos fez pensar, por que os que gerem a educação na rede estadual não tomaram medidas que promovessem essa inclusão? Pensar no sistema capitalista que impacta no funcionamento da sociedade e que desestabilizam as relações humanas (Santos, 2020) seria um caminho para encontrar as respostas.

Na análise que fez da pandemia, em “o poder pedagógico do vírus”, Boaventura de Sousa Santos (2020), retrata como a pandemia da Covid-19, como uma metáfora para os processos de ‘*aprendizagemensino*’ impostos pelo distanciamento físico, ao mesmo tempo em que propõe questionamentos, surgem preocupações.

Discutem-se os usos das novas tecnologias, de forma imposta e imediata, na educação evidenciando uma necessidade de adaptação dos docentes. Porém, na escola pública, somada a essas mudanças pedagógicas na ‘*aprendizagemensino*’, a falta de acesso a conexão à internet e aos dispositivos, tablets, celulares ou computadores foram entraves na implementação da educação online e que esta alcançasse a todos os discentes, significando que muitos não conseguiriam ser incluídos na educação online, como aconteceu.

Há um paradigma que precisa ser discutido, além de um paradoxo que se apresenta, respectivamente: a pandemia potencializou o uso das novas tecnologias na educação, as quais tecnologias essas que viabilizam e potencializam o aprendizado, porém na pandemia evidenciaram-se as desigualdades de acesso a essas novas tecnologias.

Como propõe Santos (2020), precisamos ter cuidado na produção de conhecimento, intelectual e acadêmico, pois no contexto pandêmico, em que muitos vivenciam os mesmos dilemas e questionamentos, uma disputa de narrativas que podem ser próximas, muitas delas inconscientes, com das reais dinâmicas e necessidades. E não temos respostas para algumas situações que ainda estamos vivendo, sem que estas tenham finalizado, fechado um ciclo que nos permita analisá-las com clareza.

Com o objetivo de compreender essas desigualdades ao acesso à educação online, na pandemia, Couto, Couto e Cruz (2020, p. 210) destacam que no:

Brasil, praticamente metade da população não tem acesso à Internet ou tem acesso limitado e instável. As desigualdades no acesso e usos da Internet em muitas áreas urbanas periféricas e zonas rurais reforçam as diferenças marcadas por vulnerabilidades sociais.

E essa era a realidade dos meus alunos e alunas, tendo o acesso limitado, buscando utilizar a internet de terceiros, parentes ou amigos, e compartilhando dispositivos para

execução das atividades, principalmente celulares, criando suas táticas para entregar as tarefas.

Não podemos, com precisão, dizer quantas alunas e quantos alunos compreendiam as aulas online e/ou as rodas de conversa, como as mesmas eram gravadas e disponibilizadas no *Google Classroom*, quem não participava de forma síncrona as assistiram gravadas e realizaram as atividades propostas, da mesma forma. Contando pelas entregas das atividades, por volta de 80% dos alunos das turmas, as entregaram na plataforma *Google Classroom*. Nas aulas presenciais, antes da pandemia, dificilmente, havia 100% de entregas de atividades, o que não retira a responsabilidade, de como ressaltou Gabriel Almeida, aos que poderiam ter “tomado as medidas” e não o fizeram.

Não é que nos conformemos com a exclusão dos educandos, tanto que mesmo antes da pandemia, sempre tentamos incluir quantos discentes conseguíamos, sensibilizando-os, transformando-os pela educação. Contudo, nunca todas e todos eram incluídas/os e nem aprendiam de igual forma ou conseguiam avançar/prosseguir na formação acadêmica, quadro que se manteve no contexto pandêmico.

Diante de todos os acontecimentos desse período, compreendendo que as redes educativas estavam contribuindo no processo formativo e nos fenômenos ciberculturais, entendemos que, precisamos ter ações, no nosso fazer docente, que combatam as desigualdades de acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos necessários a uma educação de qualidade. Uma educação que impacte nas mudanças necessárias à sociedade.

#### 4.4 “**Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista**”

Essa frase da professora, filósofa e ativista estadunidense Angela Davis<sup>26</sup> ilustra a quarta noção subsunçora encontrada na compreensão das narrativas analisadas, a educação antirracista. No ano de 2020, essa afirmação se faz extremamente atual, mesmo vivendo um “novo normal” no fazer docente, vivenciamos o racismo como sempre. Angela Davis se destacou pela participação na luta antirracista nos anos de 1960-70 e, no Brasil, a professora e ativista Lélia Gonzalez<sup>27</sup> levanta a bandeira contra a discriminação racial e de gênero, duas referências na luta contra o racismo e luta por direitos em seus respectivos países.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/angela-davis/> Acesso em: 20mar.2022.

<sup>27</sup> Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2260:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2260:catid=28). Acesso em: 20 mar 2022.

Como dizia Freire, não é a educação que muda o mundo mas as pessoas são sensibilizadas pela educação que, impulsiona essas mudanças. Para promover a autonomia ao educando, é preciso fomentar práticas educacionais, as quais não devem ser centradas apenas no professor, pois essas não têm espaço nesse “novo normal”, quando a dinâmica das aulas depende da interação de todas e todos, “Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um.” (HOOKS, 2013, p.18)

A interação do conteúdo estudado nas aulas de Filosofia e Sociologia; foi contextualizado nas redes sociais, as quais compreendemos como redes educativas. Na pandemia, habitamos mais do que nunca, essas redes produzindo, compartilhando, comentando postagens que discutiam Fake News, racismo, questões de gênero e intolerância religiosa.

Em meio a essa terrível situação, que houve o assassinato do George Floyd filmado por smartphone, compartilhado via Apps e nas redes sociais, o qual gerou manifestações na grande mídia, nos veículos de imprensa, com engajamento de artistas, autoridades políticas e religiosas, motivando a criação de vídeos e memes que discutiam o assunto. Este fato nos mostrou que, se precisávamos estar distantes fisicamente para preservarmos nossas vidas, questões como racismo, que matam com ou sem pandemia e que estiveram em evidência, através dos fenômenos sociotécnicos culturais, precisam ser debatidos sempre.

As aulas online com o conteúdo programático de Sociologia aconteciam às sextas-feiras de 9h às 10h 30 min., em semanas alternadas. Depois de conversarmos como faríamos a educação online, decidimos, docente e discentes, que, em uma semana, teríamos aula online e eu não colocaria atividades na plataforma (assim que nos referíamos ao *Google Classroom*). Na semana após o assassinato do George Floyd, depois de tanta repercussão, nos meios de imprensa, nas redes sociais e após as primeiras manifestações nos EUA, como o acordado nos encontramos no dia 05 de junho de 2020. Estávamos estudando sobre as desigualdades sociais, sua origem nas diferentes sociedades, diferentes culturas etc. E no chat Letícia de Deus Ferreira Silva perguntou:

*“Professora, vc viu sobre o cara morto pelo policial nos Estados Unidos?”*

Antes que eu começasse a comentar sobre o que Letícia perguntou o aluno Gabriel Almeida escreveu no chat:

*“Tem o vídeo do policial ajoelhado nele, caramba professora”*

Eu ficava atenta ao chat pois, dificilmente elas e eles abriam o microfone para perguntar ou comentar, e ao ler esses comentários, comecei a falar sobre o que eu tinha visto/lido acerca do assunto. A aluna Hilary abriu o microfone e falou:

*“Professora, fazer manifestação contra a discriminação é justo, mas e o covid?”*

Quando eu comecei a falar do racismo estrutural nos EUA, a aluna Mirian de Paula Silva perguntou no chat:

*“Nos Estados Unidos tem discriminação com negros?”*

E antes de seguir na minha linha de explicação sobre a formação dos EUA, que envolve o processo de Independência(1776) e a Guerra de Secessão(1861-1865) interrompi a minha explicação e respondi:

*“TEM!!! E muito Mirian!”*

Antes de retomar a explicação eu reafirmei que existem muitas situações de violência movidas pelo racismo lá nos EUA, antes do assassinato do George Floyd. E naquele final de semana algumas alunas e alguns alunos me marcaram em postagem que traziam o tema, em *memes*, fotos, charges ou posicionamentos, a #blacklivesmatter era o motivo de algumas perguntas no *WhatsApp*. Essas turmas tinham essa prática de me marcar nas postagens para depois, ou pelo *WhatsApp* mas principalmente nas aulas online, me perguntar se eu tinha visto o que sinalizaram e o que eu tinha para dizer sobre. As discussões foram tantas que resultaram na quarta e última roda de conversas que foi sobre o racismo.

Como já foi citado aqui, preparamos aulas de Filosofia, História e Sociologia para um embasamento teórico sobre o tema antes da roda de conversas. A maioria das alunas e dos alunos dessas turmas estudaram comigo nos anos anteriores, sempre trabalho esse assunto, independentemente de qualquer acontecimento racista, no dia 21 de março (Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, estabelecido pela ONU) e no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra, vitória dos movimentos negros no Brasil). Mas era pouco, evidenciando a necessidade da educação antirracista, que deve começar na escola, porém:

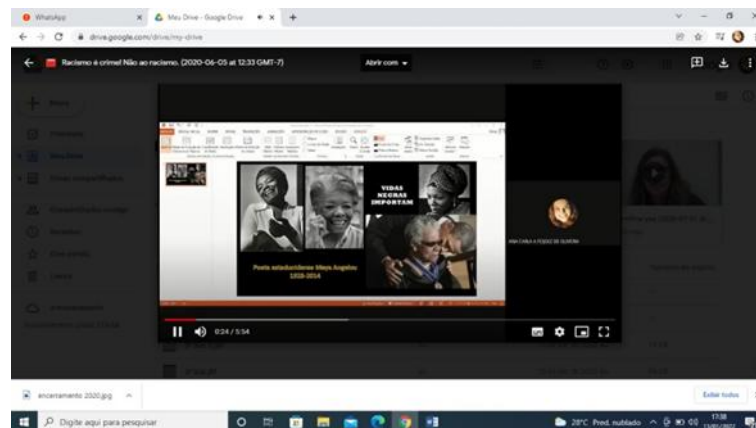
Não é possível mudá-las [as salas de aula] se os professores não estiverem dispostos a admitir que ensinar sem preconceitos exige que a maioria de nós reaprenda, que voltemos a ser estudantes. [...] A integridade está presente quando há congruência ou concordância entre o que pensamos, dizemos e fazemos. (HOOKS, 2020, p.64)



As palavras da feminista estadunidense Bell Hooks nos trazem à reflexão do comprometimento que precisamos ter para que, de fato, a educação antirracista aconteça. Em citação a Freire, a autora se refere à educação como prática de liberdade e afirma o quanto nós, educadores, precisamos estar comprometidos. A diferença entre uma educação que combata o racismo para uma que seja antirracista é que nesta última, todo o assunto trabalhado precisa contextualizar a luta contra a discriminação, não apenas em conteúdos programáticos sobre o tema.

Nas aulas de Sociologia, abordei essa discussão, observado na Figura 35, *print* da gravação do poema Eu me levanto de Maya Angelou, a gravação foi disponibilizada na plataforma, para os discentes realizarem um atividade sobre a luta por direitos do povo preto.

Figura 35 - Print da aula de Sociologia sobre o racismo



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O ensino das Ciências Humanas, destacando Filosofia e Sociologia se fazem indispensáveis no contexto pandêmico e entre ameaças, a partir de 2018 (RESOLUÇÃO Nº 4, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2018) regulamentando a BNCC, que entrou em vigor em dezembro de 2020. Muito se discutiu sobre a BNCC, o que orientou a Constituição de 1988 sobre o que nesta discorre sobre a Educação no território nacional, posteriormente à LDB (9.394/96), Gonçalves (2018) assevera que no ano de 2014, a criação de uma Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica volta a ser debatida o que resulta no Plano Nacional de Educação (PNE - Lei 13.005/2014), o qual determina diretrizes, metas e

estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024, e segundo ele, os debates não atendiam a todas as urgências apontadas. Entre as discussões, negociações e o documento final, muitas ideias se perderam:

Sabemos bem que o real interesse das fundações privadas e congêneres na construção de uma Base Nacional é criar um modelo de educação a ser seguido, para que seus especialistas possam comercializar materiais e métodos que estejam em consonância com a BNCC. (GONÇALVES, 2018, P23)

Tais interesses que, segundo Gonçalves (2018), eram estabelecer uma Base Nacional, determinando conteúdos e orientações para uma educação nacional, avaliada nacionalmente com um sistema unificado, hierarquizando os conhecimentos em valores que reforçam as desigualdades que a Educação pretende combater e dificulta promover a educação antirracista.

Na prática, essas mudanças viabilizaram o Novo Ensino Médio que, entre outros retrocessos, a partir de 2022 diminui as horas das aulas de Filosofia e Sociologia nesse. Estas são disciplinas que volta e meia estão ameaçadas e/ou são retiradas dos currículos, um dos motivos que nos deu um ânimo a mais para que ministrássemos essas disciplinas na pandemia.

Mesmo com a precariedade de infraestrutura que a SEEDUC RJ nos ofertou, mesmo sem dominar o fazer docente nas plataformas, sem um espaço adequado nas nossas casas, com uma internet sem estabilidade, sabendo que nem todas e todos teriam acesso à educação online, nos empenhamos nas nossas aulas de Filosofia e Sociologia pois acreditamos que estas são importantes para a formação de um sujeito com senso crítico e autônomo. Um sujeito que saiba reconhecer a importância do conhecimento científico, de escolher governantes que implementem políticas públicas com garantias de acesso à educação de qualidade e tendo uma consciência antirracista.

Figura 36 - Foto do último encontro presencial



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Esta foto (Figura 36) foi feita no nosso último encontro presencial com alunas e alunos do 3º ano do Ensino Médio, quando conversamos a respeito de diversas questões, sobre estarmos vivos, não termos perdido alguém próximo e o afeto e carinho que tínhamos uns pelos outros. Foi um alento, choramos e sorrimos, era como se o tempo não tivesse passado. Mas houve um consenso de que era necessário ter esperança no amanhã, nos agarrando às oportunidades que se apresentassem a nós. Trocamos sobre o que aprendemos nesse período, algumas dúvidas acerca de como seria o fechamento daquele ano letivo. Elas e eles expressaram suas dificuldades em estudar online e comentaram sobre a última roda de conversas, na qual discutimos sobre o racismo e entendemos, juntas e juntos, que, na vida, não basta não ser racista é preciso ser antirracista.

## CONCLUSÕES A PARTIR DAS TECITURAS TRAMADAS

*“Vivemos esperando  
Dias melhores  
Dias de paz, dias a mais  
Dias que não deixaremos  
Para trás”  
Dias melhores, Jota Quest, 2000.*

Essa canção do Jota Quest, lançada nos anos 2000 se faz muito atual após vinte e dois anos. A pandemia ainda não acabou e as transformações que ela nos impôs, não só na educação mas na sociedade foram muitas.

Na construção desta pesquisa, aprendi muito. Sou professora da rede estadual há quase quinze anos e nestes anos de pandemia intensifiquei meus estudos e atualizações relacionados à prática docente, uma vez que as aulas online exigiram habilidades que eu antes não havia exercido. Ao mesmo tempo, iniciei esta pesquisa, objetivando construir conhecimento a partir das minhas práticas, amparada pelo grupo de pesquisa, Educiber, que não só me apresenta teóricos e suas respectivas contribuições mas me faz pensar em como fazer ciência no cotidiano.

Durante a construção desta pesquisa, fui professora do Ensino Médio com as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Sociologia da Educação nas duas escolas de que faço parte Colégio Estadual Barão de Mauá e Colégio Estadual Monteiro Lobato ambas em Xerém – Duque de Caxias RJ.

Sendo esta pesquisa uma compreensão de como os fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede impactaram nos processos de *‘aprendizagemensino’* das disciplinas de Filosofia e Sociologia, em um período no qual a prática docente aconteceu exclusivamente online (entre os meses de abril a agosto de 2020) de duas das treze turmas que lecionava. Tendo por orientação o objetivo geral e os questionamentos que emergiram deste, retomo-os a seguir trazendo algumas conclusões.

- Quais os conhecimentos abordados nas disciplinas de Filosofia e Sociologia no contexto da pandemia numa Escola de Ensino Médio do Rio de Janeiro?

A Educação foi ressignificada nas práticas compreendidas nesta pesquisa, reafirmando sua importância na construção do conhecimento e no poder de transformação do sujeito (praticante cultural da pesquisa), o tornando autônomo e promovendo transformação na sociedade, numa perspectiva freireana, reconfigurando o fazer educacional no ciberespaço

sem abandonar as diretrizes existentes, nas quais os fenômenos da cibercultura teceram redes de ‘*conhecimentossignificações*’.

Após muitas trocas e aprendizado iniciamos a educação remota, online em caráter extraordinário. Fizemos algumas adequações dos conteúdos estabelecidos para o ano letivo de 2020 e suas necessidades, os temas que circulavam no ciberespaço, nas práticas ciberculturais. Utilizamos-nos de vídeos, videoaulas, filmes, documentários, *memes*, charges, entre outros e atividades de análise e compreensão dos conteúdos abordados. Poucas alunas e alunos, dos que tinham acesso à plataforma *Google Classroom*, participavam das aulas ao iniciar esse “novo normal” educacional.

O ensino de Filosofia e Sociologia reafirmou sua relevância, pois com tantas *Fake News* sobre a prevenção da Covid 19, minimizando o potencial devastador desta e todo o uso político feito pelos que no poder, pensaram, erradamente, que poderiam controlar a pandemia a seu favor. Com o conhecimento construído, o discente é capaz de avaliar as informações confiáveis, necessárias à manutenção da vida e ao enfrentamento do vírus, em busca de extinguir a pandemia.

- Como pesquisar e vivenciar a ciberpesquisa-formação multirreferencial nos cotidianos dos professores da Educação Básica?

A ‘*aprendizagemensino*’ de Filosofia e Sociologia aconteceu no ciberespaço mas permanecem a práxis, que segundo Barbier (2002), reconhece todas e todos que teceram esses conhecimentos aqui contidos como pesquisadoras e pesquisadores em potencial.

Período que o cotidiano era o temor da morte, da perda de um ente querido e a imposição de não poder sair de casa, o que me afetou. Em meio a essas angústias, eu estava aprendendo a fazer pesquisa com/no cotidiano.

Tudo que compõe nosso cotidiano nos constitui e estão presentes nos conhecimentos compreendidos. As músicas, as manifestações artísticas como um todo, trazidas nas epígrafes dos capítulos, estão relacionadas aos movimentos que as pesquisas com os cotidianos seguem/provocam. É um fazer ciência nas vivências e a música está presente na nossa cultura. Nas vivências, os teóricos que estudamos, os sons, os cheiros, os gostos e os sentimentos nos constituem e aos conhecimentos que percebemos, entendemos e produzimos (ALVES, 2001).

Bricolando as epistemologias cotidianista, compreendendo a escola, que aconteceu online a partir das narrativas dos praticantes culturais, e multirreferencial, orientados por Macedo, propusemos uma ciência, entendendo a alteridade, utilizamos dispositivos que nos ajudaram na compreensão e na construção desta pesquisa, como as rodas de conversas online

e conversas de *WhatsApp*, que foram analisadas a partir da compreensão dos praticantes culturais da/na pesquisa na qual me incluo, como professora e pesquisadora em construção.

Esta é uma ciberpesquisa- formação pois legitimou os *'saberesfazeres'* que circularam nos *'espaçostempos'* os quais geraram *'conhecimentossignificações'*, compreendidos aqui a partir das narrativas dos praticantes culturais desta pesquisa.

- Como as rodas de conversas online possibilitaram os *'fazerespensares'* do currículo de Filosofia e Sociologia?

O conteúdo programático de Filosofia e Sociologia, que foi o objeto de estudo desta, contextualizado com as inquietações e indignações, das quais emergiram nas narrativas dos praticantes culturais nas rodas de conversas e nas conversas de *WhatsApp*. Permitiram que *'discentesdocentes'* se autorizassem, se tornando coautores de si, como sujeitos sociais, segundo Macedo “autonomizações curriculantes”, pois não só criam conteúdos e postagens, como também deram sentidos aos processos de *'aprendizagemensino'* no ano de 2020.

As rodas de conversas, foram táticas que emergiram das práticas docentes como aproximação das/dos educandas/os pelas/os professoras/es, a partir de seus *'saberesfazeres'* como *'praticantespensantes'* nos *'espaçostempos'* na pandemia, ainda que novo, mas não desconhecido, na construção coletiva dos *'saberesfazeres'* e, também, dispositivo que, através da compreensão, gerou esta pesquisa.

Estas possibilitaram ressignificação e reconhecimento de saberes, a partir das experiências dos mesmos. Promovendo a horizontalização das relações de poder, com os sujeitos que as compõem. Descentralizando a figura do professor do foco do processo, e fazendo emergir a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso dos praticantes, já que todas e todos os envolvidos na pesquisa são produtores de conhecimento.

Fundamentadas na práxis freireana, como “um círculo de cultura”, propondo pensar a partir de suas condutas sociais e aos desafios que emergem a partir das práticas sociais. Em roda não há hierarquia, todas e todos contribuem e conversar é prazeroso, aquece o coração e também nos faz aprender e ensinar, ao mesmo tempo, construindo conhecimento a partir de nossas vivências e apreensão sobre as informações em redes.

A educação online na pandemia teve um caráter de (r)existência. Com um “novo normal” no fazer docente, que se utilizou de uma ambiência diferente, mas com os mesmos objetivos de sempre, promovendo *'aprendizagemensino'* que dê autonomia ao educando, desenvolvendo neste o senso crítico. Sem ignorar que a luta pela vida, em qualquer circunstância, é o mais importante. O que não acontecerá sem a Educação e sem a produção de conhecimento. A proibição ao uso do celular deu lugar ao uso do celular na/para a escola.

O potencial comunicacional dos fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais em rede, fenômenos da cibercultura, na pandemia mediaram processos de *'aprendizagemensino'* nas disciplinas de Filosofia e Sociologia.

A transmissão de conteúdo, que, na educação, antes da pandemia, era centrada no professor, deu lugar à interatividade entre docentes e discentes, praticantes culturais, os quais deram sentido à escola, conforme suas demandas e seus objetivos.

- Como a comunicação *'discentesdocentes'* permeou o ensino de Filosofia e Sociologia online na pandemia, mediada pelas redes de conhecimento na relação cotidiano-ciberespaço?

Neste processo a comunicação acontecia exclusivamente pelo *WhatsApp*, grupos de turmas, grupo de equipe diretiva e docente, grupo com poucos docentes e conversas no privado, essas possibilitando que o ensino de Filosofia e Sociologia. As reuniões síncronas, pelo *Google Meet* nos fazia esquecer a distância, a pandemia e suas consequências, as reuniões duravam mais tempo do que o previsto, porque compartilhávamos nossas angústias e incertezas; ao fim, acabávamos conduzindo as conversas para assuntos leves e engraçados.

Em tempos em que não só o distanciamento físico aconteceu, mas, também, o distanciamento do conhecimento científico, o que nos faz pensar em um dos movimentos da pesquisa que a pesquisadora Nilda Alves (2001) propõe, ao fazer ciência que é narrar a vida e literaturizar a ciência (citado na metodologia). Os questionamentos e discussões necessárias à temática tratada devem ser compreendidos pelos praticantes culturais da pesquisa, a fim de que se reconheçam nas narrativas. Escrevendo de forma clara, criativa e atraente aos leitores, se valendo de elementos culturais do cotidiano compreendido.

Esta pesquisa evidenciou a potência que as novas tecnologias e os *'conhecimentossignificações'* circulantes nas redes têm na educação. Haja visto a atuação dos discentes na educação remota, online extraordinária, a partir das narrativas e conversas trazidas, a agência dessas alunas e desses alunos precisam ser reconhecida. Eles construíram os currículos junto conosco e mostraram que se elas e eles forem incluídos no processo, elas e eles têm muito a nos ensinar.

O conhecimento científico não pode ser negado, pois este nos possibilitou a vacina que tem se mostrado eficaz na batalha contra a Covid-19. Porém este foi utilizado como forma de poder, elitizando e elencando saberes mais e/ou menos valorizados. Todo conhecimento é importante, contudo deve ser discutido e se deve refletir sobre sua produção e seus compartilhamentos.

A pandemia ainda não acabou pois o enfrentamento do corona vírus precisa ser em conjunto, compartilhado. Enquanto alguns estão tomando a 3ª ou 4ª dose da vacina, milhares ainda não tomaram nem a 1ª dose. Uns não o fizeram por negacionismo mas muitos, principalmente em países pobres, por não terem acesso a ela.

Justificando a defesa do ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, sem redução de carga horária na rede pública. Para a permanência da raça humana temos que combater não apenas doenças ou vírus, como o coronavírus, mas a opressão, o racismo e as desigualdades, que se apresentam em diferentes contextos afetando as mesmas pessoas. E o ensino de Filosofia e Sociologia fomentam esses combates.

As novas tecnologias são imprescindíveis para uma educação que desenvolva o senso crítico, sendo capaz de interpretar as informações veiculadas, tendo empatia pelos que sofrem com as desigualdades sociais e possibilitando que esses encontrem argumentos e caminhos para lutar contra as desigualdades e contra o racismo. Mas para que isso aconteça se faz necessário a implementação de políticas públicas que tornem acessível aos discentes conectividade à internet e dispositivos como, computadores, tablets ou notebooks.

Nós, *'discentesdocentes'*, através da comunicação, das conversas nas janelas quadradas, umas embaixo das outras, ressignificamos a educação na pandemia. Das trocas, das conversas, emergiram narrativas que nos fizeram entender: que a pandemia nos impôs um “novo normal”, no qual tudo acontecia online e precisávamos aprender, juntas e juntos, o *'aprenderensinar'*; entender que passar de ano era muito mais do que concluir o Ensino Médio, era pensar que venceríamos a Covid-19 e seguiríamos a vida. Entendemos que os problemas da educação, nesse período específico, não se resumiam à ambiência online mas, sim, por nem todos terem acesso à internet, aos dispositivos, à um lugar apropriado em casa para estudar e/ou por não terem estrutura financeira para estudar sem ter que trabalhar, consequências das desigualdades, que já existiam na educação e na sociedade, se evidenciaram nas redes.

Não só as desigualdades de acesso às aulas online pelos motivos já citados mas, também, as desigualdades que reafirmam o racismo na sociedade. Os conteúdos abordados no ensino da Filosofia e Sociologia combatem o racismo, mas os acontecimentos na pandemia evidenciaram que não tem sido o suficiente, tornando claro que precisamos de uma educação antirracista.

Apontando a educação como um caminho que possibilita que as pessoas se transformem e, com ações, transformem o mundo, essas conclusões evidenciaram que:



O ensino de Filosofia e Sociologia é relevante na formação do sujeito social; a partir do seu ensino aprendemos, que existem sentidos para a escola, no plural. E essas disciplinas propõem reflexões e debates, possibilitando ao educando a escolher que sentido da escola o favorecerá. Observando que a grade proposta no Novo Ensino Médio seja revista, pois neste não fica clara a permanência dessas disciplinas, conseqüentemente, a carga horária que se estabelecerá para essas.

Se fazem necessárias políticas públicas que fomentem a formação continuada aos profissionais da educação, não só oferecendo vagas em cursos mas garantindo que todos os que desejam cursar a tenham.

Acesso aos discentes e docentes o acesso a novas tecnologias e conexão de internet com qualidade fomentando práticas formativas que possibilitem a circulação nas redes educativas.

A eminência da morte, imposta por um vírus, aliada a uma histórica perseguição das disciplinas de Filosofia e Sociologia, me ajudaram a compreender a *'aprendizagem ensino'* destas na pandemia, que foi o objeto de estudo desta pesquisa.

O contexto pandêmico promoveu uma profunda mudança na sala de aula tradicional e aprendi a fazer ciência a partir da minha prática, chegando a conclusões que me impulsionam a continuar essa compreensão iniciada. A educação online se manteve na rede estadual até a metade de 2021. Que legado a educação online deixou após a volta das atividades presenciais na escola? Que impactos terá na formação do educando que iniciou o Ensino Médio em 2020, na educação online, passou pela educação híbrida e no ano de 2022, concluindo sua educação básica na ambiência presencial? Como foi a (re)adaptação dos discentes e docentes à educação presencial? E a comunicação estabelecida em 2020 entre discentes e docentes permaneceu?

Questões que necessitam de uma nova pesquisa, em uma outra etapa de estudos, para construir essa percepção. O importante foi o conhecimento construído, cujo objetivo foi compreender os *'saberes-fazer'* no contexto periférico, na região metropolitana do Rio de Janeiro, a qual, ao mesmo tempo em que traz um contexto próprio, também pode ser referencial em outros contextos, de outros processos formacionais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. C. de. OLIVEIRA, R. dos S. SANTOS, E. O dos. A discursividades dos memes – mimetizando-se nas redes educativas. **Revista Periferia**, v.11, n.2, p.57-89, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39246/29627>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- ALVES, Nilda. Currículos em ‘espaçostempos’ não escolares isso existe? – redes educativas como o outro em currículo. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; FAVACHO, André Márcio Picanço. **Políticas e práticas curriculares: desafios contemporâneos**, Curitiba. PR: CRV, 2012. p.160-182.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Ines Barbosa de; ALVES, Nilda. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.1-8
- ALVES, Nilda. Questões epistemológico ‘uso’ cotidiano das tecnologias. IV Encontro dos núcleos de Pesquisa da Intercom (NP 11 – **Comunicação Educativa**). Porto Alegre: PUC-RS, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/141498383787419673618328094799504121700.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: Oliveira, I. B.; Alves, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3 ed. Petrópolis: DP & A, 2008. p.15-48.
- ALVES, Nilda (coord.). **Educação e supervisão: o trabalho coletivo na escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Nilda. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- ALVES, Nilda. Sobre novos e velhos artefatos curriculares – suas relações com docentes, discentes e muitos outros. In: FERRAÇO, C. E. (org.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovel, 2001. p. 71-83.
- ALVES, Nilda. (org.) **Criar currículo no cotidiano**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- AMARAL, Mirian Maia. **Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online**. 239 f. Tese (Doutorado em Educação e Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2014.
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra N.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: Oliveira Inês; Peixoto, Leonardo; Sússekind, Maria. Luiza. (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-41.

ARDOINO, J. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Editora Plano, 2003.

ARMANDINHO. **Tirasbeck.blogspot.com**. 2016. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/150815257424/tirinha-original>. Acesso em: 3 dez 2020.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Editora Plano, 2002.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Uma escola multirreferencial: a difícil arte de se autorizar, o pensamento plural de Jacques Ardoino e a educação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). **Jacques Ardoino e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.36-63.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 jun. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111684.htm). Acesso em: 12 jul. 2021.

CÂNDIDO, Celso. **A filosofia no ciberespaço**. Filosofia e ensino: a filosofia na escola. Ijuí: Ed Unijuí, 2005.

CARDOSO, Carlos. Notas para uma geografia do ciberespaço. **Pretextos**: Jornal Eletrônico da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pretextos/>. Acesso em: 08 set. 2005.

CARVALHO, Janete Magalhães. Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 94-111.

CASSIANO, Gabriel. “Essa gente se superando como sempre!! (...)”. 29 set 2020. **Facebook**: usuário Gabriel Cassiano. Disponível em: <https://www.facebook.com/gabrielcassianosp/posts/essa-gente-se-superando-como-semprerealizassem-nossos-professores-como-dever/690592978239220/>. Acesso em: 3 dez 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** - a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, L. H. M. de. SANTOS, R. dos. **Ambiências Formativas em Tempos de Pandemia os fenômenos da cibercultura e a atuação docente**. Capítulo de livro no prelo. 2021.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Painel TIC COVID-19: **Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus**, 2020. Disponível em: <  
[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel\\_tic\\_covid19\\_1edicao\\_livro%20e-letr%C3%B4nico.pdf/](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20e-letr%C3%B4nico.pdf/)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: Educação Na Pandemia Da Covid-19. **Interfaces Científicas**. Aracaju, v. 8, n 3, p. 200 -217, 2020

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia da juventude. **Onda Jovem**, São Paulo, n. 1, p. 34-37, mar./jun. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7362441-Por-uma-pedagogia-da-juventude.html> . Acesso em: 20 fev. 2022.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DURKHEIM, Émile. **Lições de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

Feijole de Oliveira, A. C. A., Santos, C. M., & Farias, L. A. de. (2021). Os fenômenos da cibercultura e os impactos da pandemia na educação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - SIMEDUC, 10., 2021.<  
<https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14851>> Acesso em: 10 nov 2022.

FERREIRA, Gustavo Augusto da Silva. O ensino da filosofia na educação básica brasileira: entre o senso crítico e a formação cidadã. **LAMPEJO**, Fortaleza – CE, v 1, n. 8, p. 176 -183, 2º Semestre de 2015. Disponível em: <http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-8/13%20Ensaio%20-%20E%20ensino%20da%20Filosofia.pdf>. Acesso: 23 nov 2021.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOERGEN, Pedro. Apresentação. In. SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**, Praxis 2ª Reimpressão CAMPINAS, SP, 1998. Disponível em: <http://www.geocities.ws/grupoepisteduc/arquivos/tesegambo.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GONÇALVES, Rafael Marques. **Bricolagens praticadas e políticas práticas de currículos nos cotidianos escolares**. 2018. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 9., 1999. Porto Alegre, set. 1999. Disponível em: <[http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber\\_cenario.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html)>. Acesso em: 08 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Martins Fontes, 2013

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**. Ano 10, n. 21. Porto Alegre, jan/jun, 2004. p. 97-121. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/dk7PQz7xCPFXHWNPBwYNPTR/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LEMOS, André, PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Janelas do ciberespaço**: comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Editora Meridional. 2001.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade: Em direção a uma “Cultura Copyleft”? **Contemporânea**, v.2, n. 2, dez. 2004. p 9-22. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trab. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

LINDBERG, Christian. **O ensino de Filosofia e a reforma educacional: o que fazer?** ANPOF, 05 abril 2019. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/2052-o-ensino-de-filosofia-e-a-reforma-educacional-o-que-fazer>. Acesso em: 23 nov 2021.

MACEDO, Roberto Sidney. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador:EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília – DF: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em ato?** Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei, ATOS DE CURRÍCULOS: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n.3,p.427-435,set./dez.2013. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/macedo.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei, **Um Rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel ; prefácio Remi Hess. - Salvador : EDUFBA, 2009.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, p. 79-111, ano 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15529>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Hipertexto e Gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas** [et al], organizadores; participação de Pierre Dominicé ; prefácio, Álamo Pimentel. - Salvador: EDUFBA, 2012. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16737/1/curriculo%20e%20processos%20formativos.pdf> Acessado em 13 out.21.

Maria Paula Meneses. Epistemologias do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], n. 80, p. 5-10, mar. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/689>. Acesso em: 21 jul. 2021

OLIVEIRA, Ana Carla Araujo Feijole; STORINO, André Luiz Bernardo; SANTOS, Rosane Barros dos. Rodas de conversa online como caminho de aproximação em tempo de pandemia.

**UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 29, 1-7, 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/17730/209209215462>. Acesso em: 11 fev 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículos em espaços não escolares: aprendizagens cotidianas e redes de conhecimento para além da escola. In: PARAÍSO, Marluce; VILELA, Rita Amélia; SALES, Shirlei Rezende (Orgs). **Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

OLIVEIRA, I. B. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Ferrazo, C. E.; Carvalho, J. M. (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP&A, 2012. p. 47-70.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 57, n. 2.: abr/jun. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200006&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200006&script=sci_arttext). Acesso em: 11 fev. 2021.

PRETTO, Nelson De Luca. **Reflexões: ativismo, redes sociais e educação**. Salvador: EDUFBA, 2013.

RAMAL, A.C. **Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REZENDE, Constança. Weintraub diz que não quer mais sociológico, antropólogo e filósofo com dinheiro público... **Revista Veja**. Online. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2020/06/14/ministro-da-educacao-diz-que-nao-quer-mais-sociologico-antropologo-e-filosofo-com-dinheiro-publico.htm>. Acesso em: 03 dez 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. <http://www.stiueg.org.br/Documentos/7/582.pdf> Acesso em: 11 jul. 2021

ROCHA, Adauto Galvão da. **Representações sociais sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação: novos alunos, outros olhares**. 2009. Dissertação. Universidade Católica de Santos, Santos, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/155/1/Adauto%20da%20Rocha.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

RODRIGO, Lidia Maria. Filosofia no Ensino Médio: Metodologia e Práticas de Ensino. **Cadernos do NEFI**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2018/01/4077-14208-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ROMANO, F.G. **A luta em defesa da Sociologia no Ensino Médio (1996-2007): um estudo sobre a invenção das tradições**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2009.

SALES, Shirlei Rezende (Orgs). **Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SANTAELLA, Lucia. A crítica das mídias na entrada do século XXI. In: PRADO, J. L. A. (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hackers Editores, p. 139- 248, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? In: CYPRIANO, F. (org.). **A pós verdade é verdadeira ou falsa** [recurso eletrônico]. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial**. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação online. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 49, p. 267-287, 2009. Disponível em: <https://informaticanaeducacao.uniriotec.br/2017/10/25/educacao-online-aprenderensinar-em-rede/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. ISBN 978-85-7559-776-7

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI. 2019.

SANTOS, R. dos. **Formação de formadores e educação superior na cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook**. 2015. 185p. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://152.92.4.120:8080/bitstream/1/10398/1/Tese\\_Rosemary%20dos%20Santos.pdf](http://152.92.4.120:8080/bitstream/1/10398/1/Tese_Rosemary%20dos%20Santos.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2021.

SCHEVISBISKI, Renata. **Metodologias de ensino de Sociologia: o Projeto "Oficina de Idéias"**. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/oficina\\_ideias\\_metodologia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/oficina_ideias_metodologia.pdf) Acesso em: 23 nov. 2021.

SILVA, Adriana da. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula. 2012. 74 f.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121152>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SILVA, Edmilson Cardoso da. **Metodologias para o ensino de Sociologia no Ensino Médio: um estudo comparativo**. Sumé - PB: [s.n], 2020. Disponível e: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/12647/1/EDMILSON%20CARDOSO%20DA%20SILVA%20-0DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PROFSOCIO%202020.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SILVA SOARES, M. H.; DAMASCENO COSTA, R. L. . **Sobre a educação como prática de liberdade: Lições e diálogos entre Paulo Freire e Bell Hooks**. Kalagatos, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–145, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v16i2.6592. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6592>. Acesso em: 7 jan. 2022.



SOJA, Edward. **Geografia pós-moderna: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

STORINO, A. L. B.; OLIVEIRA, A. C. F. (R) Existir de um coletivo de alunas: Os primeiros passos. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 82–90, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7813>. Acesso em: 11 jul. 2021.

SOUZA, R.F. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez Ed., 2008.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Internet na educação: o professor na era digital**. São Paulo: Érica, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humana**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VALLE, Rogério. **A experiência da FNM**. Rio de Janeiro, GPCT/Coppe/UFRJ , 1983.

**ANEXO A - Carta de Anuência**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO  
 EM PERIFERIAS URBANAS –PPGECC

Declaro, para os devidos fins que o Colégio Estadual Monteiro Lobato sabe do interesse na realização da pesquisa intitulada Tecendo redes educativas no ensino de Filosofia e Sociologia na pandemia, sob responsabilidade da pesquisadora principal Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira com a orientadora Rosemary dos Santos, no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Periferias Urbanas- Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF UERJ e não se opõe à realização desta.

Declaro estar ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada e concedo a anuência para seu desenvolvimento nesta instituição.

Nome do(a) responsável pela instituição	Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição	Data: ___/___/____
---	---	--------------------

Rua General Manoel Rabelo, S/N.  
 Vila São Luís - Duque de Caxias  
 CEP: 25065-050  
 Telefone: (21) 3657-3021  
 E-mail: ppgecc.uerj@gmail.com

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do responsável pela instituição: _____
---

**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Maiores de Idade**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO  
EM PERIFERIAS URBANAS –PPGECC

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada **Filosofia e Sociologia nas rodas de conversas online: O que a pandemia nos ensinou?**, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF - UERJ) e que diz respeito a uma dissertação de mestrado.

1. **OBJETIVO:** O objetivo do estudo é compreender como as redes educativas no ensino de Filosofia e Sociologia são tecidas nas práticas escolares na pandemia.
2. **PROCEDIMENTOS:** a sua participação consistirá em: conversas no WhatsApp e as gravações de quatro rodas de conversa online, que aconteceram pelo Google Meet entre abril e agosto de 2020, e uso da sua imagem.
3. **POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo pois as conversas de whatsapp já aconteceram bem como as rodas de conversas. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: a contribuição no processo educacional pois as conversas aconteceram para melhorar o ensino extraordinário online estabelecido na pandemia da Covid 19.
4. **GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Seu nome será citado. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.
5. **LIBERDADE DE RECUSA:** a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a

qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Ana Carla Araujo Feijole de Oliveira pelo telefone (21)979656966 e email: anacfeijole@gmail.com

CONSENTIMENTO:

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:	Data: ___/___/___.
--------------------------------	--------------------

Eu, \_\_\_\_\_ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora:	Data: ___/___/___.
-----------------------------	--------------------

Rua General Manoel Rabelo, S/N.  
Vila São Luís - Duque de Caxias  
CEP: 25065-050  
Telefone: (21) 3657-3021  
E-mail: ppgecc.uerj@gmail.com

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do(a) participante: _____
---